

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA SOCIAL E DO TRABALHO

CLARISSA BORGES MÜLLER

**“Viver em comunidade não é tão ruim assim”: experiências de participação
comunitária e enraizamento no residencial Jardim Bassoli do Programa
Minha Casa Minha Vida**

SÃO PAULO
2021

CLARISSA BORGES MÜLLER

“Viver em comunidade não é tão ruim assim”: experiências de participação comunitária e enraizamento no residencial Jardim Bassoli do Programa Minha Casa Minha Vida

Versão Corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Psicologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Bernardo Parodi Svartman

SÃO PAULO

2021

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Borges Müller, Clarissa

Viver em comunidade não é tão ruim assim: experiências de participação
comunitária e enraizamento no residencial Jardim Bassoli do Programa Minha
Casa Minha Vida / Clarissa Borges Müller; orientador Bernardo Parodi Svartman. --
São Paulo, 2021.

147 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) --
Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2021.

1. Comunidade. 2. Enraizamento. 3. Humilhação Social. 4. Programa Minha
Casa Minha Vida. 5. Jardim Bassoli. I. Parodi Svartman, Bernardo, orient. II.
Título.

Nome: MÜLLER, Clarissa Borges

Título: “Viver em comunidade não é tão ruim assim”: experiências de participação comunitária e enraizamento no residencial Jardim Bassoli do Programa Minha Casa Minha Vida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestra em Psicologia Social.

Aprovada em: 1º de outubro de 2021.

Banca Examinadora

Prof. Dr.: Bernardo Parodi Svartman

Instituição: USP

Julgamento: Aprovada

Profª. Dra.: Maria da Graça Marchina Gonçalves

Instituição: PUC-SP

Julgamento: Aprovada

Prof. Dr.: Carlos Roberto de Castro e Silva

Instituição: UNIFESP

Julgamento: Aprovada

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço Fabiana, Lindineide, Madalena, Marcelo e Renata, moradoras do Jardim Bassoli que toparam participar dessa jornada comigo. Cada palavra escrita aqui busca honrar as histórias que partilhamos. Muito obrigada pela confiança e carinho.

Em segundo lugar, agradeço Bernardo. Preciso me controlar para não parecer exagerada e puxa-saco. Mas a verdade é que sou muito grata, mesmo, por você ter acreditado em mim, na pesquisa e ter construído os caminhos deste estudo com tanta generosidade e acolhimento. Suas leituras e apontamentos me traziam nitidez e segurança. Muito obrigada.

Agradeço ao Instituto Elos, pelo acolhimento, pelas tantas oportunidades de aprendizado e desenvolvimento, por ser um exemplo de comunidade que me inspira. Muito obrigada.

“Palmas para a gente!” Quantas idas e vindas a Campinas, quantas aventuras. Agradeço ao time do projeto Escola de Transformação por tudo que vivemos juntas, em especial Herbie, Pati e Bruna. Estendo o agradecimento a Alê, Gabi e Leleu, por todos os bons momentos vividos em Campinas, Barão Geraldo e nos residenciais.

Agradeço Bento, que chegou a esse mundo enquanto eu colocava a mão na massa em um mutirão no Jardim Bassoli. O dia em que você aprender a ler, afilhado, dindinha te mostra esse agradecimento. Obrigada pela luz e alegria que me trouxe durante essa jornada (e todos os dias das nossas vidas). Te amo ao infinito e além!

“Amiga, você pode ler um parágrafo? É curtinho, só quero checar se está fazendo sentido.” Quantas vezes armei essa armadilha para ti, hein, Mari?! Agradeço muito por todos os pequenos/grandes parágrafos que você leu e pelas milhares de horas que me escutou e acolheu. Você é a melhor exemplar de rede de apoio que eu poderia sonhar na vida. Obrigada pela amizade e apoio, sempre.

“Miga, tu que é boa com mapas, que tal fazer um ‘bem simples’ para a minha dissertação?” mais uma que caiu nas minhas “trampas”, né, Caio!?! Obrigada, lindeza, por tanta parceria, na casa, no trabalho, na vida.

“Tô bem loca!” Quantas vezes você ouviu isso, Raul?! Sou muito agradecida por todas as bandejadas, conversas e momentos partilhados. Esta jornada ficou mais divertida com você. Obrigada.

“Má, que tu acha desse livro?” Obrigada por ter sido minha consultora oficial de quais livros valem a pena ser comprados, Marcela. Muito além disso, agradeço por todo o acolhimento e partilhas de saberes, querer e sentire.

“Como cê tá?” Você me manda essa mensagem justo no momento em que estou escrevendo estes agradecimentos. Agradeço você, Yuri, por tanta escuta e sintonia. Muito obrigada!

Agradeço aos demais colegas de orientação, especialmente Paula, Carla, Sol, Mirian e Bárbara, por todas as trocas e apoio. Em 2020, durante o isolamento social mais restrito, foi muito importante nossos encontros virtuais. Aquela uma hora e meia de cumplicidade: “está difícil para todas nós, mas estamos juntas”.

Agradeço a Gal e Maíra, amigas queridas, que fizeram a revisão de diversas versões desta dissertação. As dicas de escrita e o retorno emocionado de vocês sobre a qualidade do conteúdo me davam força nos momentos de insegurança. Agradeço também Maria Clara, que repaginou cinco vezes o arquivo quase, quase, quase final e Alex que apoiou na revisão do resumo em inglês. Muito obrigada!

“Você não está sozinha, eu estou aqui!” Obrigada, mamãe Marisa. Pelos braços sempre abertos, pela assertividade nas broncas e por me defender das piadas sem graça (e que eu não entendo) do Arlindo. Amo vocês!

“#homempretovivo” - Agradeço Kaike e suas vivências compartilhadas com a hashtag, que tanto me ensinam sobre racismo/antirracismo. As reflexões sobre raça presentes nesta dissertação são fruto da nossa convivência. Muito obrigada, compadre.

Agradeço a professora Maria da Graça Marchina Gonçalves pelas contribuições na banca de qualificação. Chamou minha atenção o formato cuidadoso com que elas foram entregues: em arquivo impresso, com os trechos e páginas sinalizadas. Quanto cuidado. Muito obrigada.

Agradeço ao professor Antônio Euzébio Filho pelas contribuições na banca de qualificação, pelos aprendizados partilhados em sala de aula e pelas conversas de corredor. Muito obrigada pelo incentivo e generosidade.

Agradeço a muitas amigas que estiveram ao meu lado, fisicamente ou não, e ofereceram apoio, carinho, figurinhas divertidas no whats para distrair a mente. Muito obrigada!

Agradeço filhote que chegará em algum momento do futuro para me tornar mãe. Aceitar o chamado da maternidade via adoção na fase final de um mestrado emocionante que se relaciona com o que faço - e com as construções sociais que vivo e acredito, torna este momento ainda mais especial e me dá confiança das escolhas tomadas até aqui.

Por fim, agradeço minhas raízes, simbolizadas nas mulheres que vieram antes de mim. Minha avó Maria Cipriana e minha mãe, Maria Eleusa. Assim como as Marias de Milton Nascimento, “uma gente que ri quando deve chorar. E não vive, apenas agüenta”. Honro e celebro minhas ancestrais.

“Eu que vinha de outras terras
Tratando das minhas feridas
Trazidas de uma vida aflita
Meus traumas Freud não explica
Eu encontrei a rosa
E me tornei roseiro”.

Mateus Aleluia

“Uma travesti em Campinas tem seu coração arrancado. Sobre o seu peito vazio o assassino deita a imagem de uma santa. *‘Quiéndijo que todo está perdido? / Yo vengo a ofrecer mi corazón’*, este famoso trecho da canção de Fito Páez, eternizada na voz de Mercedes Sosa, foi a primeira lembrança que me veio à mente depois da notícia deste crime bárbaro. O coração de Quelly da Silva não foi oferecido a ninguém. Ofereçamos os nossos em nome da vida, para que não nos sejam arrancados. Falemos de esperança e afirmemos a vida.”

Helena Vieira

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo investigar os fenômenos do desenraizamento e a luta por enraizamento ligados ao funcionamento do programa público de financiamento de moradias, no caso, o Programa Minha Casa Minha vida (PMCMV). A partir da atuação como mobilizadora social em projeto de desenvolvimento comunitário no residencial Jardim Bassoli, construído pelo PMCMV, surgiram questionamentos como: Quais serão os impactos das experiências de participação comunitária na relação das moradoras entre si e com o residencial? Quais as motivações das moradoras para participar de ações coletivas e permanecerem envolvidas em projetos e atividades comunitárias ao longo do tempo? Busquei responder a essas perguntas sistematizando minha experiência profissional no residencial e entrevistando em profundidade, com um roteiro semi-estruturado, cinco moradoras do Jardim Bassoli. Com o aporte teórico da Psicologia Social Comunitária e apoio de estudiosas do direito à cidade, estruturei a pesquisa empírica e realizei a análise dos dados coletados. Pude perceber com a pesquisa de campo que a saída abrupta da antiga moradia, a chegada no residencial, distante da centralidade e com diversos problemas estruturais, e os episódios de humilhação social vividos pelas moradoras são fatores que contribuíram para o desenraizamento. Em contrapartida, por meio dos depoimentos das moradoras, é possível afirmar que o engajamento em atividades comunitárias - como mutirões nas áreas de lazer do residencial, oficinas de artesanato e eventos culturais, atuou de forma significativa no enraizamento e na construção do sentido de comunidade como espaço de convivência, onde sofrimentos políticos são elaborados e um horizonte futuro de transformação social é vislumbrado.

Palavras-chave: Comunidade; Enraizamento; Humilhação Social; Programa Minha Casa Minha Vida

ABSTRACT

This dissertation aimed to investigate the phenomena of uprooting and the struggle for rooting connected to the functioning of the public housing financing program, in this case the Minha Casa Minha Vida Program (PMCMV). From my role as a social mobilizer in a communitarian development project at the Jardim Bassoli residential, buildt by PMCMV, questions arose such as: What will be the impacts of communitarian participation experiences in the relationship of residents with each other and with the residential? What are the residents' motivations to participate in collective actions and remain involved in communitarian projects and activities over time? I sought to answer these questions by systematizing my professional experience in the residential and interviewing in depth, with a semi-structured script, five residents of Jardim Bassoli. With the theoretical contribution of Community Social Psychology and support from scholars of the right to the city, I structured the empirical research and did the analysis. I could observe from the field research that the abrupt departure from the old house, the arrival at the residential, far from the centrality and with several structural problems, and the episodes of social humiliation experienced by the residents are factors that contributed to the uprooting. On the other hand, through the testimonials of the residents, it is possible to affirm that the engagement in community activities - such as joint efforts in the residential leisure areas, craft workshops and cultural events -, acted significantly in rooting, in building the sense of community as a living space where political sufferings are elaborated and a future horizon of social transformation is glimpsed.

Keywords: Community; Rooting; Social Humiliation; Minha Casa Minha Vida Program

LISTA DE SIGLAS

ABRAPSO	Associação Brasileira de Psicologia Social
ADUNICAMP	Associação de Docentes da Unicamp
BRT	Bus Rapid Transit (Ônibus de Trânsito Rápido)
CEF	Caixa Econômica Federal
COHAB-SP	Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo
CPAT	Centro Público de Apoio ao Trabalhador
CRPSP	Conselho Regional de Psicologia de São Paulo
DIST	Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Territórios
FSA	Fundo Socioambiental
GERSA	Gerência Nacional de Sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental
IPUSP	Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
LabCidade–FAU/USP	Laboratório Direito à Cidade e Espaço Público da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
PDE	Plano Diretor Estratégico
PlanHab	Plano Nacional de Habitação
PMCMV	Programa Minha Casa Minha Vida
PROGEN	Projeto Gente Nova
PSC	Psicologia Social Comunitária
RMC	Região Metropolitana de Campinas
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SEHAB	Secretaria de Habitação
SESC	Serviço Social do Comércio
SMTR	Secretaria Municipal de Trabalho e Renda

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista parcial do Jardim Bassoli	45
Figura 2 – Vista aérea do Jardim Bassoli	45
Figura 3 – Visita à escola estadual Antônio Carlos Lehman	52
Figura 4 – Atividade com jovens da Academia Educar DPaschoal no Jardim Bassoli	54
Figura 5 – Encontro Comunitário (Vivência Oasis)	55
Figura 6 – Atividade Olhar (Vivência Oasis)	56
Figura 7 – Atividade Afeto (Vivência Oasis)	57
Figura 8 – Atividade Sonho (Vivência Oasis)	58
Figuras 9 e 10 – Atividade Cuidado (Vivência Oasis)	59
Figura 11 – Atividade Cuidado (Vivência Oasis)	60
Figura 12 – Revitalização da calçada (mutirão)	62
Figura 13 – Pintura da quadra (mutirão)	62
Figura 14 – Roda de capoeira (Celebração)	63
Figura 15 – Jovens apresentando seus planos para a quadra (Encontro de Re-evolução)	64
Figura 16 – Escrita coletiva para o edital de projetos comunitários	66
Figura 17 – Cine Quadra (Bassoli dos Nossos Sonhos)	67
Figura 18 – Grupo Artes Bassoli com os materiais dos Correios	68
Figura 19 – Visita à Cooperativa Antônio da Costa Santos	69
Figura 20 – <i>Frame</i> do documentário Rimando no Bassoli	70
Figura 21 – Crianças ensinando adultas (oficina de percussão)	71
Figura 22 – Roda de fechamento (Visita de Inspiração)	72
Figura 23 – Jardim do Condomínio O	74
Figura 24 – Antônio exhibe carro de madeira feito por ele	74
Figura 25 – Rafinha e Maria apresentam a maquete coletiva	75
Figura 26 – Praça da entrada do Jardim Bassoli antes da intervenção	76
Figura 27 – Encontro comunitário no salão de festas do condomínio C	77
Figura 28 – Time do talento em ação	78
Figura 29 – Ivonete (à esq. de boné) e algumas vizinhas durante o mutirão	79
Figura 30 – Grafite realizado por moradoras após mutirão	80
Figura 31 – Encontro comunitário (abril 2018)	81
Figura 32 – Encontro comunitário (maio 2018)	81
Figura 33 – Mapa com local de origem das moradoras entrevistadas	95

SUMÁRIO

PARTE I – RAÍZES	14
CAPÍTULO 1 - “PERMITA QUE EU FALE, NÃO AS MINHAS CICATRIZES.”	14
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 2 - “EXISTE MUITO DE RACIONAL ESCONDIDO SOB O LEITO DESSE RIO DE AFETOS.”	21
EMBASAMENTO TEÓRICO	21
COMUNIDADE: CONDIÇÃO ÉTICA DE CONVIVÊNCIA	24
COMUNIDADE: ELABORAÇÃO DE SOFRIMENTOS POLÍTICOS	25
COMUNIDADE: HORIZONTE UTÓPICO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL	27
ENRAIZAMENTO	29
METODOLOGIA	31
A ENTREVISTA	33
PARTICIPANTES	35
PROCESSOS E PROCEDIMENTOS DAS ENTREVISTAS	40
OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES	41
RESIDENCIAL JARDIM BASSOLI	43
CAPÍTULO 3 – “VEM COMIGO QUEM É DO BONDE PESADÃO!”	47
MEMÓRIAS DA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO NO JARDIM BASSOLI	47
ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO: PROPOSTA METODOLÓGICA	49
CICLO I	51
CICLO II	52
CICLO III	67
Visita de Inspiração	70
Mapeamento afetivo, show de talentos e mutirão	73
CICLO IV	80
DE TUDO O QUE VIVEMOS JUNTAS: O QUE FICOU?	82
PARTE II – DESENRAIZAMENTO	83
CAPÍTULO 4 - “EU VIM DE LÁ, EU VIM DE LÁ PEQUENININHO. (...) ALGUÉM ME AVISOU PRA PISAR NESSE CHÃO DEVAGARINHO.”	83
A SAÍDA DA ANTIGA MORADIA E A CHEGADA NO JARDIM BASSOLI	83
CAPÍTULO 5 – “A SENZALA MODERNA É O QUARTINHO DA	

EMPREGADA.”	96
EXPERIÊNCIAS DE HUMILHAÇÃO SOCIAL VIVENCIADAS POR MORADORAS DO JARDIM BASSOLI	96
PMCMV E O DIREITO À MORADIA	96
A QUESTÃO HABITACIONAL HOJE EM CAMPINAS	100
EPISÓDIOS HUMILHANTES	101
“VOCÊ NÃO TEM O DIREITO DE FALAR, PORQUE NÃO MORA LÁ.” FABIANA RIBEIRO.....	101
“VOCÊS TÃO TUDO NA PERIFA.” MARCELO SIQUEIRA	103
“QUAL FOI O CRIME QUE ACONTECEU LÁ DENTRO?” RENATA NASCIMENTO	105
PARTE III – ENRAIZAMENTO	109
CAPÍTULO 6 - “NÓIS É PONTE E ATRAVESSA QUALQUER RIO.”	109
RELATOS DAS MORADORAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA	109
CAPÍTULO 7 - “UM OUTRO LUGAR QUE A GENTE PODE HABITAR ALÉM DESSA TERRA DURA: O LUGAR DO SONHO.”	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
SÍNDICA E SUBSÍNDICA	119
ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO	120
EPISÓDIOS DE HUMILHAÇÃO SOCIAL	122
CANSAÇO.....	123
SUJEIÇÃO	123
MEDO	124
ALEGRIA	125
SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127
APÊNDICES	130

PARTE I – RAÍZES

CAPÍTULO 1: “PERMITA QUE EU FALE, NÃO AS MINHAS CICATRIZES.”¹

INTRODUÇÃO

A todo momento preciso recordar que este texto é requisito para meu título de mestra, pois o processo que me trouxe até aqui se iniciou com reflexões muito viscerais relacionadas ao meu fazer cotidiano em busca de equidade e justiça social. Os perigos de escorregar em uma narrativa cômica, dramática ou pessoal demais estão à espreita. Como diz Ignácio Martin-Baró (2017, p. 80):

“Nas ciências sociais o cientista não pode deixar de se sentir envolvido com os fenômenos que estuda, pois estes também se produzem nele. Se isso é verdade quando se aborda processos como memória, conhecimento ou emoção, o problema é ainda mais verdadeiro quando são abordados fatores que determinam a vida familiar, o trabalho cotidiano ou a definição do futuro.”

Reconhecendo que os perigos estão aí, trazendo-os para a consciência, permito que as palavras venham e se transformem nesta narrativa que compartilho em forma de dissertação.

Para que possamos estabelecer desde o início uma relação de confiança, peço licença para me apresentar: sou mulher cisgênera², branca, trabalhadora, lésbica e militante feminista. A perspectiva de onde parto para estruturar esta narrativa está perpassada pelas memórias que compõem minha identidade e meu fazer social. Como diz Silvia Federici (2019, p. 222, tradução livre):

“não podemos olhar para a vida social do ponto de vista de um sujeito social abstrato, universal e assexuado, porque as hierarquias raciais e sexuais que caracterizam a divisão social do trabalho no capitalismo, e especialmente a divisão entre o assalariado e o não-empregado produzem não apenas relações de poder desiguais, mas experiências e perspectivas qualitativamente diferentes sobre o mundo.”

¹Trecho da canção “AmarElo”, de Emicida com participação de PabloVittar e Majur, e trecho de Belchior. AmarElo é também nome de um álbum (2019) e documentário (2020) do rapper paulistano, que viraram símbolos de luta, poder do coletivo e esperança.

²Segundo Viviane Vergueiro (2015) cisgênera é a identidade de gênero de uma pessoa cuja experiência interna e individual de gênero corresponde ao sexo atribuído no nascimento a ela.

Confiança é fiar junto, tecer em coletivo. Esta pesquisa é fruto da fiação coletiva de memórias. Memórias da profissional que sou, atuante em projeto de desenvolvimento comunitário em residencial do extinto Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV)³ em Campinas, a Escola de Transformação. Memórias da trajetória acadêmica e, especialmente, memórias das moradoras do Jardim Bassoli que conheci durante a atuação em campo e revisitei durante as entrevistas e observações participantes.

Uma constante em minhas memórias é a busca por pertencimento, a qual me levou até o Instituto Elos⁴, que me permitiu encontrar as pessoas com quem dialogo nesta dissertação. O desejo por me sentir parte de algo, de reconhecer nas outras pessoas um pouco de mim mesma, me levou a projetos de desenvolvimento comunitário no papel de mobilizadora e facilitadora de grupos. Sentia-me em casa quando ficava assistindo novela com a Cris, no residencial Sírius, enquanto ela lavava a louça do almoço e me contava as novidades do bairro; ou quando chegava na casa da Dona Vilma, no residencial Vila Abaeté, e ela tinha preparado pão vegano, para mim, e pão para o restante da equipe do projeto.

Essas experiências, além de várias outras em residenciais do PMCMV em Rio Largo (AL) e em comunidades da Baixada Santista, foram me trazendo tantas inquietações que não havia espaço, nem tempo, para serem discutidas com a profundidade que eu precisava entre as colegas de trabalho. Depois de oito meses de trabalho em Campinas, realizando encontros comunitários e coordenando dois mutirões de revitalização das áreas de lazer dos residenciais, enfrentando uma série de desafios e sendo testemunha de tantas superações, tomei coragem e me inscrevi na seleção do mestrado. O desejo de levar reflexões e dúvidas para serem debatidas com mais pessoas - e de experimentar a sensação de ser parte do universo acadêmico - me traziam muito entusiasmo.

Na data em que foram anunciadas as selecionadas para os programas de mestrado e doutorado do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP), eu estava no residencial Jardim Bassoli, cofacilitando uma reunião para um grupo de catadoras de materiais recicláveis. A ansiedade era tanta que, no meio da conversa, enquanto meu colega

³ Em 25 de agosto de 2020 Jair Bolsonaro lançou o Programa Casa Verde e Amarela em substituição ao Programa Minha Casa Minha Vida. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdr/pt-br/assuntos/habitacao/casa-verde-e-amarela>> Acesso em: 12 de set. de 2020.

⁴O Instituto Elos, organização não-governamental da qual faço parte, escreveu o projeto intitulado “Escola de Transformação para Comunidades Empreendedoras” para atuação em 3 residenciais do PMCMV em Campinas. O projeto foi financiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal através da estratégia de Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Territórios (DIST). O projeto será mais detalhado no Capítulo três dessa dissertação.

mediava o grupo, chequei a lista de aprovadas. Ver meu nome escrito foi uma das sensações de maior orgulho e alegria que já senti. Foi muito simbólico estar no Jardim Bassoli naquele momento. Por alguns instantes, saí da sala para chorar e rir, ao mesmo tempo. Quando voltei ao grupo, meu colega anunciou que eu estava muito feliz porque havia sido selecionada para o mestrado na USP e as moradoras me deram parabéns. Hoje, recordando aquele dia, percebo que a maioria das moradoras que estavam lá eram mulheres, negras, e todas elas não completaram o Ensino Médio. Ser aprovada no mestrado da USP é incrível para mim, mas pode significar muito pouco, ou quase nada, para quem precisa se preocupar diariamente com a falta de proteína no almoço da família. Começou aí mais uma etapa dessa jornada de encontros, desencontros, teorias, conceitos, métodos, contradições e muitos saberes partilhados.

O que me motivou no trabalho como mobilizadora comunitária a questionar o que via e vivia nos residenciais do PMCMV participantes do projeto Escola de Transformação? Um primeiro ponto fundamental está relacionado com a distância: Jardim Bassoli, Sírius e Vila Abaeté se localizam a 23, 17 e 12 quilômetros de distância do centro de Campinas, respectivamente. Para perceber isso, nem precisei conversar com alguma moradora. Pelo tempo de deslocamento da equipe, já era possível sentir, mais ou menos, os impactos da falta de mobilidade (inclusive social) entre os diferentes espaços da cidade. Reforço o mais ou menos porque a equipe de campo se deslocava de carro. Se utilizássemos transporte público o tempo de deslocamento poderia ser o dobro ou quase o triplo, além dos custos com essa viagem que demanda o pagamento de pelo menos duas passagens, pois dependendo de qual o local de origem ou destino, não existe interligação direta nos terminais de ônibus localizados na região.

O segundo ponto que me levou a grandes questionamentos surgia nos primeiros minutos de conversa com as moradoras - a ausência e/ou insuficiência de equipamentos públicos de saúde e educação, principalmente. Os impactos gerados no cotidiano das moradoras era sentido de diversas formas: com a falta de creche, as mães que tinham crianças com menos de seis anos não conseguiam trabalhar, pois não tinham com quem deixá-las, causando uma diminuição significativa na renda familiar; pela escassez de equipamentos de saúde, as filas nos postos de atendimento e a demora para agendamento de consultas geravam hostilidade e preconceito das moradoras dos bairros vizinhos em relação às moradoras dos residenciais. “Lá vem as bassolentas lotar nosso posto”, eram frases que as moradoras do Jardim Bassoli relatavam ouvir.

O terceiro ponto está relacionado com uma palavra própria e especial da língua portuguesa no Brasil, saudade. As moradoras dos residenciais sentiam saudade das suas antigas residências, sentiam muita falta dos laços de vizinhança, de ter a família toda morando perto, de conhecer as rotas e caminhos para a padaria do bairro, para a escola das crianças etc. Os caminhos familiares descritos por Ecléa Bosi são aqueles que humanizam a cidade: “Quando a fisionomia do bairro adquire, graças ao trabalho ingente dos moradores, um contorno humano, ele se valoriza” (2003, p. 75). Esses caminhos ficaram para trás, aquelas moradoras viveram uma ruptura sem retorno ao serem removidas de suas moradias para irem morar no Jardim Bassoli.

Para entender porque os residenciais do PMCMV foram construídos naqueles determinados locais, fui buscar apoio na geografia humana e no urbanismo. A partir de pesquisas que estudam a formação das cidades, entrei em contato com o conceito de direito à cidade, de Henri Lefebvre (2016), que propõe a cidade enquanto obra humana – fruto da atividade participante das pessoas que nela habitam. Quando a cidade se torna uma mercadoria, como consequência do processo de industrialização capitalista, segundo Lefebvre, um dos impactos que vivemos é a segregação socioespacial. Entender as diversas formas de segregação, e como os programas de habitação criados e mantidos pelo Estado sustentam essa lógica, foi me causando ainda mais indignação e trouxe as seguintes dúvidas: quais elementos desenraizantes estão presentes nas etapas de remoção da antiga moradia e chegada no residencial, considerando a totalidade desse processo? Como a compra do terreno em região distante do centro de Campinas, onde o preço da terra é mais barato, e a construção das moradias com materiais e técnicas construtivas de baixa qualidade impactam no cotidiano das moradoras?⁵ Como a insuficiência e/ou escassez de equipamentos públicos de saúde, educação, assistência social para atendimento das moradoras do Bassoli repercutem nas relações de vizinhança?

Buscando compreender o sentimento de saudade, descobri o conceito de enraizamento proposto por Simone Weil (2001, p. 43):

“O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro”.

⁵A baixa qualidade dos materiais utilizados na obra e os problemas estruturais dos condomínios serão relatados com mais detalhes no capítulo quatro.

Quais memórias de passado são compartilhadas por pessoas desconhecidas, residentes em diversos bairros de Campinas que estão se encontrando pela primeira vez, como é o caso das moradoras do Jardim Bassoli? Qual a motivação para construir uma visão coletiva de futuro em um bairro novo, com carência de creches, escolas, postos de saúde, etc. entre pessoas estranhas? Como as experiências de participação em ações coletivas podem apoiar as pessoas a se sentirem parte de uma comunidade e vivenciarem o enraizamento na nova moradia?

A partir do aporte teórico e metodológico da Psicologia Social Comunitária (PSC), investigo as relações comunitárias que foram sendo construídas e fortalecidas ao longo do projeto Escola de Transformação buscando responder a pergunta central desta pesquisa: quais os impactos e consequências das experiências de participação comunitária no processo de des/enraizamento de moradoras no território? Investigo quais foram os momentos mais marcantes e o que foi transformado na trajetória delas enquanto moradoras e/ou lideranças comunitárias por meio de entrevistas semi-estruturadas e observações participantes.

Esta dissertação está dividida em três partes que se organizam em seis capítulos. A parte I - Raízes - inclui o capítulo 1: **“Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes.” - Introdução** e mais dois capítulos. O capítulo 2: **“Existe muito de racional escondido sob o leite desse rio de afetos.” - Embasamento teórico e metodológico** - apresenta um panorama geral da pesquisa, explicitando que este estudo está incluso no campo da Psicologia Social Comunitária, apresentando os conceitos de comunidade e enraizamento, que são centrais para as análises trazidas nos capítulos posteriores e o caminho metodológico percorrido desde o primeiro contato com as moradoras do residencial até a análise das entrevistas. Neste capítulo, estão incluídas também: a apresentação das moradoras depoentes a partir das respostas que elas deram na entrevista e algumas observações que considero importante pontuar; a caracterização do Jardim Bassoli a partir de dados gerais como número de habitantes, período de construção, perfil socioeconômico das famílias etc. O capítulo 3: **“Vem comigo quem é do Bonde Pesadão.” - Memórias da Escola de Transformação no Jardim Bassoli**- narra minha experiência profissional na Escola de Transformação, a metodologia utilizada neste projeto, as organizações envolvidas na sua execução e minhas memórias mais marcantes do período compreendido entre fevereiro de 2017 e setembro de 2018.

Na parte II – Desenraizamento – são apresentados os elementos que caracterizam o desenraizar-se das depoentes: a mudança abrupta para uma moradia com uma série de problemas construtivos em um local distante de onde elas residiam anteriormente, associada à inexistência de equipamentos públicos suficientes para atenderem a demanda da população

que cresce com a chegada de mais 2380 famílias são o pano de fundo para episódios de humilhação social (José Moura Gonçalves Filho, 1998). A partir da análise do contexto social, político e econômico, percebe-se que os elementos desenraizantes, apresentados na singularidade de cada uma das histórias relatadas, constituem a estrutura social na qual a vida das moradoras se desenrola, bem como as estratégias para enfrentar o desenraizamento. Uso esse termo informal, desenrolar, porque é a gíria usada muitas vezes pelas moradoras, especialmente as mais jovens, para se referirem à prática de solucionar problemas ou conseguir algo que precisam; o cotidiano de quem vive no Jardim Bassoli é permeado por diversos momentos em que se faz necessário desenrolar alguma coisa para sobreviver.

Essa segunda parte é composta por dois capítulos. O capítulo 4: **“Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho. (...) Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho” - A saída da antiga moradia e a chegada no Jardim Bassoli.** Partindo da premissa de que o Residencial Jardim Bassoli apenas se constituiu enquanto comunidade a partir da chegada de pessoas para habitá-lo, apresento neste capítulo os relatos das moradoras sobre o processo de saída da antiga moradia e de chegada no residencial. O capítulo 5: **“A senzala moderna é o quartinho da empregada” – Experiências de humilhação social vivenciadas por moradoras do Jardim Bassoli** busca descrever e analisar as experiências de humilhação social vivenciadas pelas moradoras. O panorama geral do Programa Minha Casa Minha Vida e da Política Nacional de Habitação dialogam com os conceitos de segregação socioespacial, direito à moradia/direito à cidade e programas habitacionais. Neste capítulo, são apresentados alguns dados referentes à cidade de Campinas, no que tange à formação socioespacial do município e os impactos disso no cotidiano das moradoras, especialmente em relação aos episódios de preconceito vivenciados por elas.

A parte III - Enraizamento – conta as experiências de participação que transbordam para o espaço. A luta para melhorar a comunidade em que se vive ganha sentido porque existem outras pessoas dispostas a somar esforços, é uma ação coletiva. Ao perceber que não estão sozinhas e conhecer outras experiências inspiradoras, as moradoras dão início ao processo de enraizamento na nova morada.

A terceira parte é composta de dois capítulos. Capítulo 6: **“Nóis é ponte e atravessa qualquer rio” - Relatos das moradoras sobre as experiências de participação comunitária.** Neste capítulo, apresento os relatos das moradoras sobre as experiências coletivas que dialogam com os conceitos de comunidade e enraizamento. As moradoras contam sobre a importância de: (1) envolver-se em atividades coletivas, construindo e fortalecendo vínculos com a vizinhança; (2) aceitar o cargo de síndica; (3) participar de

oficinas na organização que executa o serviço de convivência e fortalecimento de vínculos no território para conseguirem se adaptar ao novo contexto. Além disso, as memórias das atividades vivenciadas durante o projeto Escola de Transformação são parte fundamental da análise, mas também contribuem para a discussão os depoimentos das ações que vêm sendo realizadas após o término do projeto, protagonizadas pelas moradoras sem apoio de organizações ou do poder público, em sua maioria. A título de conclusão, o capítulo 7: **“Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho.”** - **Considerações finais.** As motivações para engajarem-se em ações coletivas e os impactos desse engajamento na vida das moradoras são temas de discussão neste capítulo, a partir dos conceitos de comunidade e enraizamento. O capítulo traz uma síntese das descobertas desse estudo, as possíveis articulações de elementos percebidos por Simone Weil no desenraizamento operário e que podem ser transpostos, de alguma maneira, para o desenraizamento comunitário.

CAPÍTULO 2 - “EXISTE MUITO DE RACIONAL ESCONDIDO SOB O LEITO DESSE RIO DE AFETOS.”⁶

EMBASAMENTO TEÓRICO

Para continuar esta narrativa, é preciso explicitar os pressupostos teóricos e metodológicos que orientam a pesquisa. Na busca por argumentos científicos para a inquietude que sentia na experiência prática com as moradoras do Jardim Bassoli, busquei unir racionalidade e subjetividade. Sem conhecer Ignacio Martín-Baró⁷, psicólogo salvadorenho que desenvolveu a Psicologia Social da Libertação, segui sua recomendação: “primeiro, que deixem-se impactar pelo problema mesmo, que se envolvam na angustiante realidade cotidiana que vivem as maiorias salvadorenhas, para, então, perguntarem-se sobre conceitos, teorias e instrumentos de análise.” (2017, p. 78). Neste trecho, ele conta o que respondia a suas alunas quando lhe pediam bibliografias para análise de determinados problemas. No meu caso, foi durante o período de convivência lado a lado com pessoas que haviam sentido de forma tão cortante os impactos do desenraizamento que compreendi a necessidade de investigar com mais profundidade as causas e consequências deste processo e quais caminhos de resistência são debatidos e investigados no universo acadêmico.

Psicologia Social Crítica, Psicologia Social Latino Americana, Psicologia Social da Libertação são diferentes nomes para uma psicologia social que começa a se desenvolver na América Latina por volta da década de 1960, quando diversos países do continente passavam por momentos críticos desde o início da colonização. “O ciclo de regimes ditatoriais que assolou o continente entre as décadas de 1960 e 1980 e que configurou uma nova ordem do colonialismo mundial, representou para Martín-Baró o contexto político que exige pesquisa e intervenção dos psicólogos sociais comunitários.” (GALEÃO, SVARTMAN, 2016, p. 333)

Não pretendo me alongar aqui na apresentação do histórico e desenvolvimento da Psicologia Social e Psicologia Social Comunitária (PSC), afinal esse não é o tema central em discussão. Porém, como disse Sylvia Leser de Mello: “a psicologia social é prima-irmã da história. Não dá pra fazer um estudo de psicologia social que não contextualize o panorama

⁶Trecho do prefácio de “Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis” (2017) de Jarid Arraes escrito pela professora de psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) Jaqueline Gomes de Jesus.

⁷ Diversas autoras apresentam o trabalho essencial de Martín-Baró na formação da Psicologia Social Latino Americana. Para citar algumas, Raquel Guzzo, Fernando Lacerda Jr. e Filipe Boechat no Brasil e Ignacio Dobles na Costa Rica contribuem muito para manter o legado de Baró e atualizar as discussões propostas pelo salvadorenho.

histórico no qual ela se desenvolve.”⁸ É fundamental destacar que o cenário brasileiro e latino-americano da década de 60 impôs à psicologia, especialmente àquela concebida nestes territórios, um profundo processo de autorreflexão e autocrítica sobre o papel que deve assumir frente às questões sociais. Se não para resolvê-las, afinal não se espera que uma ou outra área de conhecimento, separadamente, proponha soluções para problemas tão complexos e enraizados na macroestrutura social, esperava-se que a Psicologia Social se constituísse enquanto campo de estudos que se coloca lado a lado com a população na construção de uma sociedade igualitária. Que assuma um compromisso ético-político com a libertação das maiorias oprimidas, que são alvo de políticas de Estado excludentes e genocidas.⁹

Foi naquele contexto que nasceu e se desenvolveu a Psicologia Social Comunitária e, como bem sabemos, enquanto latino-americanas e brasileiras que somos, em termos de desigualdade social, a situação tem se tornado ano após ano ainda mais crítica. Nas décadas de 60 e 70, a psicologia na comunidade buscava apoiar os movimentos sociais na luta por seus direitos: terra, saúde, educação etc. e, também, a partir do trabalho dentro de instituições como escolas, espaços de trabalho e hospitais. Nos tempos atuais, segundo Maria de Fátima Quintal de Freitas, a tarefa da PSCé:

dedicar-se à análise e proposição de redes de convivência comunitária na vida cotidiana das pessoas, grupos, movimentos populares e comunidades. (...) responder a congruências-incongruências entre o agir e o refletir. Ou seja, ao fato de se a *investigação pode conduzir a ações*, que estejam implicadas na mesma direção do compromisso social; e se a *intervenção pode contribuir para a produção de conhecimentos*, que estes sejam socialmente comprometidos e relevantes àquele cotidiano concreto e de preferência coletivo e digno. (2015, p. 251, grifos da autora)

Conforme a PSC foi se desenvolvendo, percebia-se que os referenciais teóricos e metodológicos utilizados eram bastante diversificados. Mariana Alves Gonçalves e Francisco

⁸Essa citação foi extraída do depoimento da professora Sylvia em um documentário intitulado “A Psicologia Social e o Social na Psicologia - História e Memória da Psicologia em SP” elaborado pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo em 2014.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jEMeV5r6eGw&list=LL&index=2&t=1219s>>

Acesso em: 12 de mar. de 2021.

⁹Destaco que as políticas as quais me refiro são aquelas perpetradas pela Ditadura Militar, de perseguição e tortura a quem se opunha politicamente ao regime, as que seguem em curso cotidianamente, de certa forma naturalizadas, e tiram a vida de milhares de pessoas negras e periféricas desde a Abolição da Escravatura no país e a política do governo Bolsonaro diante da pandemia de coronavírus que chegou ao Brasil em março de 2020 e segue ceifando vidas; nas 24 horas do dia 16 de março de 2021, foram 2842 mortes confirmadas no país.

Teixeira Portugal, a partir de análise histórica em artigos, teses, dissertações e livros publicados sob o signo PSC, concluíram que:

“o investimento em defender uma unidade para o campo nos parece uma tentativa de captura institucional com seus efeitos hierarquizantes. Em seu lugar, julgamos mais interessante pensar que práticas estamos produzindo ao nos aproximarmos das maiorias populares, se elas realmente instauram novas formas de fazer Psicologia, quais são seus efeitos e, principalmente, qual é o seu compromisso ético-político.” (2016, p. 565)

Conforme dito anteriormente, os trabalhos em comunidade, ou intervenções psicossociais, termo mais utilizado atualmente, foram se desenvolvendo em diversas partes do Brasil como projetos de extensão das universidades¹⁰ e alguns conceitos foram se tornando chave para as discussões. Qual a compreensão que moradoras de determinado bairro têm a respeito do local onde vivem? Quais autoras, de outros campos de estudo, já definiram comunidade? Qual a especificidade do olhar que a PSC traz à comunidade? Quais os critérios para definir se existem e qual a qualidade das relações estabelecidas entre pessoas que vivem em um mesmo local? Essas perguntas surgidas no início das intervenções em comunidades seguem sendo respondidas até a atualidade, dado que os conceitos não são estanques, precisam ser analisados e debatidos em sintonia com o contexto histórico, político, econômico e cultural do tempo presente, considerando os aprendizados trazidos das experiências passadas. Maria de Fátima Quintal de Freitas acredita que “A Psicologia Social Comunitária dá lugar central à Comunidade como foco nas relações e ações comunitárias (...) como categoria central de análise e de possibilidades de ação concreta.” (2012, p. 384).

As diferentes linhas teóricas que tratam o termo comunidade oferecem variados sentidos para este vocábulo e as implicações relacionadas com o seu uso também são alvo de debate. Existem algumas críticas à utilização desta palavra, em detrimento de outras, pelo fato de romantizar a vida dura nas periferias, com tantos direitos e acessos negligenciados. Para Whitaker (2019, p.86 e 87) o

“termo ‘comunidade’ (...) tenta colocar na estigmatizada favela uma imagem mais cidadã e humana. (...) O que é tragicamente irônico é que, muitas vezes, as formas de vida nas ‘comunidades’ (...) são socialmente mais saudáveis e humanas do que nos bairros ricos, onde impera a formalidade urbana.”

Porém, comunidade a qual me refiro aqui:

¹⁰ Sílvia Tatiana Maurer Lane no livro “Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia” apresenta relatos de experiências com comunidades na década de 70 e 80 iniciados a partir da pesquisa/intervenção acadêmica.

“mais do que uma categoria científico-analítica, é categoria orientadora da ação e da reflexão e seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere, pois está associada ao debate milenar sobre exclusão social e ética do bem viver.” (SAWAIA, 2015, p. 41)

Comunidade é um conceito central para análise neste estudo, então apresento a seguir três sentidos de comunidade propostos por Bernardo Svartman e Luís Galeão-Silva em diálogo com conceitos que os complementam como relações comunitárias, amizade política e humilhação social.

COMUNIDADE: CONDIÇÃO ÉTICA DE CONVIVÊNCIA

Esse sentido compreende comunidade como um espaço privilegiado de encontro e convívio no qual os laços e vínculos são construídos e fortalecidos. Pedrinho Guareschi afirma que “as relações comunitárias que constituem uma verdadeira comunidade são relações igualitárias, que se dão entre pessoas que possuem iguais direitos e deveres.” (2015, p. 79). Esse caráter de igualdade está presente no conceito de amizade: “a *amizade* representa a *igualdade* e, mais precisamente, a parceria na igualdade.” (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 223, grifos do autor). José Moura Gonçalves Filho segue:

“A *amizade* é fiadora da igualdade porque a *amizade* é igualação na humanidade. Amizade não significa que os amigos se tornem os mesmos: a *amizade* alimenta-se de diferenças porque o amigo aborda o amigo na singularidade e na alteridade. Porque *amizade* pode alienar-se em identidade e empobrecer-se é que Simone Weil tenha talvez advertido: *é preciso que as diferenças não diminuam a amizade* - e acrescentou: *e que a amizade não diminua as diferenças*”. (Ibid., p. 224, grifos do autor)

Essa noção de amizade revela “a necessidade que temos de convivência comunitária para crescermos na experiência de enraizamento no mundo” (SVARTMAN; GALEÃO-SILVA, 2016, p. 341). Comunidade, dessa forma, pressupõe relações de vizinhança igualitárias, o sentimento de amizade política, quando pessoas diferentes se encontram de igual para igual, e vivenciam práticas que estimulem o fazer coletivo como saraus de poesia e literatura, hortas urbanas, para citar exemplos que acontecem no contexto das cidades.

Interessante acrescentar a perspectiva feminista de Silvia Federici sobre comunidade, pois ela acredita que: “atividades praticadas coletivamente - hortas urbanas, bancos de tempo, códigos abertos - são auto-organizadas e requerem, ao mesmo tempo que produzem, comunidade”. (FEDERICI, 2019, p. 186, tradução livre). Silvia Federici tem estudado nos

últimos 20 anos experiências que promovem o comum enquanto práticas que colocam “no centro de nossa organização a reapropriação coletiva da riqueza que produzimos e a abolição das hierarquias e desigualdades sociais” (Ibid., p. 104 e 105).

Além dos comuns naturais, como a água, o solo e as florestas, ela também considera as relações baseadas em solidariedade, cooperação e trabalho coletivo, uma maneira essencial de compreender os comuns. Na perspectiva feminista, são as experiências de trabalho coletivo e solidário que permitem às mulheres a execução do trabalho de reprodução - e sustentam a vida cotidiana. Subvertendo a ordem capitalista que nos separa e individualiza, cada uma de nós cozinhando, limpando, cuidando etc. isoladas umas das outras, sozinhas em nossas moradias, o comum nos une, permite vivenciar comunidade. Por isso, para a autora não existe comum sem comunidade, assim como não existe comunidade sem mulheres. Comunidade é a expressão concreta desta qualidade de relações: solidárias, cooperativas, na qual cada pessoa assume a responsabilidade por si mesma e pelo coletivo, bem como pela terra, pelas florestas, pelos animais etc.

Importante destacar ainda que não entendo o convívio em comunidade no sentido de um espaço com ausência de conflitos. A comunidade como condição ética de convivência inclui divergências e atritos, elementos essenciais na construção e fortalecimento de vínculos. Para que uma pessoa decida confrontar outra, apresentar diferente ponto de vista ou opinião em um contexto comunitário (uma reunião da associação de moradoras de determinado bairro, por exemplo), é preciso que ela se sinta segura o suficiente para se expor, sem o receio de que, ao fazer isso, corra o risco de perder o apreço e amizade das demais pessoas com quem dialoga.

COMUNIDADE: ELABORAÇÃO DE SOFRIMENTOS POLÍTICOS

Nesse sentido, comunidade é compreendida como espaço coletivo de elaboração do sofrimento da humilhação social: “um grupo de resistência que elabora coletivamente o sofrimento determinado pela humilhação social e conquista, nesse processo, a motivação política para enfrentar situações de opressão.” (SVARTMAN; GALEÃO-SILVA, 2016, p. 343). Essa segunda noção de comunidade está intimamente articulada com a primeira: assim como trata-se de uma condição ética de convivência, comunidade pressupõe que durante esse convívio sejam discutidas e propostas ações de enfrentamento à humilhação social. São atividades em que memórias são compartilhadas e sonhos de futuro são planejados com vistas a organizar a atuação política mais consciente com relação às injustiças que devem ser enfrentadas pelo grupo.

A humilhação social é um tema caro à Psicologia Social, e pode ser compreendida como um fato psicossocial que precisa ser analisado tanto pelo lado da pessoa quanto pelo lado da sociedade. Somente uma ou outra perspectiva não dão conta de abarcar as complexidades na qual essa “modalidade de angústia disparada pelo impacto traumático da desigualdade de classes” (GONÇALVES FILHO, 1998, p. 11) surge e se perpetua. Para José Moura Gonçalves Filho, a humilhação social é psicológica, ao mesmo tempo em que é política, pois acredita que a pessoa humilhada “atravessa uma situação de impedimento *nela mesma* - em seu corpo e gestos, em sua imaginação e em sua voz - e também reconhecível em seu mundo - em seu trabalho, em seu bairro” (idem, p. 15, grifos do autor).

A humilhação social impõe um sentimento de rebaixamento, uma experiência de dominação, na qual a pessoa humilhada, na cidade ou no trabalho, parece ter de agradecer por não ser tratada com grosseria. José Moura Gonçalves Filho explica:

“A humilhação marca a condição de pessoas que foram mais ou menos deslocadas para o lado daqueles que devem ficar quietos e obedecer - devem agir não propriamente como quem age, mas como quem cumpre ordens cuja formulação e sentido lhe são vetados. Na cidade ou no trabalho, sem participação, não devem sentir-se em casa, mas estrangeiros.” (2003, p. 231 e 232)

Neste trecho, destaco o termo participação, pois é a partir do engajamento em experiências comunitárias, atividades coletivas, que o sofrimento causado pela humilhação pode ser elaborado e pode garantir à comunidade o sentido de resistência à dominação, opressão e silenciamento. Bernardo Svartman e Luis Galeão-Silva propõem que a tarefa de profissionais de psicologia comunitária está intimamente ligada com oferecer apoio às comunidades para a compreensão dos impactos dos sofrimentos de humilhação social na dinâmica dos grupos comunitários, estimulando, dessa forma, uma resposta coletiva:

“o sentimento de invisibilidade pública, o sentimento dos espaços da cidade como repulsivos e o sentimento de não possuir direitos formam-se a partir de situações inter-humanas de dominação; justamente por isso, dependem igualmente de iniciativas políticas coletivas para que sejam enfrentados”. (SVARTMAN; SILVA-GALEÃO, 2016, p. 343)

O estímulo à participação pode acontecer por meio de projetos e atividades propostas durante as práticas psicossociais em comunidade realizadas por profissionais de psicologia comunitária. Essas práticas, segundo Maria de Fátima Quintal de Freitas (2014), devem ser realizadas por profissionais da psicologia em parceria com especialistas de outras áreas do conhecimento de forma interdisciplinar. A autora destaca que as intervenções

psicossociais¹¹ guardam uma relação bastante próxima com a educação popular de Paulo Freire e com a pesquisa-ação-participante de Orlando Fals Borda.

Maria de Fátima Quintal de Freitas reforça que um dos desafios das intervenções psicossociais na perspectiva da PSC é a busca por respostas para a seguinte indagação: “o que acontece com as pessoas, no seu cotidiano, que colabora para que elas se adaptem e se acomodem, muitas vezes não acreditando que vale a pena fazer algo para mudar, mesmo que vivam em contínua opressão e injustiça.”? (2014, p. 85) Essa pergunta está ancorada no conceito de fatalismo¹², pois compreende que a pessoa possui uma maneira de situar-se diante da própria vida baseada na “profecia” de que o seu destino está traçado desde o momento em que nasce, “a vida dos seres humanos está regida por forças superiores, alheias ao próprio controle e poder” (MARTIN-BARÓ, 2017, p. 176). Ignacio Martin-Baró compreende o fatalismo como a interiorização da dominação social, a mesma que está no cerne da humilhação social, pois é a desigualdade de classes que coloca a pessoa oprimida na posição de que não há nada que se possa fazer e, ao mesmo tempo, a conduz na interpretação de “sua impotência como evidência de que ela mesma carece de valor pessoal, diferentemente da figura poderosa do opressor, para quem tudo parece ser possível.” (idem, p. 194)

Cogito uma relação dialética fatalismo/esperançar¹³, complementando a questão proposta por Maria de Fátima com a seguinte pergunta: o que motiva as pessoas, submetidas a situações diversas (e, por vezes, extremas) de vulnerabilidade social a se colocarem em ação coletiva engajando-se em projetos e ações que visam a melhoria da qualidade de vida para a comunidade? O terceiro sentido de comunidade proposto a seguir traz algumas possibilidades de resposta à questão colocada.

COMUNIDADE: HORIZONTE UTÓPICO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

¹¹ Maria de Fátima comenta sobre o uso de diversos termos para designar o trabalho de psicologia em comunidade. Nesse trabalho dou preferência aos termos práticas psicossociais e intervenções psicossociais.

¹²No capítulo “O latino indolente: caráter ideológico do fatalismo latino-americano” do livro *Crítica e Libertação na Psicologia*, Martin-Baró dedica-se a esse conceito apresentando suas caracterizações, como se constitui e o processo dialético de ruptura do fatalismo através da recuperação da memória histórica, organização popular e prática de classe.

¹³Esperançar para Paulo Freire é entender a esperança como um verbo, que nos leva à ação: “Enquanto necessidade ontológica a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã.” (1992, p. 15)

“Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
A palavra tirania.

Pegue o tambor e o ganzá
Vamos pra rua gritar
A palavra utopia”¹⁴

Talvez pareça uma utopia mirar um horizonte no qual comunidade seja um espaço liberto de todas as formas de opressão e dominação, uma sociedade revolucionada. Comunidade, nesse sentido, é:

“uma forma de organização social radicalmente democrática, o que implica a efetiva superação da desigualdade de classes e das diversas formas de dominação presentes na vida social, entre elas, o impedimento de participação no governo do trabalho e da cidade.” (SVARTMAN; GALEÃO-SILVA, 2016, p. 344)

Engajar-se em ações coletivas na comunidade em que vive pode representar para essas pessoas a possibilidade de construção conjunta, entre iguais, de uma sociedade onde se deseja de fato viver. E é essa comunidade, que se forma “nas práticas de solidariedade, das contradições e das dificuldades vividas nos processos comunitários” (Ibid.), que pode efetivamente sustentar a experiência de uma comunidade democrática.

Uma comunidade compreendida a partir desses três sentidos pressupõe:

- convivência - essa comunidade garante a todas as pessoas que a constituem a experiência de falarem e serem escutadas, de vivenciarem relações de solidariedade as quais garantem a “convivência comunitária necessária para crescermos na experiência de enraizamento no mundo” (Ibid., p. 341).

- resistência - essa comunidade cria espaços coletivos para o enfrentamento político dos sofrimentos causado pela humilhação social. Apesar de cada pessoa sentir e reagir de formas singulares à opressão imposta pela desigualdade de classes, racismo, machismo e demais preconceitos, a resistência é organizada de forma coletiva.

- transformação social - é o resultado de uma comunidade unida, que busca seus direitos de forma organizada e estimula a participação de todas as pessoas, pois valores de

¹⁴ Trecho da canção “Samba da Utopia” de Jonathan Silva (2018).

dignidade e igualdade são vivenciados no cotidiano e confia-se que cada pessoa tem algo precioso para compartilhar com o coletivo.

A discussão proposta até aqui sobre os sentidos de comunidade não esgota as possibilidades de relações cabíveis entre comunidade e participação, comunidade e humilhação social, comunidade, fatalismo etc. Porém, uma das relações possíveis que será abordada a seguir é fundamental para a pesquisa de campo realizada: comunidade e enraizamento.

ENRAIZAMENTO

A definição de enraizamento adotada nesta pesquisa é aquela proposta por Simone Weil, filósofa francesa, que no seu curto período de vida (faleceu em 1943, aos 34 anos de idade), deixou um legado de produção teórica, ancorado na experiência prática, que segue pulsante nos dias atuais. Temas como trabalho, investigado em sua própria vivência como operária em diversas fábricas e na vida camponesa, opressão e liberdade, experienciadas na Guerra Civil Espanhola, além das tantas experiências como professora, militante e pesquisadora estão presentes em suas obras.

Simone Weil colocou-se lado a lado junto à classe operária, pois acreditava e defendia intensamente a importância de viver na própria pele o que viviam as pessoas exploradas para poder colocar-se como aliada na luta pelo fim da servidão humana perante a técnica. De 1934 a 1935, Simone trabalhou na fábrica da Renault e segundo Ecléa Bosi (2003): “a permanência de Simone Weil na fábrica não foi eficaz: nada descobriu que melhorasse a linha de montagem, não renovou a teoria marxista, nem mudou a história das classes trabalhadoras. Mas criou um extraordinário acontecimento ético.”¹⁵

Esse acontecimento ético, destacado por Ecléa Bosi, relaciona-se com a necessidade, defendida por Simone de colocar-se ao lado e com a população explorada para compreender em diálogo, em relação, sobre seus anseios: “Nada poderemos compreender enquanto não nos pusermos entre os oprimidos para sentir com eles.” (WEIL, 1979, p. 31). A filósofa relatou em “Diário de fábrica” suas experiências como operária, descreveu os sentimentos vivenciados no cotidiano, como a sujeição, o medo, a fome, a exaustão e destaca o sofrimento de não sentir-se em casa na fábrica, de ter que calar-se diante de uma injustiça por medo de ser humilhada ou demitida:

¹⁵ Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642003000100002&lng=en&nrm=iso>

Acesso em: 13 de abr. de 2021.

“o fato de que não se está em casa na fábrica, o fato de que não se tem nela o direito de cidadania, e o de que cada um é um estranho admitido como simples intermediário entre as máquinas e as peças fabricadas, tudo isto atinge o corpo e a alma; sob este golpe, a carne e o pensamento se retraem. Como se alguém repetisse ao ouvido de minuto a minuto, sem que se possa responder nada: ‘Você não é nada aqui. Você não conta. Você está aí para curvar-se, suportar tudo e calar-se.’ Semelhante repetição é quase irresistível. Chega-se a admitir, no âmago de si mesmo, que não se é nada. Todos os operários de fábrica, ou quase todos, e até os de aspecto mais independente, têm algo quase imperceptível nos movimentos, no olhar, principalmente na obra dos lábios, que exprime que foram obrigados a se terem por nada.” (Ibid., p. 131)

O sentimento de não estar em casa, de não poder exercer o direito de participar de uma coletividade, provoca o desenraizamento. Simone propõe que “só o sentimento da fraternidade, a indignação pelas injustiças infligidas a outros permanecem intactos” (Ibid., p. 79) e permite que o enraizamento seja construído. No momento em que a fábrica está ocupada e as grevistas levam suas famílias para passar o dia no local de trabalho, o sentimento de alegria é predominante, Simone conta:

“Fui ver os colegas numa fábrica onde trabalhei há alguns meses. Passei com eles algumas horas. Que alegria, entrar na fábrica com a autorização sorridente de um operário que vigiava a porta. Alegria de encontrar tantos sorrisos, tantas palavras de acolhimento fraterno. (...) Alegria de dizer o que está no coração para todo mundo, chefes e colegas, nesses lugares onde dois operários podiam trabalhar meses seguidos, lado a lado, sem que nenhum dos dois soubesse o que o vizinho pensava.” (Ibid., p. 106)

Aproveito o ensejo da palavra vizinho, utilizada por Simone, para propor uma relação entre enraizamento operário e enraizamento comunitário. Assim, como operárias que trabalham lado a lado podem passar o dia todo sem trocar uma única palavra, pessoas que residem lado a lado podem passar semanas ou meses sem saber o nome da vizinha de porta. A forma como a pessoa vivencia a moradia pode influenciar a maneira como ela se sente enraizada naquele território. Para Gustavo Massola e Bernardo Svartman (2018, p. 301), “a experiência mais comum de desenraizamento não decorre da mobilidade voluntária, mas de rápidas e constantes mudanças promovidas no lugar de habitação por forças econômicas e sociais que aparecem aos olhos de indivíduos e grupos como incontroláveis.”

No texto “Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental”, os autores acima citados realizam uma revisão narrativa do termo “enraizamento” em textos da Psicologia Ambiental. Embora trate-se de um campo da Psicologia diferente do adotado nesta dissertação, Psicologia Social Comunitária, existe um ponto abordado no artigo sobre o qual quero dialogar à luz de enraizamento proposto por Simone Weil. Os autores estabelecem que

enraizamento pressupõe uma dimensão espacial; a relação da pessoa com o território, com o lar; uma dimensão temporal; que articula passado, presente e futuro e; uma dimensão de ação/participação coletiva, engajamento ativo em uma coletividade. Os autores defendem que é necessário investigar o enraizamento considerando essa tríade, pois somente a partir de uma ou outra dimensão não é possível garantir que esse fenômeno seja compreendido em sua totalidade.

A relação entre lar e enraizamento é um pouco mais esmiuçada quando se entende que lar ampliado dá sentido à noção de comunidade: “a busca de um espaço público e coletivo que seja capaz de sustentar experiências de pertencimento, ou seja, formas de convivência que refletem segurança, respeito e participação pessoal.” (Ibid., p. 298). A comunidade é uma extensão da casa. E casa, para Gaston Bachelard (1993, p.24) é:

“uma das maiores (forças) de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem. Nessa integração, o princípio de ligação é o devaneio. O passado, o presente e o futuro dão à casa dinamismos diferentes, dinamismos que não raro interferem, às vezes se opondo, às vezes excitando-se mutuamente. Na vida do homem, a casa afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. Ela mantém o homem através das tempestades do céu e das tempestades da vida. Ela é corpo e é alma. É o primeiro mundo do ser humano.”

Quando a casa em que se vive não promove essa experiência de segurança e proteção (ou se para chegar até ela foi vivido um processo de remoção de uma outra casa), o sentido que é atribuído a esse lar e, conseqüentemente, ao lar ampliado - a comunidade, será de um local desenraizante. Não será um solo fértil para construção de vínculos.

Este segundo capítulo está dividido em duas partes. Na primeira, apresentei os conceitos de comunidade e enraizamento, centrais nesta pesquisa. Na segunda parte, será apresentada a metodologia, as entrevistas e entrevistadas, o diário de campo e o residencial Jardim Bassoli.

METODOLOGIA

O primeiro capítulo escrito e concluído foi “Vem comigo quem é do Bonde Pesadão”. Antes que ele fosse finalizado, um tanto já havia sido lido, pesquisado e esboçado sobre os conceitos de comunidade e enraizamento, sobre a história da política habitacional, sobre direito à moradia e direito à cidade, sobre intervenções psicossociais em comunidades, seus objetivos e práticas. Porém, o primeiro passo foi relatar a experiência profissional como mobilizadora social no projeto Escola de Transformação, a partir da qual tomei contato com o

residencial Jardim Bassoli e as pessoas que lá habitam. O processo da memória não foi simples. Em muitos trechos, era preciso parar a digitação e secar as lágrimas, tomar um copo d'água, acalmar o coração e retomar a escrita. Foram quase dois anos de trabalho intenso em campo e até hoje o respeito e carinho mútuo que nutrimos é forte.

A proposta do capítulo três era apresentar minhas memórias, meu relato sobre o projeto Escola de Transformação. O que à primeira vista parecia um exercício simples de rememorar transformou-se em um grande desafio. Uma experiência tão especial não poderia ser relatada de qualquer jeito. A pressão interna para que o texto pudesse revelar as diversas dimensões do projeto (pessoais, institucionais, comunitárias etc.), associada ao início da pandemia de coronavírus no Brasil e no mundo, tornou a escrita ainda mais difícil. Passados três anos desde que a pergunta de pesquisa havia surgido, num cenário de pandemia com milhares de pessoas morrendo pelo vírus, pela fome e pela falta de emprego, ainda faz sentido buscar a resposta para essa pergunta? Os encontros semanais virtuais com o grupo de orientação foram fundamentais para que seguisse firme. Não vou me alongar neste registro, mas creio ser fundamental explicitar a importância que teve para o desenvolvimento desta pesquisa as diversas oportunidades de compartilhar o que estava escrevendo e receber sugestões, críticas e palavras de apoio das colegas.

Nesse sentido, percebo que a escrita desta dissertação me proporcionou a experiência de ser comunidade. A comunidade concreta de sete ou oito pessoas, orientandas e orientador, que se reunia semanalmente para discutir textos, produzidos por nós mesmas ou por autoras que discutem temas de nosso interesse. Pesquisar comunidade e viver comunidade, simultaneamente, foi uma experiência muito interessante. Deixo registrada aqui a importância desses afetos no processo de produção do conhecimento acadêmico.

A escolha por escrever a dissertação na primeira pessoa do singular está baseada na premissa de que minha subjetividade inclui todas essas pessoas: colegas de orientação, moradoras do Jardim Bassoli, companheiras de trabalho no projeto Escola de Transformação, amigas que faziam a revisão gramatical do texto, pessoas com as quais dialogava nas rodas de conversa dos encontros da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO). Todas essas relações apoiam as reflexões que proponho aqui. A forma como escolhi apresentar este texto está alinhada com minha identidade e a forma como me posiciono perante o mundo, atravessada por todas as relações que me compõem.

A preocupação com uma linguagem neutra de gênero foi um elemento muito presente na escrita desta dissertação. Acredito que a língua está em constante movimento e adaptando-se ao tempo presente, reflexões e anseios da atualidade. Por isso, a gramática da língua

portuguesa que, de forma ampla e difundida, usa o gênero masculino como forma de sintetizar o uso genérico não será adotada neste trabalho. Sigo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa promulgado segundo o Decreto nº 6.583 de 29 de setembro de 2009. Porém, em termos de gênero, a linguagem adotada nesta dissertação segue orientações de manuais para uso não sexista da linguagem¹⁶, e adoto o gênero feminino para referir-me ao plural de pessoas e objetos. Concordo plenamente com María Ángeles Calero Fernández (1999, p. 6, tradução livre):

“As línguas não se limitam a ser um simples espelho que nos devolve a realidade de nosso rosto: como qualquer outro modelo idealizado, como qualquer outra invenção cultural, as línguas podem nos levar a conformar nossa percepção do mundo e inclusive fazer com que nossa atuação se oriente de determinada maneira.”

E também com Grada Kilomba (2019, p. 14, grifos da autora), quando diz:

“a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através de suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é *normal* e de quem é que pode representar a *verdadeira condição humana*.”

Dessa forma, a linguagem neutra de gênero que busco utilizar neste trabalho, aceitando os riscos de falhar, representa a tentativa de não reproduzir uma estrutura social que se baseia em padrões de violência e segregação e os perpetua. De certa forma, o uso da linguagem neutra de gênero e o emprego do plural no feminino é uma busca pela alternância de poder proposta por Erica Malunguinho¹⁷ e que significa: “entregar o lugar de decisão às pessoas que foram destituídas desse lugar, que nunca puderam decidir”¹⁸. Existir na linguagem é uma das maneiras fundamentais de garantir o direito à existência para que, assim, minimamente, possa-se lutar pelo direito a decidir.

A ENTREVISTA

¹⁶Manual para o uso não sexista da linguagem” (2014), uma publicação da Secretaria de Políticas para as Mulheres do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, elaborada a partir do manual da Red de Educación Popular entre Mujeres de Latinoamérica y Caribe – REPEM-LAC.

¹⁷Erica Malunguinho é deputada estadual por SP eleita em 2018, é a primeira mulher negra e trans a ocupar esse cargo no país. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/deputado/?matricula=300625>> Acesso em: 03 de maio de 2021.

¹⁸ Trecho da entrevista de Erica Malunguinho, disponível em: <<https://elasticaoficial.com.br/especiais/erica-malunguinho-politica-transfobia-presente-futuro/>> Acesso em: 03 de maio de 2021.

Quando Ecléa Bosi comenta sobre a importância da pré-entrevista na elaboração e re-elaboração do roteiro da entrevista e afirma que a entrevista ideal é “aquela que permite a formação de laços de amizade [...] envolve responsabilidade pelo outro” (BOSI, 2003, p.60), suspeito que minha atuação profissional pelo período de quase dois anos junto às moradoras do Jardim Bassoli permitiu o estabelecimento do vínculo necessário para que a relação com as pessoas entrevistadas seja de confiança.

Os métodos escolhidos para atender aos objetivos de pesquisa são a entrevista e a observação participante, a qual permite “testemunhar um fenômeno, expondo-se à coisa bem longamente e, sobretudo, bem perto daqueles que a vivem profundamente.” (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 206), culminando “numa alteração de ponto de vista: uma alteração do ponto no mundo desde o qual nossa visão vai se abrir” (Ibid., p. 197). Na entrevista: “narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum onde provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo o que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de lembrar quanto o das pessoas ditas importantes.” (BOSI, 2003, p. 61). Os roteiros utilizados nas entrevistas podem ser conferidos no Apêndice 1.¹⁹

José Moura Gonçalves Filho sugere que antes de serem realizadas as entrevistas com gravador, de forma planejada e sistemática, entrevistadora e entrevistada vivam momentos de alegria juntas: “A hora da conversa vem de coisa diferente de um esforço e mais radical que a boa vontade: vem de soltar-se face a face, que é a mesma coisa que a alegria”. (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 205). No caso desta pesquisa, foram mais de 18 meses de convivência (com variação de frequência semanal, quinzenal e mensal) que me permitiram compartilhar com as moradoras entrevistadas diversos momentos de conversas informais e ações coletivas. O autor ainda destaca que quem mais pode ajudar uma pesquisadora na definição dos episódios e palavras a serem analisadas são as entrevistadas. O papel de quem realiza uma pesquisa é se colocar de frente com o fenômeno investigado, lado a lado com as pessoas que o vivenciam profundamente:

“o que um pesquisador chega assim a dizer, por meio da narrativa e discussão de episódios ou depoimentos, poderá servir como uma investigação válida. Porque exigiu investigação compartilhada. Porque sofreu a prova dos outros, viveu alguma comunicação com o que os outros vivem e dizem viver.” (Ibid., p. 206)

Importante ressaltar que no capítulo “Vem comigo quem é do Bonde Pesadão” são citados alguns depoimentos de moradoras sobre suas participações nas atividades realizadas

¹⁹Nas entrevistas realizadas em junho de 2019 foi utilizado um roteiro. Após a banca de qualificação e o avanço da pesquisa foram realizados alguns ajustes no roteiro para a realização da entrevista em outubro de 2020.

pela Escola de Transformação. Todos esses depoimentos foram encontrados em relatórios (disponibilizados abertamente de forma online) e/ou em postagens públicas na página do *Facebook* do Instituto Elos. Tive acesso facilitado a esses materiais, pois alguns depoimentos foram coletados por mim no momento em que estava coordenando as ações no bairro.

PARTICIPANTES

Conheci e convivi com as cinco pessoas entrevistadas durante as atividades realizadas no período de execução do projeto Escola de Transformação. Nas etapas finais do projeto, fui aprovada no mestrado, então nos encontros de encerramento informei ao grupo que, em alguns meses, poderia retornar, no papel de pesquisadora, para conversar com algumas delas.

As pessoas entrevistadas foram selecionadas a partir da facilidade de diálogo que eu tinha com elas. Concordando com Ecléa Bosi (2003, p. 60): “Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista”. Entrei em contato com as moradoras que tinham uma relação mais próxima comigo, pessoas que já haviam me contado suas histórias e com as quais tinha partilhado momentos marcantes durante a Escola de Transformação. Aspectos como idade, gênero, raça e orientação sexual não foram levados em consideração na seleção das depoentes, embora estejam presentes em algumas falas das moradoras durante as entrevistas. O local de habitação (antes de morar no Jardim Bassoli e no próprio residencial) também não foi um critério na escolha das entrevistadas. Assim, das cinco depoentes, duas residem no mesmo condomínio, o L, outras duas residem no mesmo condomínio, o C e a quinta pessoa mora no condomínio H. O C está localizado na parte alta (o Jardim Bassoli está localizado em um terreno em declive), o H no meio e o L, na parte baixa. No depoimento de Fabiana, é possível observar uma referência a essa geografia do território. Ela diz: “Às vezes eu não sei o que acontece lá embaixo, mas eu moro aqui e eu entendo o que acontece lá embaixo.” Neste trecho da entrevista, Fabiana estava se referindo às pessoas que criticam o Jardim Bassoli, chamam o bairro de violento, lugar de bandido. Ela diz que, como moradora do residencial, por mais que não saiba o que acontece, ela consegue entender, porque vive no local. Os locais onde viviam antes de residirem no Jardim Bassoli serão detalhados em capítulo posterior, mas as cinco pessoas são oriundas de diferentes bairros da cidade de Campinas.

Dedico as próximas páginas para apresentar as moradoras que participaram desta pesquisa reconhecendo a importância delas para a construção do conhecimento e das reflexões propostas neste estudo. A pergunta que originou as respostas foi: “A primeira questão é um pedido para você se apresentar. Quem é você? Pode contar um pouco da sua

história até chegar aqui?” A apresentação já revela alguns elementos da experiência de desenraizamento, como a chegada repentina da equipe da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo (COHAB-SP) na antiga moradia e o aviso de que serão removidas para outro local, dentre outros fatos que serão debatidos na próxima parte deste trabalho. Os fatos sobre si mesmas que escolhem narrar para contarem sobre suas histórias demonstram a centralidade do aprender e do fazer em suas vidas, destacam os trabalhos que já realizaram, alguns cursos que fizeram e citam as ações de caráter coletivo nas quais estiveram e/ou estão engajadas.

Lindineide Silva:

“Eu sou a Lindineide. Eu vim do São Quirino, da Moscou. Faz seis anos que eu tô aqui no Bassoli.” (Lindineide)

Em seguida, Lindineide começa a contar sobre a saída da antiga moradia e a chegada no Jardim Bassoli. Esses trechos de seu depoimento serão debatidos em capítulos posteriores. Mais adiante em nossa conversa, ela descreve mais características suas quando relata sobre a doação de legumes que recebe e compartilha com a vizinhança:

“Eu respeito o meu próximo. Eu acho que tudo é uma questão de conversar. (...) Toda quinta-feira o ISA doa legumes lá na quadra para as pessoas que estão cadastradas. Acontece toda quinta-feira essa entrega de verduras. Quando eu pego a minha doação, a minha parte, e vejo que tem muito eu chego pros vizinhos da minha torre e ofereço: ‘tem muita coisa aqui eu vou dividir com você. Fulano, você gosta de cebola?’ Eu gosto de ser desse jeito. Eu não sei, é a minha natureza. Aí eu falo, aí eu divido com o outro.” (Lindineide)

Lindineide é uma mulher cisgênera, negra de pele clara, casada com um homem negro de pele escura, Antônio. Désia, filha de Antônio e Lindineide, tem oito anos e mora com o casal. Lindi, como é conhecida e chamada pelas amigas e vizinhas, comenta algumas vezes sobre sua filha mais velha, fruto de um relacionamento antigo, mas não cita o nome da filha.

Madalena Correa é uma mulher cisgênera de pele branca, não menciona sua idade, mas pelas referências de tempo que comenta está na faixa dos 45 aos 55 anos. Madalena é bastante religiosa, durante conversas informais cita a importância da igreja e da participação nos cultos na sua vida.

“Eu sou a Madalena, morava no Jardim Lisa, foi quando a COHAB também apareceu lá dizendo que ia tirar muita gente daquele lugar, que era uma área de risco. (...) Eu gosto muito do que eu faço que é a costura. Faço outras coisas como

tapetes, muitas coisas boas, e é muito bom estar trabalhando junto com a Lindineide e a Renata nesse projeto. Eu amo fazer isso. Principalmente porque nós podemos ajudar outras pessoas da nossa comunidade aqui do Bassoli, que são muito carentes e precisam muito da nossa ajuda e nós estamos aqui pra isso.” (Madalena)

Durante um período do projeto Escola de Transformação, Madalena passou por uma depressão, o que de certa forma limitou sua participação nas atividades realizadas. Nos mutirões, ela apoiou na cozinha, preparando os alimentos para o almoço comunitário. Ela conta:

“Eu pouco participei dos mutirões. Foi a época que eu já não tava muito bem, mas eu participei em fazer comida, participei em fazer as pipocas, os bolos, umas bacionas de salada... Foi muito bom. Mas, assim, dos mutirões mesmo pra ajudar a trabalhar eu não ajudei muito, não. Mas eu estive em algum lugar olhando o pessoal trabalhar. Foi muito bom. Pra mim foi muito ótimo, ter ajudado na comida, fazer pipoca pras crianças, fazer bolo.” (Madalena)

Madalena cita como um momento marcante de sua vida a experiência de ser subsíndica enquanto Renata era síndica do condomínio em que moram. Ela relata:

“A minha história é que eu cheguei, conheci a Renata e a gente foi ser síndica do nosso condomínio. Num lado foi muito bom, em um lado a gente enfrentou muitos problemas. Isso foi uma história muito marcante na minha vida e eu aprendi a ter mais paciência, porque eu não tinha paciência, não. E ali, nesses quatro anos dentro do condomínio eu aprendi a ter um pouquinho mais de paciência com a Renata, que é um poço [ênfatizando a palavra] de paciência. Então, pra mim foi uma lição muito grande, que eu aprendi ali no condomínio junto com ela, a ter um pouco mais de paciência com as pessoas. Saber entender mais as pessoas, e graças a Deus, nesses quatro anos que a gente ficou a gente nunca teve inimizade com ninguém. Nunca tivemos conflitos, a gente sabia como lidar com as pessoas. Foi uma história muito marcante na minha vida.”(Madalena)

Renata Nascimento, mulher cisgênera de pele branca, apresenta a si mesma a partir das mudanças de local de moradia e da importância da costura em sua vida. Em determinado momento da entrevista, compartilha as dificuldades familiares que enfrenta por conta de parentes próximos que são dependentes químicos. Renata está na mesma faixa etária que Madalena e juntas frequentam uma igreja evangélica neopentecostal nas proximidades do Jardim Bassoli.

“Eu sou a Renata, tô morando aqui no Bassoli já vai fazer sete anos. Eu nasci e me criei em São Paulo. Tô em Campinas faz 26 anos [faz as contas mentalmente], aprendi a costurar em São Paulo com umas amigas que eu tinha desde criança. Elas achavam que tinha que fazer alguma coisa, não tinha como sair de casa; aprendi a costurar praticamente na marra em São Paulo. Uma colega minha colocou a máquina de costura na minha mão e falou: “você vai costurar”. Então, me coloquei pra

costurar e acabei me dando bem na costura. Aí eu saí de São Paulo, vim pra Campinas, trouxe minhas coisas de costura. Chegando em Campinas eu não tinha emprego, fiz algumas coisinhas de costura, comecei a vender, fazer barra de calça. Daí começou a dar certo, só que não tinha muita saída. Então, procurei emprego, fiquei onze anos numa empresa. Saindo desse trabalho eu tinha o sonho de montar uma oficina de costura. Minha casa, na Princesa do Oeste, era bem grande, então montei uma oficina de costura com as máquinas que eu queria. Depois que estava tudo montado não demorou muito a COHAB chegou, falou que a gente ia ter que sair daquele lugar, perguntei pra eles se eles tinham casa, eles falaram que não, que era só apartamento. Aí eu fiquei muito triste porque eu sabia que teria de acabar com a minha oficina de costura. Peguei minha oficina de costura, falei “bom, não vou me apegar em nada” e troquei as máquinas que tinham na oficina por uma televisão. Foi o valor de mil e duzentos reais, a televisão tá lá em casa. Vim pro Bassoli só com uma máquina de costura simples. Chegando aqui, depois de um ano, teve reunião, na qual eu e a Madalena fomos e resolvemos ser síndicas.” (Renata)

No depoimento de Renata, é possível perceber a importância que ela atribui à costura na sua vida. Ela cita situações de alegria e de tristeza que viveu a partir desse fazer. E, mais adiante em nossa conversa, descreve como o fazer manual, o aprendizado de novas técnicas com outras moradoras foi importante para ela: “conheci a Lindi naquele projeto que vocês trouxeram lá do Caiçara²⁰. [...] daí eu conheci a Lindi e a Maria. A gente começou a pegar afinidade naquele lugar também. A gente participou daquela oficina e criou mais um vínculo ali dentro.” (Renata)

Das pessoas entrevistadas, Marcelo Siqueira é a mais jovem, ele reside no apartamento de sua mãe. O local onde nasceu e morou antes de ir para o Bassoli está presente na forma como conta sua história. Os projetos que realiza no bairro, como agente cultural, também ganham destaque na sua apresentação. Ao longo da entrevista, Marcelo contou sobre situações vivenciadas por conta da sua orientação sexual. Ele relatou o medo que sentia de se assumir, sofrer preconceito e o quanto se surpreendeu por perceber que sua homossexualidade não era vista como um problema pela vizinhança.

“Eu sou o Marcelo, tenho 23 anos. Nasci em Osasco, São Paulo. Com um ano de idade eu vim pra Campinas e morei no Jardim Santo Antônio durante 19 anos. Do Jardim Santo Antônio eu decidi vir morar sozinho no apartamento da minha mãe. Daí eu vim amigado [pensativo] com um rapaz e comecei a criar minha vida depois que eu vim morar sozinho aqui no Jardim Bassoli. Antes eu tinha um preconceito contra o bairro, mas hoje morando dentro da comunidade eu vejo que não é nada daquilo que eu pensava e que as pessoas falavam. É [Marcelo diz um longo é]... Hoje eu sou agente cultural e também militante tanto dentro como fora da comunidade. Também sou designer de sobancelhas, faço algumas atividades. Estou desempregado e faço movimento no bairro com projetos com a comunidade com

²⁰Criqué Caiçara é um grupo de artesãs, moradoras da Estação Ecológica da Juréia no litoral sul de São Paulo. As peças produzidas são inspiradas na fauna e na flora da região e utilizam como matéria-prima a caixeta, árvore nativa da Mata Atlântica. Renata está se referindo a uma oficina realizada durante o projeto Escola de Transformação na qual artesãs do grupo Criqué Caiçara ensinaram uma técnica de artesanato de talhar e pintar na madeira.

cinemas, rodas de conversa, a biblioteca, aula de zumba, aula de violão para o público de crianças e, até mesmo, pessoas adultas. Acho que é isso.
[...]

[na chegada ao Bassoli] a gente não tinha tanta relação com a comunidade porque a gente tinha medo por ser um casal homossexual. Tanto é que quando chegamos aqui, e até hoje, somos conhecidos como primos. Muita gente acha que a gente era primos. Mas quando ele foi embora, todo mundo, a grande maioria, questionava e eu falei que a gente não era primos. Achei que seria um preconceito maior, mas eles entenderam porque que eu falei. Enfim, hoje eu sou assumido na comunidade acredito que para a grande maioria.” (Marcelo)

Embora não esteja presente na sua fala, nem de apresentação, nem em outros momentos da entrevista, é importante destacar que Marcelo é um rapaz negroque, contrariando as estatísticas, segue vivo. Segundo Daniel Cerqueira e Danilo Santa Cruz Coelho (2017, p. 9)²¹

“Aos 21 anos de idade, quando há o pico das chances de uma pessoa sofrer homicídio no Brasil, pretos e pardos possuem 147% a mais de chances de serem vitimados por homicídios, em relação ao conjunto dos indivíduos brancos, amarelos e indígenas.”

Soma-se ao fato de ser um jovem, negro e periférico, sua orientação sexual desviante do padrão heteronormativo, que também é foco de violência e coloca Marcelo em uma posição de mais risco ainda: “A sexualidade divergente, que se desloca do padrão heterossexual cis normativo, aliada ao racismo estrutural, torna a pessoa negra LGBT ainda mais vulnerável às situações de violência.”²²

Fabiana Ribeiro, quinta moradora do Jardim Bassoli entrevistada, faz parte de outra estatística: a de mãe solo. Segundo o “projeto Solo”,²³ que retrata a realidade de mulheres chefes de família – únicas responsáveis pelo sustento da casa – durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, existem 11 milhões de mães solo no país, das quais 7,5 milhões são pretas ou pardas. Fabiana também não se autodeclara preta ou parda em sua apresentação, mas seu fenótipo é de pessoa negra. Durante a entrevista, ela relata episódios de humilhação e preconceito vivenciados por ser moradora do Jardim Bassoli, situações estas que estimulam e reforçam seu desejo de transformar o bairro e a visão que as pessoas têm sobre o local, inclusive as demais moradoras. Por isso, em sua apresentação estão presentes as ações sociais

²¹Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/1588-td2267.pdf>> Acesso em: 13 de maio de 2021.

²² Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v23s1/1980-5497-rbepid-23-s1-e200006-SUPL-1.pdf>> Acesso em: 13 de maio de 2021.

²³ Disponível em: <<https://www.solonatgeo.com/sobre>> Acesso em: 13 de maio de 2021.

que realiza no condomínio no qual é síndica, nas áreas de lazer do residencial e também em outros bairros da região.

“Meu nome é Fabiana. Tenho 38 anos, dois filhos, moro aqui no residencial faz sete anos e oito meses. Trabalho de doméstica e com festas também aos finais de semana, gosto de ações sociais. Às vezes um dia de folga eu tô aí, plantando árvore, cavando buraco, limpando praça. Eu gosto dessas ações assim. Sou síndica do condomínio que eu moro. E faço essas atitudes aqui dentro do condomínio também.”

PROCESSOS E PROCEDIMENTOS DAS ENTREVISTAS

Para a realização das entrevistas, foi preciso agendar e confirmar com antecedência, pois tive de me deslocar de Santos a Campinas e, no caso das primeiras entrevistas realizadas, encontrar um local para passar a noite.

Em junho de 2019, realizei um trabalho de campo que incluiu três ações: uma observação participante com o grupo Artes Bassoli, composto por Lindineide, Madalena e Renata; uma roda de conversa com as integrantes do grupo; e uma entrevista com Marcelo. A roda de conversa era para ter sido uma entrevista somente com Renata, mas ela me propôs que fizéssemos a entrevista de forma coletiva, para que as outras mulheres também pudessem participar e, sob o olhar interessado de Lindineide e Madalena, aceitei a proposta. Em outubro de 2020²⁴, realizei a entrevista com Fabiana. Na mesma data, estava agendada a entrevista com outra moradora, porém quando cheguei ao bairro e entrei em contato para confirmar o horário, ela me avisou que estava na casa de sua irmã, pois havia passado mal durante à noite e teve de ir ao hospital²⁵. A entrevista precisou ser cancelada.

Antes da entrevista, lemos juntas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido²⁶ (apêndice 2) e reforcei a possibilidade das moradoras escolherem como gostariam de serem identificadas no texto, se desejavam que seu nome fosse mantido em sigilo ou não. Todas as pessoas entrevistadas assinalaram que gostariam de que fosse utilizado o seu nome próprio e faziam comentários como: “não tenho nada para esconder”. Reforcei que, caso mudassem de opinião, poderiam falar comigo, que eu acataria o pedido.

²⁴Essas entrevistas estavam previstas para acontecer em abril de 2020, porém, com a pandemia de coronavírus, a data foi postergada. Considerei fazê-las de forma online, mas sabendo dos prejuízos envolvidos nesse formato decidi, com todos os cuidados necessários, ir até o bairro e realizá-las presencialmente.

²⁵ Não era coronavírus, ela segue firme e saudável e volta e meia me envia fotos dos artesanatos que faz e pergunta sobre mim e minha família.

²⁶Esta pesquisa, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário da USP sob registro nº 1775/19.

Seguindo as orientações de Ecléa Bosi (2003, p. 66): “O depoimento deve ser devolvido a seu autor. Se o intelectual quando escreve, apaga, modifica, volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou. Mesmo a mais simples das pessoas tem esse direito, sem o qual a narrativa parece roubada.” Após a transcrição da entrevista, entreguei cópias impressas para Lindineide, Madalena e Renata e cópias digitais para Marcelo e Fabiana. Pedi a elas que lessem e me avisassem caso houvesse algum trecho que gostariam que eu não incluísse na dissertação ou se havia alguma fala que gostariam de complementar. Não foi solicitada nenhuma alteração. Somente alguns comentários como: “Nossa, eu falei tanto assim?” quando a moradora viu as nove páginas de sua entrevista transcritas.

Com Fabiana e Marcelo, as entrevistas aconteceram nas suas moradias e com Lindineide, Madalena e Renata, a roda de conversa aconteceu no espaço utilizado por elas para realização das atividades de artesanato. Fabiana foi a última pessoa entrevistada, em outubro de 2020, em um domingo de manhã. O ambiente estava tranquilo, silencioso; em determinado momento seu filho saiu do quarto em direção ao banheiro. Fabi o avisou que estava dando uma entrevista e seguimos o diálogo. Essa foi a única entrevista na qual utilizei microfone de lapela (preso à roupa de Fabiana e conectado ao meu celular que fazia a gravação). O áudio ficou mais nítido, o que facilitou a transcrição. Nas demais entrevistas, não usei esse tipo de microfone. Na entrevista com Marcelo, tivemos vez ou outra a interrupção de alguma vizinha que vinha a sua janela falar com ele, mas nada que atrapalhasse o processo. Ele logo explicava que estava dando uma entrevista e que depois procuraria a pessoa. Com Lindineide, Madalena e Renata, tinham os barulhos da oficina mecânica, localizada no mesmo terreno onde estávamos, e uma ou outra interrupção das crianças que estavam conosco, a neta de Renata e a filha de Lindineide.

OBSERVAÇÕES PARTICIPANTES²⁷

É importante destacar que a observação participante pede uma compreensão mais profunda, não somente enquanto modalidade metódica de investigação, mas enquanto movimento de uma cidadã pesquisadora que “se deslocou para bem perto daqueles sobre quem o fenômeno cai ostensivamente, deslocou-se em corpo e alma para bem perto daqueles em quem o fenômeno pega por dentro”. (GONÇALVES FILHO, 2003, p. 194)

²⁷Os relatos na íntegra do Diário de Campo podem ser conferidos no Apêndice 3 desta dissertação.

Foram realizadas duas observações participantes: uma no dia 17 de junho de 2019 e outra no dia 14 de setembro de 2019. No dia 17 de junho, às vésperas da roda de conversa com Lindineide, Madalena e Renata, passei a tarde com elas, acompanhando um encontro de assessoramento que elas tiveram com a designer que as apoia atualmente. Quando a assessoria encerrou, permaneci no espaço com as mulheres. Elas estavam fazendo crochê e eu bordando, enquanto conversávamos sobre assuntos diversos:

“Depois que Renata Mendes foi embora, a designer que apoia o grupo e havia estado lá colhendo informações para uma matéria que será feita sobre a Reciclista, fiquei com Lindineide, Madalena e Renata. Elas crochitando e eu bordando. Esse foi o momento das perguntas sobre mim. Começamos a falar sobre machismo e direitos das mulheres sem usarmos necessariamente esses termos. Comentamos sobre maridos, filhos, irmãos e pais que não fazem o trabalho doméstico e reclamam quando a mulher não faz. Elas contaram de algumas situações e de como têm tentado “ensinar” aos homens da casa que precisam aprender a se virar. Inclusive compartilhamos histórias de familiares que aprenderam na marra. Lembrei muito de Sílvia Federici, do que ela fala sobre reprodução da vida e toda a responsabilidade que recai sobre as mulheres.” (Diário de Campo, 17 de junho de 2019)

No dia 14 de setembro, acompanhei a organização e realização do Sarau Bassoli Resiste!²⁸.

“Fui com Marcelo, e mais uma pessoa que estava dirigindo, passar nos comércios do entorno para buscar as doações de alimentos que haviam sido solicitadas por meio de ofícios nas semanas anteriores. A maioria dos comércios oferecia alguma coisa, mesmo que pouco. Porém, as principais apoiadoras eram comerciantes localizados no próprio Bassoli. Em uma delas fomos eu e Marcelo uma vez e o comerciante deu dois pacotes de macarrão. Chegando na casa de Marcelo, onde seria preparado o almoço para as atrações do sarau, fizemos a contagem da quantidade de alimento e percebemos que faltaria molho de tomate. Me ofereci para voltar ao comércio que havia doado os pacotes de macarrão e checar se poderiam doar os molhos. Chegando lá o proprietário ao me ver perguntou: “é pro pessoal ali da quadra?”, respondi que sim e ele deu dois pacotes de molho de tomate. Fiquei refletindo sobre o quanto aquele comerciante sabe quem são ‘o pessoal ali da quadra’ ou o que e por que fazem o que fazem. Independente do quanto ele tinha interesse em se envolver e participar dessas atividades, de alguma forma já estava envolvido: o alimento que ele ofereceu completou o almoço.” (Diário de Campo, 14 de setembro de 2019)

Segundo Eclea Bosi (2003, p. 60): “É de muito bom alvitre sair com ele, caminhar ao seu lado nos lugares em que episódios lembrados ocorreram.” Fiz isso com Fabiana. Caminhamos pela praça. Ela me mostrou a árvore que as crianças quase destruíram e as novas mudas plantadas pelas moradoras em ações coletivas realizadas em período recente. Algumas anotações sobre esse episódio:

²⁸Imagens do Sarau podem ser conferidas nos diversos álbuns do evento na página do Coletivo Bassoli dos Nossos Sonhos no *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/Bassolidosnossossonhos/photos/?tab=album&ref=page_internal> Acesso em: 18 de maio de 2021.

“Na última parte da entrevista Fabi contou sobre a ação de limpeza que está sendo realizada na praça e a convidei para ir até lá comigo e me apresentar o morador ao qual ela se refere, o Johny. No caminho até a praça Fabi foi me mostrando alguns pontos do condomínio nos quais ela implementou melhorias, especialmente os jardins, as escadas com as toras de madeira que sobraram da reforma estrutural das escadarias dos prédios e as mudas de árvores que ela plantou.

No curto caminho até a praça encontramos com Lindineide que me perguntou se eu estava indo embora. Respondi que não, estava indo até a praça e em seguida iria na casa dela, completei. Ela disse que teve de dar uma saída, mas havia deixado Antônio, seu esposo, avisado de que se eu chegasse pedisse para aguardar que ela já voltava. Nos despedimos e eu e Fabi seguimos até a praça.

Chegando lá ela me mostrou as mudas de árvores que foram plantadas recentemente, as quais ela se referiu durante a entrevista. Comentou sobre o pé de flamboyant (que é o seu queridinho desde a intervenção que realizamos na praça e o plantamos lá, em fevereiro de 2018) e um ataque que ele sofreu por parte das crianças, que ao se pendurarem em um galho o quebraram. Ela se colocou como guardiã da praça e das árvores e destacou a importância de Ivonete (a quem ela se referiu como vizinha do D) que fica da janela do seu apartamento chamando a atenção das crianças que agem de forma descuidada com os brinquedos do parquinho e com as árvores. Achei curioso Fabi se referir à Ivonete e à atitude das crianças porque reforça a fala de Lindineide e Renata na entrevista realizada em junho de 2019, na qual comentaram sobre a atitude das crianças e a atitude de zelo com a praça desempenhada por Ivonete.

Fabi então me apresentou Johny (grafiteiro, morador do condomínio E) e Paulo (morador do condomínio C). Ambos estavam com rastelo e vassoura na mão, limpando a praça. Paramos para conversar um pouco, especialmente com Johny que comentou a quanto tempo mora no residencial, as atividades e projetos que desenvolve e detalhou o sonho de trazer grafiteiros de outras cidades do estado para fazer um evento de pintura dos muros do Bassoli. Conversamos sobre a viabilidade dessa ideia, formas de buscar apoio e recursos para transformá-la em realidade e ressalté a escrita de editais, comentei sobre algumas oportunidades. A resposta de Johny foi de que tem pouco tempo para escrever editais, pois está sempre fazendo coisas.” (Diário de Campo, 5 de novembro de 2020)

Em junho de 2019, vivi experiência semelhante com Lindineide. Acompanhei-a até a escola de sua filha:

“Fui buscar a Désia na escola com a Lindineide. Foi tão gostoso fazer esse trajeto novamente. Sem precisar me preocupar com materiais a serem comprados para o mutirão. ‘Precisa de Nota Fiscal!’, o restaurante onde almoçávamos, o açaí de lanche da tarde... continuam aqui. Na porta da escola, mães, pais e responsáveis são em sua maioria negras. A escola é pública, o bairro periférico: a cor da pele das pessoas poderia/deveria ser outra?” (Diário de Campo, 17 de junho de 2019)

RESIDENCIAL JARDIM BASSOLI

O residencial Jardim Bassoli é um empreendimento do PMCMV destinado a famílias da Faixa 1 (com renda familiar de zero até três salários mínimos)²⁹, que residiam em áreas

²⁹ As faixas do programa foram alteradas no decorrer dos anos. A Faixa 1 era assim considerada quando da construção e entrega do Jardim Bassoli.

consideradas de risco pela Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB). O residencial está inserido na modalidade do programa em que uma empreiteira é contratada para executar a construção do empreendimento através de repasse de recursos do Estado³⁰, em âmbito federal, diretamente para a empresa executora.

O Jardim Bassoli está localizado na região Noroeste de Campinas, na porção denominada região do Campo Grande, reconhecida por ser uma área com alta concentração de população de baixa renda. O residencial foi projetado e aprovado para possuir 796 lotes, dos quais 790 para moradia e seis para comércios. Porém,

“Através da anexação de lotes transformou os 790 lotes residenciais em 19 grandes lotes. Nestes 19 lotes foram implantados através do Programa Minha Casa Minha Vida 119 edifícios de 5 pavimentos (térreo + 4 andares), com 20 apartamentos cada, resultando em 2.380 unidades habitacionais, destinados para famílias com faixa de renda de 0 a 3 salários mínimos.” (DEMACAMP; INSTITUTO PÓLIS, 2014, p. 127)

Dessa forma, os 19 grandes lotes se transformaram em 19 condomínios, nomeados com as letras do alfabeto, de AaS. A diferença entre o que foi projetado e implantado é a causa de diversos impactos no dia a dia de quem vive no residencial. As ruas são estreitas, a falta de água nas torneiras é preocupação constante, entre outros problemas decorrentes da falta de planejamento para prover as 2380 famílias com serviços básicos. Afinal, o plano aprovado possuía 301,27% a menos de demanda. Com o aumento do número de moradias, as áreas de uso coletivo também ficaram prejudicadas: o sistema de lazer que deveria ser de 21,44m²/hab passou para 7,12, uma redução de 33, 21%.

As primeiras unidades começaram a ser entregues em abril de 2011 (condomínios P, Q e R) e as últimas entregas aconteceram em janeiro de 2013 (condomínios A, B, C e D). Entre a primeira e a última, aconteceram outras cinco entregas que totalizaram a mudança das 2380 famílias para o residencial. Importante ressaltar que o residencial Jardim Bassoli foi construído em terreno acidentado, dessa forma existe um desnível entre os condomínios (e, em alguns casos, na parte interna dos condomínios, entre um bloco e outro), que faz com que as moradoras se refiram como parte de baixo e parte de cima do residencial. Os condomínios A, B, C, D, E, F, G e H ficam na parte de cima; I, J, K, l, M, N, O, P, Q, R e S ficam na parte de baixo, conforme pode ser visualizado nas figuras 1 e 2.

³⁰ Os recursos podem ser provenientes de diferentes fundos. Os mais utilizados são o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o Fundo de Arrendamento Residencial (FAR). O Jardim Bassoli foi construído a partir de recursos do FAR, que é a modalidade utilizada quando se trata de residenciais da Faixa 1.

Figura 1 - Vista parcial do Jardim Bassoli



Fonte: Internet

Figura 2 – Vista aérea do Jardim Bassoli



Fonte: Internet

Em determinado momento das entrevistas, a moradora Lindineide, relatou seu desejo de ver o bairro sendo conhecido de outro jeito. Posteriormente, aprofundi essa afirmação questionando-a: “Se você pudesse apresentar o Bassoli a uma pessoa que não conhece o bairro, o que você contaria?” Ela respondeu:

“O Bassoli é um lugar como outro. Tem muitas coisas aqui que as pessoas não conhecem. Tem famílias que vieram de vários outros lugares e regiões. Não veio só pessoas do São Quirino, como é o meu caso. Aqui tem pessoas de várias regiões. O Bassoli é grande, é uma comunidade carente, precisa de eventos para que o pessoal conheça o outro lado do Bassoli. Porque geralmente as pessoas só conhecem o Bassoli pela violência, pelas reportagens, mas dentro do Bassoli tem muita gente boa, tem muitos artistas que precisam ser reconhecidos. (...) Mas a comunidade Bassoli precisa ser vista com outros olhos, por outras pessoas que sabem que aqui tem pessoas boas. A gente precisa procurar ser o melhor possível para o bairro. A gente, enquanto morador, precisa se empenhar para que as coisas fiquem melhor aqui dentro.” (Lindineide)

Em relação ao local de origem das famílias que residem no Jardim Bassoli, as respostas sobre onde residiam antes de ir morar no residencial são as mais diversas. O que todas elas têm em comum é o fato de que eram áreas caracterizadas como de risco ou insalubres pela Secretaria Municipal de Habitação de Campinas, locais com alta frequência de enchentes e desabamentos. No momento de serem realocadas nos condomínios, não houve a preocupação de serem mantidas famílias de um determinado bairro no mesmo condomínio, assim é possível que famílias procedentes de uma mesma região estejam dispersas entre diferentes condomínios, ainda que, em alguns blocos, sejam encontradas até 25% de famílias de um mesmo bairro. É interessante destacar que alocar famílias de uma determinada região no mesmo condomínio poderia fortalecer os vínculos e laços de vizinhança, afinal, pessoas que já se conheciam e conviviam poderiam iniciar juntas a vivência de uma realidade condominial.

Segundo dados do “Relatório de Caracterização Familiar do Programa Minha Casa Minha Vida” (2013) apresentados no Relatório DIST I:

- “- 81,3% das famílias são chefiadas por mulheres, sendo que 47% delas possuem trabalho remunerado. Dessas, 22,1% tem segurança do trabalho com carteira assinada e, portanto, há recolhimento de encargos que garantirão a contribuição para aposentadoria; por outro lado, 77,9% das mulheres chefes de família não tem segurança do trabalho ou CLT assinada.
- Com relação à escolaridade, 66,2% possuem até 8 anos de estudo (baixa escolaridade) e apenas 28,8% tem ensino médio regular.
- A renda mensal não ultrapassa os três salários. As famílias que não tem nenhuma renda representam 29,2%; com até 1 salário mínimo 37,5%, e com renda de 1 a 2 salários, 30,9% o que configura uma maioria de 97,6%⁵ incluídas na faixa de 1 a 3 salários mínimos.” (DEMACAMP; INSTITUTO PÓLIS, 2014, p. 130)

Ainda no mesmo relatório, é apresentada a porcentagem de moradoras em cada faixa etária e a população jovem, de 0 a 17 anos, é a maior com 44,8% de representatividade. Em relação ao perfil étnico racial, a população negra³¹ é de 65,1%, 30,7% é branca, a porcentagem de população indígena e amarela é a mesma: 0,1% cada uma, e 3,9% das pessoas não têm resposta.

³¹Segundo o cientista político Cristiano dos Santos Rodrigues em matéria publicada no jornal Estado de Minas Gerais em 20 de novembro de 2020 o termo negro tem dois vetores de utilização: um referente aos movimentos sociais que devido ao histórico depreciativo do termo negro dão preferência ao termo preto e outro referente ao universo acadêmico, especialmente de estudos sociológicos, que propõe a junção de dois grupos de cor aproximados, pessoas que se declaram pardas e o grupo daquelas que se declaram pretas. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml>. Acesso em: 22 de maio de 2021.

CAPÍTULO 3 - “VEM COMIGO QUEM É DO BONDE PESADÃO!”³²

MEMÓRIAS DA ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO NO JARDIM BASSOLI

Este capítulo está baseado em memórias. Nas recordações de uma trabalhadora, mobilizadora comunitária, bastante implicada no seu fazer. Estar intensamente envolvida no cotidiano das moradoras, com seus desafios e alegrias, foi fundamental para que a experiência relatada aqui se transformasse no projeto que me trouxe ao mestrado e se materializa nesta dissertação.

O impacto que as conversas, mãos na massa, abraços e lágrimas produziram e que reverberam até então em nossas vidas é o fator central de motivação deste estudo: o que resta em mim, nas moradoras e na comunidade após um ano e meio vivenciando experiências de participação comunitária?

A princípio, apresento o que é a Escola de Transformação, eixos norteadores e ciclos de desenvolvimento da proposta metodológica, bem como as organizações envolvidas na execução do projeto. Em seguida, descrevo algumas experiências em campo (entre fevereiro de 2017 e setembro de 2018), a partir das minhas memórias, registros apresentados em relatórios³³ e depoimentos de moradoras coletados naquele período. É preciso destacar que a escrita deste texto acontece três anos após o início do trabalho em campo. Assim, a narrativa que se materializa é resultado da construção contínua da memória que “opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente, mas porque se relacionam através de índices comuns”, como diz Ecléa Bosi (2003, p. 31). Se trouxesse aqui as memórias mais marcantes, certamente elas não apareceriam em ordem cronológica, mas na medida dos afetos: nas longas conversas partilhadas, na ação que nos colocou lado a lado, nos momentos que o tempo pareceu correr muito depressa ou naqueles em que o tempo parou e me deixou até agora com a dúvida “e se tivesse agido diferente?”. Dispor-me a vivenciar experiências de participação comunitária é uma abertura para o confronto entre o que acredito e o que pode ser realizado; entre o que é preciso e o que é possível; entre diversas expectativas e opiniões das pessoas envolvidas. É um constante jogo de probabilidades debatidas coletivamente, considerando interesses e necessidades diversas e por vezes opostas,

³²Trecho da música “Pesadão” de Iza com participação de Marcelo Falcão. Essa canção fez parte da trilha sonora que animou os mutirões no Jardim Bassoli.

³³Esses relatórios foram produzidos pela equipe do projeto Escola de Transformação e algumas das informações que eles apresentam já estão disponíveis publicamente através de postagens realizadas na página do Instituto Elos no *Facebook* e no *blog* da instituição.

sem perder de vista o sistema socioeconômico e político, que é estruturante das relações sociais e molda o que é possível para cada pessoa engajada nessas experiências.

A Escola de Transformação faz parte da estratégia de Desenvolvimento Integrado e Sustentável de Territórios (DIST) e é apresentada pela Gerência Nacional de Sustentabilidade e Responsabilidade Socioambiental (GERSA) da Caixa Econômica Federal (CEF) nos seguintes termos:

“O amadurecimento da CAIXA quanto à compreensão dos impactos potenciais de sua atuação – tanto como provedora de serviços financeiros quanto como parceira estratégica do Governo Federal – resultou no desenvolvimento da metodologia de Desenvolvimento Integrado e Sustentável do Território (DIST), que é uma estratégia sustentável de desenvolvimento territorial com atuação sistêmica, interconectando as dimensões de governança territorial, dinamização econômica, promoção sociocultural e gestão ambiental, tendo como base o protagonismo das comunidades locais na sua condução, juntamente com a articulação de parcerias e redes de apoio aos territórios nos quais os projetos são implementados. Por meio dessa metodologia, projetos que propõem soluções de desenvolvimento local, integração de políticas públicas e melhor adequação de espaços de convivência social são apoiados, a fim de promover a cidadania, dinamizar economias, melhorar a gestão ambiental e fortalecer a governança territorial. (ELOS, 2019, p. 17)

Em 2010, a CEF criou o Fundo Socioambiental CAIXA (FSA CAIXA), o qual destina até 2% do lucro líquido do banco para apoiar financeiramente projetos e ações de caráter social e ambiental que beneficiem prioritariamente a população de baixa renda.³⁴ O DIST é uma das estratégias para o uso desse fundo.

Em abril de 2016, o FSA CAIXA lançou um edital do DIST para que organizações sociais pudessem inscrever projetos para atuação em sete territórios do Programa Minha Casa Minha Vida localizados nas regiões Sudeste e Nordeste do país. O Instituto Elos, organização na qual desempenho a função de assistente de projetos sociais, foi uma das oito contempladas pelo edital, com uma proposta intitulada “Escola de Transformação para Comunidades Empreendedoras” inscrita em parceria com a Demacamp³⁵. A proposta foi escrita a partir da experiência que havíamos vivenciado com quatro comunidades na Baixada Santista no primeiro edital do DIST lançado em 2013³⁶, no qual a Demacamp também havia sido

³⁴ Disponível em:

<http://www.caixa.gov.br/Downloads/fundo_socioambiental_fsa/E_Book_FSA_CAIXA.pdf>. Acesso em 17 de jun. de 2020.

³⁵ Empresa fundada em 1999 na cidade de Campinas que presta assessoria técnica e consultoria em projetos de planejamento urbano, rural e ambiental e elabora estudos acadêmicos nessas áreas para instituições públicas e privadas. Disponível em: <<https://demacamp.com.br/>>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

³⁶ Material produzido pela equipe do Instituto Elos sobre essa experiência disponível em: <https://issuu.com/elos/docs/guia_das_comunidades_empreendedoras>. Acesso em: 20 de jun de 2020.

selecionada para atuar em parceria com o Instituto Pólís³⁷ no residencial Jardim Bassoli em Campinas. Dessa forma, o Jardim Bassoli foi o único residencial do PMCMV beneficiado duas vezes pela estratégia de desenvolvimento territorial do FSA.

Alexandre Alves e Gabrielle Okretic, colegas de trabalho no projeto Escola de Transformação, realizaram suas pesquisas de mestrado e doutorado, respectivamente, no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) abordando diferentes aspectos e perspectivas sobre a experiência em campo. Alexandre Alves focou seu estudo no residencial Sírius e buscou investigar práticas colaborativas que articulam o saber técnico e as vivências práticas no território³⁸. Gabrielle Okretic estudou os três residenciais participantes e sua pesquisa teve por objetivo entender quais foram os impactos dos espaços construídos na vida das moradoras e quais desafios continuaram presentes nos bairros, mesmo após as intervenções e trabalhos realizados.³⁹

ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO: PROPOSTA METODOLÓGICA

O nome “Escola de Transformação para Comunidades Empreendedoras” visa destacar o espaço da comunidade como uma escola, na qual estudantes e mestras somos todas nós, ressaltando que empreendedora não é somente a pessoa que inicia um negócio, um pequeno comércio (utilizando o próprio espaço da moradia, como é costumeiro acontecer nos residenciais participantes da Escola de Transformação), mas fazendo referência às pessoas que possuem sonhos, iniciativa e persistência para manter-se em ação conjunta para realização de objetivos coletivos.

A proposta metodológica da Escola de Transformação foi estruturada em três eixos operados simultânea e transversalmente para realização das atividades:

³⁷ O Instituto Pólís é uma organização da sociedade civil (OSC) de atuação nacional, constituída como associação civil sem fins lucrativos, apartidária e pluralista, que tem a cidade como lócus de sua atuação. Disponível em: <<https://polis.org.br/>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

³⁸ ALVES, Alexandre Fernandes Alessio. Diálogos entre saber técnico e vivência territorial – investigando práticas colaborativas para formação de comunidades. 2018. 216p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1095>> Acesso em: 20 de jun. de 2020.

³⁹ OKRETIC, Gabrielle Astier de Villatte Wheatley. Áreas públicas em conjuntos habitacionais recentes: ações para fortalecer a auto-estima e concretizar o pertencimento ao lugar por meio do protagonismo dos moradores. 2020. 501f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP. Disponível em: <<http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/handle/tede/1364>>. Acesso em: 20 de jun. de 2020.

Eixo 1 – Mobilização: consiste nos convites sociais a moradoras, instituições públicas ou privadas e organizações sociais do entorno das comunidades, para se integrarem às atividades programadas e contribuírem com ideias, vontades e recursos para os planos e ações de desenvolvimento. Um dos diferenciais do projeto está na maneira de convidar e no próprio convite em si: todas são chamadas, independentemente de ocuparem cargos formais em associações de bairro ou semelhantes, antes sendo reconhecidas e estimuladas a participar por causa dos seus talentos, que podem ser desde artesanato, jardinagem a tocar um instrumento e até mesmo conhecer muitas pessoas na comunidade.

Eixo 2 – Formação: processo contínuo de construção coletiva vivenciado pelas participantes envolvidas que consiste no estímulo ao intercâmbio de experiências e de conhecimentos que se relacionam com os sonhos, planos e ações comunitárias. Alguns exemplos são as visitas a comunidades e projetos sociais para troca de experiências, os cursos de comunicação nãoviolenta, de liderança e trabalho em equipe (Equipes Transformadoras) e as oficinas de direito à cidade, de comunicação comunitária e a de audiovisual com foco na juventude.

Eixo 3 – Realização: manifestação prática e concreta do protagonismo comunitário, sendo a combinação de arranjos sociais e institucionais com saberes e recursos disponíveis no território para efetivação das ações construídas coletivamente, a exemplo dos mutirões comunitários e projetos planejados e executados pelas próprias moradoras. Uma mesma atividade poderia estar inserida nos três eixos, como é o caso da Vivência Oasis, formação vivencial na metodologia de mobilização comunitária desenvolvida pelo Instituto Elos e que contempla mobilização das moradoras, formação do grupo participante na metodologia e realização de um mutirão para transformação de um espaço coletivo.

As atividades programadas foram organizadas em quatro ciclos de aprendizagem: ciclo I: diagnóstico integrado participativo do território e estabelecimento das primeiras parcerias locais e regionais para início das atividades; ciclo II: mobilização de participantes na construção de sonhos coletivos e na formação de grupos locais para desenvolvimento de projetos comunitários; ciclo III: apoio continuado à implementação de projetos comunitários e capacitação integrada por meio de encontros periódicos formativos e de fortalecimento de grupos locais e o ciclo IV: assessorias especializadas aos projetos coletivos e a elaboração de novas iniciativas locais e planos futuros de desenvolvimento territorial. Conforme explicitado anteriormente, as atividades de cada eixo não acontecem de forma linear no período de execução do projeto. Quando as atividades de assessoria especializada, do ciclo IV, iniciaram ainda estava prevista uma visita de inspiração, atividade do ciclo II, por exemplo. A

organização do projeto em ciclos tem por objetivo delinear qual o objetivo central de cada etapa, porém não significa que a etapa anterior esteja completamente concluída. Afinal, trata-se de um processo de desenvolvimento humano a partir de experiências coletivas, que demanda tempo e dedicação para que as mudanças sejam percebidas e incorporadas no cotidiano das moradoras.

CICLO I - DIAGNÓSTICO INTEGRADO PARTICIPATIVO DO TERRITÓRIO E ESTABELECIMENTO DAS PRIMEIRAS PARCERIAS LOCAIS E REGIONAIS PARA INÍCIO DAS ATIVIDADES

No Jardim Bassoli, o Ciclo I não contou com a realização de diagnóstico integrado participativo, uma vez que tal documento já havia sido elaborado durante o DIST I em 2014. Assim, nesta localidade e neste período, a Escola de Transformação realizou reuniões com as equipes da Demacamp e Instituto Pólis para atualização das informações a respeito das ações postas em prática a partir dos apontamentos e encaminhamentos propostos no diagnóstico e visitas aos equipamentos públicos localizados no bairro e entorno próximo (escola, creche e organização social conveniada à assistência social que realiza as atividades de fortalecimento de vínculos para as crianças e jovens do Jardim Bassoli).

Os outros dois residenciais participantes, Sírius e Vila Abaeté, passaram por todos os ciclos, incluindo a elaboração do diagnóstico participativo, e tiveram as atividades de campo iniciadas seis meses antes. A Escola de Transformação precisou aguardar o encerramento do DIST I no Jardim Bassoli para iniciar a atuação em campo nesta comunidade.

Nossa equipe de campo era formada por três pessoas e desde o início sabíamos que atuaríamos juntas nos residenciais, mas que cada uma assumiria responsabilidades específicas que incluíam construir e mediar os vínculos com moradoras e promover a interlocução com o entorno (escola, creche, organizações sociais etc.) em um dos residenciais. Desde antes de colocar os pés lá, eu já brincava: “o Bassoli é meu!”. Habitava em mim a sensação de que estar ao lado das pessoas do Jardim Bassoli, conhecer suas histórias e construir memórias seria impactante para todas nós.

Antes de iniciarmos o trabalho de campo, tomamos contato com as experiências de mobilização comunitária realizadas anteriormente, em especial com o relatório de diagnóstico participativo elaborado durante o projeto DIST I, que estava em processo de finalização quando a Escola de Transformação chegou à comunidade. Ler a transcrição dos depoimentos das síndicas sobre a chegada e os primeiros anos no residencial me emociona, pois entendo ser inaceitável o que fizeram com estas famílias e seguem fazendo com tantas outras. Moradia

é um direito, ponto final. Não se negocia, nem se abre brechas em lei alguma para permitir que esse direito seja vilipendiado da forma como foi. Durante as entrevistas, as moradoras relataram o processo de retirada/saída das regiões onde viviam e de chegada no Residencial Jardim Bassoli e são exemplos da postura vergonhosa do poder público de Campinas na execução de um direito básico da população.

Ainda como etapa de preparação da ação em campo, foram realizadas reuniões e visitas de articulação com organizações sociais e equipamentos públicos do entorno do bairro. Duas organizações visitadas prioritariamente foram a escola estadual Antonio Carlos Lehman (Figura 3), uma vez que parte considerável das crianças e jovens do Jardim Bassoli lá estudam, segundo o relatório do DIST I, e o Projeto Gente Nova (PROGEN), organização da sociedade civil na área da assistência social que oferece, através de convênio com a Secretaria Municipal de Assistência Social de Campinas, projetos e ações referentes ao Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). O PROGEN possui quatro unidades em diferentes bairros da cidade e a mais recente foi instalada em 2013, a cerca de 500 metros do Jardim Bassoli.

Figura 3 – Visita à escola estadual Antônio Carlos Lehman



Fonte: Instituto Elos

CICLO II - MOBILIZAÇÃO DE PARTICIPANTES NA CONSTRUÇÃO DE SONHOS COLETIVOS E NA FORMAÇÃO DE GRUPOS LOCAIS PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS COMUNITÁRIOS.

A primeira reunião comunitária que conduzi no Jardim Bassoli tinha por objetivo fazer a transição entre o DIST I e a Escola de Transformação. Dia 27 abril de 2017, uma quinta-

feira à noite. Fui levada por Lúcia⁴⁰ ao apartamento de Renata Nascimento, naquela ocasião síndica do condomínio L. Ela nos recebeu com cordialidade e, com um tom de voz que demonstrava curiosidade e desconfiança, perguntou as novidades. Durante a reunião comunitária, realizada no salão de festas, entendi que esses sentimentos não eram exclusivos de Renata. Após cinco anos morando no Jardim Bassoli e enfrentando inúmeras adversidades (desde problemas como desmoração no salão de festas, vazamentos nos apartamentos, alagamento da entrada dos prédios até questões mais amplas como falta de escola, posto de saúde, creche e transporte público, dentre outros), as síndicas presentes na reunião me olhavam com uma mistura de esperança e dúvida.

Sabendo do histórico de dificuldades e frustrações vivenciadas durante o DIST I, no qual a grande maioria das atividades girou em torno dos problemas de infraestrutura e avançou pouco na mobilização comunitária, busquei reforçar com as moradoras que nossa proposta era ouvi-las e tomar decisões conjuntas de forma transparente. Essa reunião foi um dos momentos mais marcantes da minha vida no sentido de reconhecer e valorizar o poder da palavra dita; durante todo o período em que estive atuando, Renata e Maria (moradora e síndica do condomínio O) me recordavam do que eu falei e de como isso havia sido importante para elas se permitirem participar da Escola de Transformação. Nesse ponto destaco o vínculo comunitário que se estabeleceu através da palavra, do compromisso assumido coletivamente. Eu não era lembrada, por Maria e Renata, somente pelas palavras que proferi, mas também, e principalmente, pela importância da minha fala para os laços de confiança que começaram a ser tecidos a partir daquele momento.

Logo depois, iniciamos a atividade de mobilização comunitária e as síndicas que estavam presentes na reunião se dispuseram a receber em seus condomínios jovens do projeto Academia Educar⁴¹ da Fundação Educar DPaschoal, a saber, cerca de 100 adolescentes com idade entre 13 e 16 anos, oriundas de escolas públicas de Campinas. E, quando cinco dias depois, 50 jovens desembarcaram de um ônibus pela manhã e mais 50 jovens à tarde, as moradoras olhavam com estranhamento e curiosidade. Ótimo! Despertar tais sentimentos faz parte da proposta metodológica de mobilização comunitária. As jovens realizaram nos dias 2 e 4 de maio de 2017 atividades baseadas nas duas primeiras etapas da metodologia Elos, o

⁴⁰Colega de trabalho na Escola de Transformação que havia atuado no DIST I como assistente social.

⁴¹ Mais informações sobre a “Academia Educar” está disponível em: <<http://www.educardpaschoal.org.br/projeto.php?id=3>>. Acesso em: 7 de fev. de 2020.

Olhar e o Afeto (Figura 4). A metodologia e as atividades desenvolvidas em cada etapa serão descritas na apresentação da Vivência Oasis a seguir.

Figura 4 – Atividade com jovens da Academia Educar DPaschoal no Jardim Bassoli



Fonte: Instituto Elos

No dia 5 de maio de 2017, foi realizado um encontro comunitário na quadra de cima (Figura 5). Mais um momento cheio de desafios e emoções. A quadra onde foi realizado o encontro era coberta, porém dos lados não tinha paredes, somente alambrado. Minutos antes de iniciarmos o encontro, um vento frio e forte começou a soprar e o céu foi ficando cada vez mais escuro, os materiais de papelaria devidamente organizados para recepcionar as moradoras voavam para todos os cantos da quadra e as pessoas, as poucas que vieram, estavam preocupadas com o temporal que se anunciava. Honrando a presença de quem se deslocou, mesmo com receio da chuva, realizamos o encontro, adaptando a programação para fazê-lo mais curto.

Figura 5 – Encontro comunitário (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Era um momento tenso que hoje é lembrado com gargalhadas. Ali, a emoção ficou por conta da evidência de que aquelas pessoas estavam realmente dispostas a lutar pelo bairro. E é impossível não me emocionar ao pensar no que levou esse grupo de 15 pessoas a saírem de suas casas numa sexta-feira à noite, às vésperas de um temporal, para conversar sobre uma ação de melhoria para a comunidade. Algumas moradoras expressavam que quinze pessoas representava muito pouco em uma população de 5.085 que compunha o residencial, mas este número foi se transformando em 16, 20, 30, e relatos como o de Maria, moradora do condomínio H, mostram o poder da ação de uma pessoa para estimular as demais a agirem também:

"No começo eu tava tão desanimada. 'Ah, moço, vamos arrumar isso aqui pra depois vir os outros e destruir?'. Quando acordei no sábado e olhei pela janela vi aquele pessoal todo e vieram me perguntar: 'Você não vai lá, não?! Estão precisando de um pedreiro.' Eu não vou não, respondi. Daí quando eu vi, meu marido já tava lá, cavando buraco. Daí eu falei, então agora vou eu. Agora estou com um cansaço, mas um cansaço feliz. Foi um final de semana maravilhoso que eu tive. Maravilhoso mesmo. Estou muito feliz pelas coisas que a gente conseguiu fazer, por tudo que a gente ainda vai conseguir fazer com a união de todos." (Maria José Celestino da Silva)

No dia seguinte, sábado, 6 de maio, iniciamos a Vivência Oasis, formação vivencial que reuniu além de moradoras do residencial, pessoas de outras áreas de Campinas interessadas em conhecer a metodologia de mobilização comunitária desenvolvida durante a formação. Algumas jovens da Fundação Educar DPaschoal participaram de todas as atividades da Vivência; o grupo completo (100 jovens) participou somente do mutirão.

A programação da Vivência Oasis está baseada na metodologia Elos. Cada etapa da metodologia: Olhar, Afeto, Sonho, Cuidado, Milagre, Celebração e Re-evolução propõe uma série de atividades que estimulam o reconhecimento de si mesma, da outra e do ambiente à sua volta a partir da construção de um cenário de abundância com vistas de materializar um sonho coletivo de forma colaborativa, fortalecendo vínculos e estimulando a participação e convivência comunitária.

Na etapa do Olhar, as participantes são convidadas a exercitarem o olhar apreciativo e a percepção sensorial através da busca por belezas e recursos que existam na comunidade. A primeira atividade é uma caminhada silenciosa em duplas (Figura 6), na qual uma pessoa está vendada e a outra é a guia. É uma maneira de aguçar os demais sentidos que não a visão.

Figura 6 - Atividade Olhar (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Durante o Olhar, Débora Laub⁴², participante da vivência, ofereceu o seguinte depoimento:

“Medo. Medo de pisar no escuro. Ouvir. Ouvir as crianças brincando, os cachorros latindo, o barulho de obra, a música ao fundo. Respirar. Sentir o cheiro de terra, de

⁴² Em 2017 Débora iniciou o doutorado na FAU-USP com o projeto de pesquisa intitulado: “Da cidade para a criança à humanização do território: construção e análise de metodologias de ensino e de ferramentas para mutirões comunitários”. Sua participação na Vivência Oasis estava atrelada ao desejo de conhecer a metodologia Elos enquanto ferramenta de mobilização comunitária.

cigarro, de cimento, de flor, de maconha, de perfume. Tocar a Maria, a muleta. Pisar na terra fofa, no asfalto firme, no asfalto quebrado. Subir degrau, descer degrau. Sentir. O calor do sol na pele, o aquecer da venda nos olhos.” (Débora Laub)

Na etapa do Afeto, Christiam, morador do condomínio H, e Lincoln, funcionário da FEAC (Federação das Entidades Assistenciais de Campinas), criaram uma relação de amizade e parceria muito forte. Fizeram as atividades de busca de belezas e recursos, as de escuta ativa e outras juntos. (Figura 7). Christiam havia se aproximado da Escola de Transformação na semana anterior quando as jovens da Academia Educar estavam fazendo as atividades pelo bairro.

Figura 7 – Atividade Afeto (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Uma das principais atividades da terceira etapa, o Sonho, é um encontro comunitário no qual as moradoras são convidadas a conversarem sobre seus sonhos para o bairro. A pergunta principal é: “Se tivéssemos dois dias para colocar a mão na massa e transformar o bairro no lugar dos nossos sonhos, o que faríamos?”. Esse encontro foi realizado no domingo, dia 7 de maio, no período da tarde, e foram realizadas conversas individuais com as moradoras sobre seus sonhos pessoais e coletivos (Figura 8). A estratégia para atrair pessoas é a realização de um cortejo com música pelo bairro e uma ação chamada Troque um Sonho por um Sonho⁴³, na qual, ao compartilhar um sonho que possuíam para o bairro, moradoras

⁴³ Essa atividade é inspirada na obra de Ana Teixeira “Troco Sonhos”. Disponível em: <<http://www.anateixeira.com/trabalhos/troco-sonhos/>>. Acesso em: 17 de fev. de 2020.

ganharam um bombom Sonho de Valsa. As crianças demonstraram enorme entusiasmo ao compartilharem seus sonhos: talvez por ainda conservarem a capacidade de sonhar ou, quiçá, atraídas pela doçura dos bombons, elas caminharam pelas ruas em um cortejo cantando o funk do Bassoli: “É o Bassoli, é o Bassoli, o bonde que não dá mole. Vamos sonhar, vamos sonhar e juntos realizar!”, elaborado por Felipe Ferreira, integrante da equipe do Instituto Elos, em parceria com crianças e jovens.⁴⁴

Figura 8 – Atividade Sonho (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Durante as rodas de conversa, as moradoras decidiram que o sonho coletivo era a requalificação da Quadra do H, palco dos encontros comunitários realizados até aquele momento. A requalificação incluía manutenção dos brinquedos existentes e inserção de novos no parquinho, arrumação da quadra (conserto do alambrado, pintura do piso, instalação de acesso com piso cimentado), instalação de refletores para iluminação da praça, construção e inclusão de bancos, floreiras e mesas de jogos com bancos, plantio de árvores e jardins, construção e disponibilização de lixeiras e limpeza do entorno da quadra. O detalhamento do projeto foi realizado durante o encontro comunitário, a partir da construção coletiva de maquetes da quadra (Figuras 9 e 10). Grupos de cerca de 10 pessoas se reuniram em volta da

⁴⁴ Nas idas ao Bassoli para realizar as entrevistas e observações para a pesquisa do mestrado, algumas crianças cantaram e perguntaram do “tio” que criou a música, o que evidencia que as memórias da mobilização que culminou com o mutirão, continuaram vívidas.

maquete para construir com massa de modelar, palito de sorvete e de churrasco, papel, caneta hidrocor e outros materiais, como elas gostariam que fosse aquele espaço. Três maquetes foram construídas e então veio o momento decisivo de construir o consenso: cada grupo apresentou sua maquete e seguiu-se o reconhecimento de ideias em comum e conciliação dos diferentes interesses e usos: as crianças queriam a melhoria do parquinho, as adultas se preocupavam com bancos e mesas para poder observar as crianças enquanto estas brincam, a juventude se preocupava com a melhoria das condições da quadra para praticar esporte; estavam todos tão empolgados que não houve espaço para polêmicas ou dúvidas. Essas atividades correspondem à etapa do Cuidado. Uma observação interessante que fizemos no Bassoli e em outras ocasiões de construção de maquete é que, além de imaginarem e criarem os espaços que sonham, as crianças sempre são as únicas a construir pessoas nas maquetes: crianças brincando no parquinho, jogando bola no campinho, nas mais diversas posições. As adultas se surpreendem com o detalhe percebido somente pelas pequenas: não adianta ter um espaço incrível se não há pessoas para ocupá-los e lhes dar vida.

Figura 9 – Atividade Cuidado (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Figura 10 – Atividade Cuidado (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Ainda como parte do Cuidado, foi realizada na noite do dia seguinte, 8 de maio, um encontro de planejamento das estratégias de captação de recursos e talentos (Figura 11). Quais seriam as habilidades necessárias para executar a manutenção no parquinho e o plantio de árvores? Quais materiais eram necessários para a reforma da quadra? E o almoço comunitário para todas as pessoas do mutirão, onde e por quem seria preparado? Todas estas foram questões norteadoras do terceiro encontro comunitário realizado durante essa vivência.

Figura 11 – Atividade Cuidado (Vivência Oasis)



Fonte: Instituto Elos

Ainda como parte da etapa do Cuidado, estão as atividades de captação de recursos na prática, com tarefas como: visita aos comércios locais para solicitar doação de materiais, conversas nos supermercados para pedir alimentos para o almoço comunitário, bater de porta em porta nos condomínios em busca de ferramentas emprestadas - carrinho de mão e cavadeira são sempre as mais difíceis de conseguir. Além disso, foi realizada uma articulação com a Prefeitura Municipal de Campinas para execução de limpeza no entorno da quadra e disponibilização de caçamba para que o lixo produzido durante o mutirão fosse coletado.

Houve um investimento financeiro, recurso oriundo do DIST I, que foi utilizado para comprar alguns itens que as moradoras definiram como prioridades: manutenção do alambrado da quadra, novos brinquedos no parquinho, árvores grandes para fazer sombra, bancos e mesas de concreto e material para construção de calçada, já que, em dias de chuva, o espaço se tornava intransitável em virtude do lamaçal. A garantia dos materiais não traz certeza alguma de que o mutirão será um sucesso, afinal, mais importante do que o resultado é o processo de construção coletiva do espaço, a realização a partir da colaboração de todas do sonho que foi definido e planejado a partir dos encontros comunitários. Ainda que os materiais estivessem lá, era preciso que as moradoras viessem colocar a mão na massa.

A etapa do mutirão é chamada na metodologia Elos de Milagre, ressaltando que não há sentido religioso ou espiritual nessa denominação. O nome veio da reação das moradoras nas primeiras experiências de mutirão do Instituto Elos, quando a metodologia ainda estava em processo de consolidação: ao perceberem a transformação dos espaços e o número de vizinhas envolvidas, elas olhavam para toda aquela movimentação e diziam: “isso é um milagre!”. Na experiência do Jardim Bassoli, foi também um milagre, no sentido de ser um fenômeno

admirável, acontecimento inesperado que causa surpresa. Aos 18 e 19 de maio, respectivamente quinta e sexta-feira, dias que antecederam o final de semana do mutirão, choveu muito e a previsão do tempo, mais uma vez, não era animadora, mas com as moradoras motivadas a ponto de compartilharem imagens dos materiais que haviam conseguido nos comércios próximos ao residencial, não teria mau tempo capaz de impedir aquele mutirão. As atividades prévias de limpeza do entorno da quadra realizadas pela Prefeitura ficaram comprometidas por conta do clima, mas, ao ver o maquinário trabalhando, as moradoras perceberam a seriedade do que estava acontecendo e mesmo diante dessas condições, estava posta a transformação da dúvida e desconfiança iniciais em empolgação e envolvimento.

Minhas tarefas nesses dias se alternaram entre acompanhar a chegada de materiais e o andamento do trabalho da equipe de limpeza da Prefeitura e acompanhar Marcelo, morador do condomínio H e participante da Vivência Oasis, em mais uma tentativa de conseguir doações de alimentos nos supermercados, já que os comerciantes pediram que ele voltasse em um dia mais próximo do mutirão. Nesta ocasião, tivemos a oportunidade de conversar mais sobre nossas histórias de vida e sobre os desafios de se relacionar, uma vez que ambos passávamos por finais de relacionamentos conturbados. O propósito de atuação do Instituto Elos não está no âmbito da ajuda, mas essa é a forma como a situação é percebida por algumas pessoas, situação que faz com que me sinta desconfortável: a branca classe média que tenta salvar o preto, pobre, favelado. Nas conversas com as proprietárias dos supermercados, as diferenças se evidenciavam: ele, homem negro, morador da comunidade que está sendo ajudada pela organização social na qual eu, mulher branca, trabalhava. Reflito sobre a postura que as organizações sociais que atuam em comunidades precisam ter para romper com a lógica dominadora versus dominada, estruturantes das relações sociais no sistema capitalista. Tais questionamentos, relativos ao meu papel e posicionamento e o que eles representam, estiveram sempre presentes durante as atividades profissionais e foram ganhando corpo e profundidade a partir das reflexões e discussões proporcionadas no mestrado.

O mutirão foi realizado no fim de semana dos dias 20 e 21 de maio e, se desde o início havia participação ativa de mulheres e crianças, teve como elemento surpreendente o engajamento maciço de homens e jovens, os primeiros participando ativamente da preparação da massa de concreto para revitalização da calçada (Figura 12) e os últimos que se uniram para lixar e pintar a estrutura metálica da quadra (Figura 13).

Figura 12 - Revitalização da calçada (mutirão)



Fonte: Instituto Elos

Figura 13 – Pintura da quadra (mutirão)



Fonte: Instituto Elos

O sábado foi de calor intenso. Alguns trabalhavam na obra e outros, que, por questões físicas de saúde não podiam com esta tarefa, iam e vinham abastecendo galões de água gelada para hidratar a todos. Vale destacar a participação das crianças e jovens, em cujo olhar e ações ficava nítida a alegria de contribuir para ter a praçinha que sonharam e projetaram na maquete.

No dia seguinte, domingo, a chuva se fez presente. Mesmo assim, as moradoras persistiram nas atividades de plantio e construção da calçada. Foi impactante ver a determinação da juventude: o sonho de ter a quadra reformada para que pudesse ser plenamente utilizada para a prática de esportes era muito mais forte do que a chuva.

A sexta etapa da metodologia, a Celebração, é um convite ao reconhecimento da importância de cada uma das pessoas que contribuíram para que os sonhos se tornassem reais. Neste momento não é medido esforço individual ou as habilidades pessoais, sendo destacado o valor de se colocar em ação coletiva na busca de um objetivo comum. O encontro intergeracional no Jardim Bassoli foi um presente para a equipe de trabalho e para a comunidade. Crianças, jovens e adultas fazendo o plantio das mudas e trabalhando lado a lado na preparação do concreto para o piso. Uma hora ou outra, havia piadas e brincadeiras das mais velhas com as mais novas, debochando da falta de traquejo com ferramentas, ou as julgando incapazes de desempenhar determinadas tarefas. A relação entre as gerações é curiosa; embora a preocupação com o lazer, segurança e bem estar estivesse presente na construção dos sonhos, atitudes violentas direcionadas às crianças são naturalizadas, sendo comum inclusive nos encontros xingamentos e ameaças como “se você não parar, vou te

bater?”. Como lidar com tal contradição? Existe a norma social de que a família deve cuidar, proteger e suprir todas as necessidades das suas crianças, mas o que fazer quando a família é formada por pessoas que não foram cuidadas, protegidas, não tiveram e algumas vezes seguem não tendo necessidades básicas atendidas? Como estimular a reflexão sobre o que significa um futuro melhor para as nossas crianças, sonho citado por diversas moradoras?

Após um dia todo trabalhando debaixo de chuva, mesmo molhadas, a maioria das moradoras permaneceu para o círculo de fechamento do mutirão no qual o grupo de capoeira que treina no salão de festas do condomínio H fez uma apresentação (Figura 14). Dentre as crianças e jovens que se apresentaram, estava Rafinha, um menino de mais ou menos 8 anos, morador do condomínio H que esteve presente o tempo todo, apoiando nas tarefas que lhe eram solicitadas; ele veste o uniforme e, agora, junto com seus colegas de capoeirase diverte ao som do berimbau na roda que durou cerca de quarenta minutos. Em seguida, em um círculo, lembramos que no dia seguinte faríamos um encontro comunitário, ali mesmo na quadra, para sonhar e planejar os próximos passos.

Figura 14 – Roda de Capoeira (Celebração)



Fonte: Instituto Elos

A sétima etapa da metodologia Elos é a Re-evolução, momento no qual se avalia a trajetória dos passos anteriores: as belezas, os recursos, os talentos, os sonhos, as parcerias estabelecidas e fortalecidas e as realizações. No Jardim Bassoli, este encontro foi realizado na segunda-feira, 22 de maio, na quadra que havia sido reformada durante o mutirão, com a participação de cerca de 30 pessoas. Foi impressionante ver jovens que utilizavam a quadra participando das discussões, definindo pessoas responsáveis e as atividades que gostariam de realizar no local, apresentando suas ideias para o grupo todo (Figura 15). A reforma da quadra

de baixo, localizada próxima aos condomínios “O” e “S” ficou agendada para o final de semana seguinte, dessa vez contando com a participação da juventude do projeto Academia Educar, que não esteve presente no mutirão anterior por causa da previsão de chuva.

Figura 15 – Jovens apresentando seus planos para a quadra (Encontro de Re-evolução)



Fonte: Instituto Elos

Neste encontro, as participantes se dividiram em quatro grupos, sendo eles: (1) moradoras se propondo a cuidar de outra área de lazer que havia sido iniciada durante o DIST I e precisava de alguns acabamentos como alambrado no parquinho, finalização da pista de caminhadas e outras coisas; (2) jovens organizando a agenda de atividades na quadra recém reformada(Figura 17); (3) moradoras planejando o mutirão da Quadra de Baixo, prevendo instalação de bancos e brinquedos, plantio de árvores e jardins e limpeza do entorno; (4) moradoras buscando informações oficiais com a Prefeitura sobre projetos para o Buracão, área assim chamada pela comunidade, pois é um vale, localizado entre as partes de cima e de baixo no residencial, caracterizada como sistema de lazer no projeto de implantação.

O grupo 1 era composto por pessoas que atuavam na associação de moradoras do residencial, tinham envolvimento político-partidário e adotavam posturas autoritárias que por vezes não agradavam uma parcela significativa de pessoas com as quais conversávamos e nos relacionávamos nas atividades da Escola de Transformação. A presença dessas pessoas em alguns encontros comunitários provocava discussões posteriores, pois as moradoras que não concordavam com as atitudes das lideranças da associação não as confrontavam durante as reuniões, mas, ao final, expunham nos bastidores os motivos pelos quais não se sentiam representadas pela associação. Dessa forma, a equipe da Escola de Transformação manteve a

prática de convidar a associação para as atividades que estavam programadas, mas pela falta de resposta e participação, aos poucos os convites deixaram de ser feitos. O diálogo com a associação voltou a acontecer quando uma moradora, integrante da associação, passou a participar dos encontros comunitários.

O grupo 2 deu origem a um coletivo chamado Bassoli dos Nossos Sonhos que continua atuante no bairro e iniciou suas ações através da projeção de desenhos animados na quadra um mês após a realização do mutirão. Além disso, passou a realizar atividades de contação de histórias, aulas de instrumentos musicais, saraus e eventos em datas comemorativas como Dia das Crianças e Natal.

O grupo 3 realizou no final de semana seguinte, 27 e 28 de maio, o mutirão na quadra de baixo, processo no qual não participei porque estava de férias. Outras pessoas da equipe acompanharam e o destaque desse mutirão foi a importância da participação das jovens da Academia Educar, trazendo energia e ânimo, além da ação acontecer na parte de baixo do residencial, oportunizando o envolvimento de outras moradoras que residiam nos condomínios mais próximos.

Inicialmente, o grupo 4 planejava buscar informações oficiais com a prefeitura de Campinas sobre o destino da área de lazer, chamada pela comunidade de Buracão, no entanto, em virtude da presença de uma funcionária ligada a uma secretaria municipal no grupo e eventual possibilidade de melhor entendimento de trâmites burocráticos, o grupo passou a cuidar de demandas prioritárias para o residencial, como a construção do posto de saúde e a formalização de qual terreno poderia ser utilizado para instalação de uma cooperativa de reciclagem.

Após um período de convivência intensa, os encontros passaram a ser mensais e girar em torno de acompanhar os grupos de moradoras que decidiram escrever projetos e dar o pontapé inicial para pleitear o fundo semente oferecido pela Escola de Transformação (no valor de até R\$7.500 por projeto) através do edital de projetos comunitários, o qual é parte estruturante da metodologia da Escola de Transformação e busca estimular o protagonismo das moradoras. Mais do que perguntar o que a comunidade quer e buscar meios de oferecer isso, a proposta é incentivar as próprias moradoras, a partir das potencialidades que existem no território, a realizarem as ações. Importante ressaltar que o recurso destinado ao fundo-semente era proveniente do próprio projeto Escola de Transformação o qual, por sua vez, era financiado pelo Fundo Socioambiental da Caixa Econômica Federal como já mencionado anteriormente.

Nesse momento, três grupos se constituíram: (1) Artes Bassoli – integrado por quatro mulheres que tinham o artesanato como ponto em comum; (2) Bassoli dos Nossos Sonhos – criado por jovens que sonhavam com mais cultura e recreação para as crianças e adolescentes do residencial; (3) Cooperativa de reciclagem – formada por um grupo flutuante de cerca de 15 pessoas que já atuavam com reciclagem antes de mudarem-se para o residencial e, na nova moradia, não encontraram condições de continuar com o trabalho de separação de resíduos, já que muitas faziam triagem dos materiais nas próprias casas ou em galpões localizados na vizinhança. A escrita do projeto para o Edital foi feita de forma coletiva e participativa (Figura 16) através de oficinas nas quais os grupos construía juntos e apresentavam aos outros suas ideias, de forma a trocar sugestões.

Figura 16 – Escrita coletiva para edital de projetos comunitários



Fonte: Instituto Elos

A apresentação dos projetos aconteceu em evento realizado no Serviço Social do Comércio (SESC) de Campinas no dia 1º de julho de 2017. Foi emocionante ver as moradoras superando o nervosismo e o receio de gaguejar ou de esquecer algo importante; subiram no palco, apresentaram suas ideias e as defenderam, contando a importância dos projetos para o desenvolvimento do bairro. O grupo da cooperativa de reciclagem finalizou sua apresentação e citou, um a um, os mais de 20 nomes de pessoas envolvidas, estando todas aquelas e muitas outras mais representadas naquele telão. Quantas pessoas do Jardim Bassoli já estiveram em um palco, com microfone na mão, apresentando seus sonhos e projetos? Quantas oportunidades de serem protagonistas nos seus bairros, nas suas próprias vidas, elas já haviam experienciado? Quais os impactos desse protagonismo nas suas relações cotidianas com a

vizinhança e com o território onde vivem? Essas perguntas me faziam questionar qual seria o impacto a longo prazo dessa experiência para as moradoras e como seria possível investigar e registrar a percepção delas sobre os efeitos dessas atividades no cotidiano da comunidade.

CICLO III - APOIO CONTINUADO À IMPLANTAÇÃO DE PROJETOS COMUNITÁRIOS E A CAPACITAÇÃO COMUNITÁRIA INTEGRADA POR MEIO DE ENCONTROS PERIÓDICOS DE FORMAÇÃO E FORTALECIMENTO DOS GRUPOS LOCAIS

O acompanhamento dos projetos em ação teve duração de cinco meses, de agosto de 2017 a janeiro de 2018, com frequência quinzenal e dado o contexto posto, os objetivos eram: apoiar na definição dos planos de ação, elaboração de estratégias para lidar com desafios e mediação de possíveis conflitos.

Importante ressaltar que nesse período aconteceram algumas formações com temáticas mais gerais que poderiam ser úteis a todos os grupos (essas atividades também eram realizadas nos residenciais Sírius e Vila Abaeté, participantes da Escola de Transformação) como oficina de comunicação comunitária, oficina de como realizar uma feira de trocas, entre outras.

Nesse período, o grupo Bassoli dos Nossos Sonhos estava realizando o Cine Quadra pelo menos uma vez por mês (Figura 17) e organizaram a festa de Dia das Crianças e de Natal. A partir de fevereiro de 2018, outras atividades passaram a ser realizadas, como por exemplo, encontros de contação de histórias.

Figura 17 – Cine Quadra (Bassoli dos Nossos Sonhos)



Fonte: Coletivo Bassoli dos Nossos Sonhos

O grupo Artes Bassoli iniciou suas atividades nas residências das moradoras, mas em fevereiro de 2018 conseguiu uma parceria com a Casa de Cultura Itajaí, espaço gerido pela Secretaria de Cultura de Campinas, e passaram a realizar suas atividades no local. Essa decisão gerou certo desconforto em uma das integrantes do grupo que considerava fundamental o grupo permanecer dentro do residencial. Através de uma parceria firmada com os Correios, o grupo agora recebia malotes e uniformes que iriam para o descarte e os reaproveitava, confeccionando peças para ciclistas e dando origem à marca Reciclista (Figura 18). Aqui, há outro ponto de conflito, já que o desenvolvimento das peças para a marca acabou deixando em segundo plano as atividades originalmente planejadas pelo grupo, a exemplo das oficinas voltadas as moradoras do bairro.

Figura 18 – Grupo Artes Bassoli com os materiais dos Correios



Fonte: Grupo Artes Bassoli

O grupo da cooperativa de reciclagem se mostrou como o mais instável e desafiador, até mesmo pela quantidade e características das integrantes; a maioria não tinha emprego fixo e eram beneficiárias de programas de transferência de renda. Além do número inconstante de integrantes e oscilação de frequência nas reuniões, havia dificuldade de compreensão sobre a burocracia necessária para liberação do terreno. Um ponto alto com esse grupo foi a visita realizada à cooperativa Antônio da Costa Santos (Figura 19), localizada no bairro Satélite Iris II (a aproximadamente sete quilômetros de distância do Jardim Bassoli), na qual uma das integrantes do grupo (com forte papel de liderança) já havia trabalhado e teve a oportunidade de rever antigas companheiras de trabalho e compartilhar com o grupo suas experiências no local.

Figura 19 – Visita à Cooperativa Antônio da Costa Santos



Fonte: Instituto Elos

Nessa etapa, também ocorreu o curso de audiovisual voltado à juventude, formação oferecida pelos três residenciais participantes da Escola de Transformação. O curso aconteceu entre os meses de junho e agosto de 2017 e era formado por oito oficinas que discutiram na teoria e na prática, linguagem audiovisual, roteiro e documentário, fotografia, câmera, som, produção, gravação, edição, finalização e exibição. O grupo do Bassoli teve uma média de 15 jovens, porém a dificuldade na assiduidade dificultava o desenvolvimento das temáticas, dado que as jovens acabavam perdendo os conteúdos debatidos nas oficinas em que não puderam comparecer.

O grupo do Jardim Bassoli foi o único que apareceu em frente às câmeras. No documentário, as jovens participantes da oficina contam suas visões sobre o residencial: o que gostam, o que acham ruim, e apresentam em forma de entrevista e no formato de rima suas percepções e vivências. Considero corajosa a atitude dessas jovens de exporem os preconceitos que sofrem, as preocupações que sentem em decorrência das perseguições policiais e das atitudes inconsequentes de algumas pessoas que fazem acrobacias com suas motocicletas em local indevido e acabam tornando a rua em um local inseguro para elas andarem de bicicleta. É de uma sinceridade impressionante a fala dessas jovens. O documentário, intitulado “Rimando no Bassoli”⁴⁵ (Figura 20) foi selecionado em 2019 para o 5º Festival de Cinema Escolar de Alvorada – RS e para a 2ª Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira – BA.

⁴⁵ O documentário pode ser assistido na íntegra no *YouTube*.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xlde_VWxHzs> Acesso em: 13 de mar. 2020.

Figura 20 – *Frame* do documentário Rimando no Bassoli



Fonte: *YouTube*

Ainda nesse terceiro ciclo da Escola de Transformação, mais especificamente no período entre novembro de 2017 a fevereiro de 2018, ocorreram três eventos comunitários que marcaram minha atuação profissional no Jardim Bassoli: a Visita de Inspiração ao Instituto Favela da Paz em novembro de 2017, o Mapeamento Afetivo em dezembro de 2017 e o Oasis na praça da entrada do residencial em fevereiro de 2018. A seguir, compartilho com mais detalhes cada uma dessas ações.

Visita de inspiração

Na Visita de Inspiração ao Instituto Favela da Paz⁴⁶, em 12 de novembro de 2017, foram reunidas moradoras dos três residenciais participantes da Escola de Transformação: Vila Abaeté, Sírius e Jardim Bassoli. Um total de 40 pessoas passou o dia conhecendo as atividades realizadas pelo Favela da Paz no Jardim Nakamura, Zona Sul da cidade de São Paulo. Para algumas, o cenário das casas construídas em cima e muito juntas umas das outras já foi uma grande novidade, para outras, foi uma oportunidade de rever um tipo de comunidade conhecido e do qual se sente saudade.

A primeira atividade, logo na chegada, foi uma rápida rodada de apresentação, seguida pelo almoço vegetariano preparado pela equipe do Projeto Vegearte, que compartilhou brevemente sobre o espaço, a cozinha onde acontecem as oficinas de culinária, e as demais atividades oferecidas pelo projeto.

⁴⁶ Página no Facebook do Instituto Favela da Paz: <<https://www.facebook.com/institutofavladapaz/>>
Acesso em: 13 de mar. de 2020.

Conforme terminavam de almoçar, algumas pessoas foram assistir uma oficina de percussão que estava acontecendo na rua, em frente ao palco do Samba na 2⁴⁷. As crianças que estavam aprendendo a tocar trocaram de lugar com algumas moradoras dos residenciais de Campinas e compartilharam os seus conhecimentos com elas. Escutamos uma criança, moradora do Jardim Nakamura, falando: "isso eu nunca tinha visto, as crianças ensinando os adultos!" (Figura 21). Após todas finalizarem o almoço, o grupo foi dividido em dois para conhecer o projeto Periferia Sustentável e o estúdio audiovisual.

O Periferia Sustentável é um projeto que leva formação sobre técnicas simples para reaproveitar restos de alimentos e gerar gás (através do biodigestor) e plantar os próprios alimentos (em hortas verticais que não ocupam muito espaço e são fertilizadas com o líquido que sai do biodigestor e é bombeado para o sistema de hidroponia das hortas). Os restos de alimentos da cozinha do Projeto Vegeartesão a matéria-prima do biodigestor que gera o gás para o fogão da cozinha. Além disso, foram apresentados os sistemas de baixo custo (a partir do uso de materiais simples e/ou recicláveis) para captação de energia solar e para captação de água da chuva.

Figura 21 - Crianças ensinando adultas (oficina de percussão)



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

⁴⁷O “Samba na 2” é um evento organizado e realizado por integrantes do Instituto Favela da Paz que acontece todo segundo domingo do mês, conta com musicistas da banda Poesia Samba Soul (também integrantes do Instituto Favela da Paz) e participações especiais de moradoras da comunidade. Disponível em: <<https://www.facebook.com/sambanadois/>> Acesso em: 08 de jun. de 2020.

No estúdio, as moradoras ouviram histórias de bandas e artistas que passam por lá e de como são tratadas com respeito e generosidade. Para além de suas limitações (sejam elas quais forem), todas que chegam com o sonho de gravar são incentivadas e apoiadas, pois a coordenação do estúdio acredita que todas merecem a oportunidade de se sentirem reconhecidas e valorizadas, especialmente as pessoas que são da periferia e não costumam ser acolhidas (ou, ao menos, tratadas com dignidade) em grandes estúdios.

No final da tarde, realizou-se uma roda de fechamento com as moradoras da Escola de Transformação e a equipe do Instituto Favela da Paz (Figura 22). Cada pessoa compartilhou o que havia aprendido no dia e o que tinha sido marcante. Foi uma roda muito emocionante, onde uma das participantes, Renata, afirmou:

“Quero agradecer a todos por poder estar aqui. É sempre um privilégio estar com vocês. Eu nasci e me criei em São Paulo e aqui tem muito uma história de puxadinho. Todo mundo tem espaço pra todo mundo. A família vai crescendo, o pai vai dando um pedacinho do terreno e foi assim que eu morei por 25 anos. Relembrar tudo isso pra mim foi muito gratificante. Ouvindo a Vivi falando que ela não tinha coragem pra falar, eu também sou uma pessoa muito reservada, mas depois que eu mudei pro Bassoli eu to falando bastante, criando muitas coisas, quero agradecer as meninas do Artes Bassoli que estão aqui. Juntando a nossa união aqui, a Escola de Transformação, a gente está vendo que o amor pode crescer dentro da gente. Amar e acolher sempre. Eu me sinto muito especial no meio de vocês. Muito obrigada!” (Renata Nascimento, novembro de 2017)

Figura 22 – Roda de fechamento (Visita de inspiração)



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

Além das palavras de agradecimento, a roda de encerramento contou com depoimentos carregados de surpresa (especialmente com as ações do projeto Periferia Sustentável) e de reconhecimento; a incredulidade ao perceber como uma casa, no meio da

favela pode ser um espaço com tanta cultura tomou conta de muitas pessoas. Ao relembrar esse dia, penso como pode ser tão impressionante existir um local como o Instituto Favela da Paz. Foi ainda mais surpreendente a reação das pessoas à sua existência, como se a periferia não pudesse, sob ameaça de estar cometendo um crime, construir e transformar o lugar onde vive a partir de ideias e soluções propostas exclusivamente pelas moradoras. É uma transgressão ao discurso e à prática que sustentam a visão de que o problema da cidade é a favela. Que são os mesmos, discurso e prática, que ancoram a premissa de que é preciso acabar com a pobreza. A pobreza só existe porque a riqueza está concentrada nas mãos de poucos e porque acreditamos (e é isso que o sistema capitalista nos permite) que riqueza significa capital econômico/financeiro. Essas reflexões são possíveis agora, mais de dois anos após essa experiência e acompanhando as demais ações propostas pelo projeto Periferia Sustentável, especialmente, que caminham na direção de ensinar à juventude tecnologias de baixo custo para produção – não basta distribuir as riquezas, não basta que entendamos riqueza como relações solidárias, é preciso que os meios de produção estejam nas nossas mãos – de produtos e serviços que fazem sentido no cotidiano da população que convive nos territórios periféricos.

Mapeamento afetivo, show de talentos e mutirão

O Mapeamento Afetivo foi um processo de três dias em dezembro de 2017 no qual percorremos os 19 condomínios do Jardim Bassoli em busca de histórias, talentos e belezas que culminaram em um Show de Talentos, realizado na quadra de cima, espaço onde foi construída a maquete da próxima área que, posteriormente, recebeu um mutirão em fevereiro de 2018.

O procedimento do mapeamento incluía exercitar as etapas do olhar e afeto, então, assim que encontrávamos alguma beleza que se destacava, buscávamos as pessoas que estavam por trás dela: assim foi com o jardim do condomínio O (Figura 23), as decorações na entrada do condomínio G, a horta no condomínio F, os brechós solidários realizados pelas ruas entre os condomínios.

Figura 23 – Jardim do condomínio O



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

Conversamos com crianças e jovens que jogavam bola na quadra e com as comerciantes que estabelecem seus comércios nas próprias calçadas. Muitas pessoas contavam as experiências nos antigos locais de morada e as mudanças no cotidiano quando foram morar no Jardim Bassoli. Algumas contaram que onde hoje se vê jardins e grama era só terra vermelha e seca quando chegaram ao residencial. Antônio (Figura 24), esposo de Lindineide – uma das integrantes do grupo Artes Bassoli, teve a oportunidade de contar a história de como aprendeu a fazer objetos entalhados na madeira e durante o show de talentos levou alguns desses objetos para exibir à vizinhança.

Figura 24 – Antônio expõe carro de madeira feito por ele



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

Durante as conversas nos condomínios, as pessoas eram convidadas para um Show de Talentos que foi realizado no terceiro dia do mapeamento na quadra do H. O objetivo do evento era reconhecer e celebrar todos os talentos encontrados e construir de forma colaborativa a maquete da próxima área onde seria realizado um mutirão comunitário para a praça da entrada do residencial. Maria, síndica do condomínio O, esteve presente nesse encontro comunitário e, ladoalado com Rafinha, morador do condomínio H, apresentou os sonhos que as moradoras projetaram na maquete (Figura 25).

Figura 25 – Rafinha e Maria apresentam a maquete coletiva



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

O Oasis na praça da entrada do residencial, realizado em fevereiro de 2018, foi um processo semelhante à Vivência Oasis realizada em maio de 2017 e relatada anteriormente, porém com a participação prioritária de moradoras da comunidade. As moradoras que já haviam participado da Vivência Oasis em maio de 2017 estiveram presentes, pois elas também faziam parte dos grupos que estavam executando projetos apoiados pelo fundo semente. Eram pessoas, em alguma medida, conhecidas e reconhecidas pelas vizinhas. A ação aconteceu em um local de grande visibilidade no bairro, logo na entrada do residencial, no ponto que faz divisa com os bairros São Bento e Floresta.

O espaço (Figura 26) havia sido um parquinho com brinquedos como gira-gira, trepa-trepa e gangorras, entregue à população local junto às primeiras moradias em 2011. Porém, a falta de manutenção como poda do mato, conserto dos brinquedos etc. fez com que as moradoras passassem a evitar o local, o qual foi se transformando em área para consumo de substâncias ilícitas e descarte de lixo.

Figura 26 – Praça da entrada do Jardim Bassoli antes da intervenção



Fonte: Instituto Elos

Havia recurso previsto no orçamento da Escola de Transformação para intervenção física em uma área de lazer e, desde a Vivência Oasis realizada em maio de 2017, as moradoras falavam desse espaço, na entrada do residencial, como um local onde elas gostariam que fosse feita alguma ação de revitalização. O casal Antônio e Lindineide estava bastante engajado nas atividades da Escola de Transformação. Ele e ela moram no condomínio C, que fica ao lado da área proposta para intervenção. Então, foram nossa porta de entrada, apresentaram-nos para a síndica e subsíndica; em seguida, fomos conhecendo outras moradoras. Dentre os condomínios do Bassoli, o C é um dos menores com 60 unidades habitacionais (os maiores têm 180).

A participação e engajamento das moradoras do condomínio A, B, C e D foi fundamental para o sucesso dessa ação. O salão de festas do condomínio C acolheu os encontros comunitários (Figura 27), materiais e ferramentas para o mutirão foram guardados em um quartinho também no condomínio C. O porteiro do condomínio D, conhecido como Magrão, esteve presente do início ao fim, nos dois dias oficiais (sábado e domingo) do mutirão e nos dois dias anteriores; enquanto a Secretaria de Serviços Públicos realizava a limpeza do espaço, lá estava Magrão atento, conversando com os trabalhadores e falando sobre a importância de limpar aquele local.

No dia 29 de janeiro, fizemos uma conversa com as comerciantes que montaram seus comércios próximos à praça e aproveitaram os postes de energia localizados ali para puxar, por meios não oficiais, o cabeamento de energia elétrica para seus estabelecimentos, o popularmente conhecido gato. Nossa conversa foi no sentido de chegar a um acordo sobre a necessidade de fazer o cabeamento de forma mais segura para que as crianças e jovens que fossem brincar na praça não corressem o risco de acidentes com os fios soltos ou desencapados. Como resultado desse diálogo, desde que os materiais fossem fornecidos, acordou-se que as comerciantes refariam a fiação, combinando com um eletricista a execução

do serviço que contemplaria inclusive a construção de postes, em substituição aos de madeira que já sofriam a ação do tempo e estavam caídos.

Figura 27 – Encontro comunitário no salão de festas do condomínio C



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

O mutirão foi realizado nos dias 3 e 4 de fevereiro de 2018: foram dois dias de muito calor, trabalho e união, nos quais até moradoras de outros condomínios, não tão próximos da praça se dispuseram a trabalhar. Idrênio Santos, morador do condomínio J que costumava frequentar o espaço para empinar pipa, ao ver a vizinhança trabalhando, juntou-se ao time do talento (Figura 28) e apoiou na instalação dos mobiliários e brinquedos.

“Quando eu vi falei ‘pô, vou ajudar’. Senti vontade de ajudar, de dar o máximo de mim nos poucos dias em que eu pude ajudar. Sou muito grato ao projeto por ter olhado pra nós e ter essa visão positiva do bairro. Tem muita gente que olha para o Jardim Bassoli como um lugar negativo, já eu não. Faz cinco anos que eu moro aqui e sempre tento ver por um lado positivo. Até agora é o lugar que eu tenho para viver e se um dia eu sair daqui eu quero lembrar daqui como um lugar bom. Eu conheci muita pessoa boa aqui durante o mutirão: o time do talento, até meus vizinhos que a gente não tinha afinidade. Através do projeto eu ganhei vários amigos.”⁴⁸ (Idrênio)

⁴⁸ Na metodologia que organiza o mutirão comunitário, os moradores são divididos em frentes de trabalho e cada frente possui alguns personagens que ajudam a orientar o papel de cada um durante a ação. A “faz tudo” é aquela pessoa que sabe muito sobre diferentes técnicas: a jardineira que também sabe pintar, ou a pedreira que também é uma ótima marceneira. No colete que identifica essa personagem está escrito o slogan “talento trabalhando”. Por isso, Idrênio e as demais moradoras se chamaram de “o time do talento”.

Figura 28 – Timedo talento em ação



Fonte: Isabela Senatore/Instituto Elos

Ivonete, moradora no condomínio D, é tímida, diz não abrir a porta do seu apartamento para qualquer um. Porém, no sábado, 20 de janeiro de 2018, quando viu três jovens desconhecidas conversando com algumas vizinhas sobre as belezas e os talentos do condomínio, ficou curiosa para saber do que se tratava e decidiu abordá-las. Começou assim uma relação de carinho e cuidado com a praça, na qual histórias como a narrada acima são muito presentes. No primeiro encontro comunitário em que participou, quando discutimos quais eram os sonhos para a praça, ela estava otimista e participativa: relatou que a praça era bonita logo que se mudaram para o residencial, mas com o tempo foi sendo depredada e se tornou espaço de descarte de lixo, além de ser perigoso à noite, pois o mato alto atrapalhava a visão e gerava medo de assaltos. Mesmo com esse histórico, ela repetia várias vezes: “a união faz a força”, referindo-se à ação coletiva de revitalização da praça, prevista para a semana seguinte. Mais do que uma nova chance para a praça, a possibilidade de realizar algo junto com as vizinhas era uma chance que Ivonete dava a si mesma. Após o falecimento do esposo, andava mais recolhida, pouco saía do apartamento. A oportunidade de participar de uma ação (Figura 29), unindo moradoras do residencial e pessoas de fora do bairro (e da cidade) resgatou seu sentimento de responsabilidade pelo local onde vive: “você que vem lá de Santos estão aqui, como pode os moradores não ajudarem?”, ela se perguntava.

Figura 29 – Ivonete (à esq. de boné) e algumas vizinhas durante mutirão



Fonte: Instituto Elos

Ao final da tarde de domingo, depois de dois dias de trabalho no calor escaldante do verão campineiro, recolhemos as ferramentas e guardamos os materiais que haviam sobrado e fizemos uma grande roda na praça. Nesse momento, uma representante de cada frente de trabalho é convidada a falar o que seu grupo fez e, logo em seguida, todas as pessoas que estiveram nesse grupo fazem a volta olímpica. É o momento de reconhecer e celebrar o esforço de todo mundo nessa conquista coletiva. Antes de realizarmos a volta olímpica, fizemos uma rodada de massagem, ficamos de lado para o centro da roda e oferecemos uma rápida massagem nos ombros da pessoa que estava à nossa frente. Esse momento rendeu bastante diversão e alguns comentários machistas (quando homens fazem “piadinhas” sobre massagear outro homem). Ao meu lado estava Rafinha, que, após o encerramento da roda, me abraçou⁴⁹ e disse que precisava ir para casa, pois no dia seguinte teria que acordar cedo para ir à escola; pedi que convidasse sua família para participar do encontro comunitário a ser realizado no dia seguinte para discutirmos sobre atividades para ocupar a praça e os cuidados com a manutenção dos brinquedos e da rega dos jardins e árvores plantadas, ao que ele me respondeu: “moro com minha mãe, meu avô, meu sobrinho e meus três irmãos, mas tia, eles não gostam dessas coisas que a gente faz aqui”. No dia seguinte, Rafinha não veio ao encontro comunitário, mas tive a alegria de reencontrá-lo nos corredores do condomínio “H”, onde ele mora, quando retornei ao Jardim Bassoli em junho de 2019 para iniciar as entrevistas do mestrado.

⁴⁹ Ao final de todas as rodas dizemos: “e ninguém pode ir embora sem dar pelo menos 5 abraços”, dependendo do número de pessoas na roda aumentamos o número de abraços “obrigatórios”. A importância do toque, do abraço, para lembrar-nos com o nosso próprio corpo que estamos juntas.

No dia 5 de janeiro de 2018, das 18h30 às 21h, um grupo de 29 moradoras se reuniu para planejar os próximos cuidados com a praça (Figura 30). Foram definidas as ações imediatas para finalização de algumas tarefas (pintura, instalação das guias, plantio de mais árvores e jardins) e quais seriam os encaminhamentos com o poder público para instalação de iluminação e bebedouro e construção de calçada com acesso de cadeirantes à praça. Os temas debatidos nesse encontro também orientaram os encontros que aconteceram nos meses seguintes para debater o futuro do residencial de forma mais ampla.

Figura 30 – Grafite realizado por moradoras após mutirão



Fonte: Instituto Elos

CICLO IV - ASSESSORIAS ESPECIALIZADAS AOS PROJETOS COMUNITÁRIOS E A ELABORAÇÃO DE NOVAS INICIATIVAS LOCAIS E PLANOS FUTUROS DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL.

As assessorias especializadas, em termos cronológicos, foram realizadas simultaneamente ao Ciclo III. Elas tinham por objetivo qualificar os projetos contemplados com o fundo semente e, para executá-las, foram contratadas empresas parceiras: Design Paula Dib (Artes Bassoli), Tomada Cultural (Bassoli dos Nossos Sonhos) e advogado Rafael Moya (Cooperativa de Reciclagem).

O processo de elaboração de novas iniciativas locais e do plano de futuro de desenvolvimento territorial foi iniciado após o encerramento do Oasis realizado em fevereiro de 2018. A intervenção física realizada na praça de entrada do residencial mobilizou novas

moradoras e trouxe ânimo aquelas que estavam atuantes desde a chegada da Escola de Transformação à comunidade.

No mês de março de 2018, seguimos em contato com as moradoras para saber as reverberações do último mutirão. Estava acontecendo uma formação chamada Equipes Transformadoras com encontros mensais aos finais de semana (fevereiro, março, abril e maio), a qual reuniu moradoras dos três residenciais e funcionárias da Gerência de Habitação da Caixa Econômica de Campinas.

Foram realizados dois encontros comunitários entre os meses de abril e maio de 2018 (Figuras 31 e 32) para elaboração do plano de futuro de desenvolvimento territorial, o qual foi apresentado no Festival Comunidades Empreendedoras II, evento de encerramento da Escola de Transformação, realizado em 9 de junho de 2018 no auditório da ADUNICAMP (Associação de Docentes da Unicamp), reunindo as três comunidades participantes: Jardim Bassoli, Sírius e Vila Abaeté. Cada uma apresentou seus planos para o futuro e cada projeto comunitário contemplado com o fundo semente apresentou suas realizações: o Bassoli dos Nossos Sonhos apresentou diversas imagens dos eventos realizados na quadra, como as contações de história, o cinequadra, entre outros, o grupo Artes Bassoli lançou a primeira “coleção teste” de peças criadas com os itens confeccionados com doações dos Correios e o grupo da Cooperativa de Reciclagem compartilhou sobre o andamento do processo de busca e liberação do terreno público para instalação do galpão de reciclagem.

Figura 31 – Encontro comunitário (abril 2018)



Fonte: Instituto Elos

Figura 32 – Encontro comunitário (maio 2018)



Fonte: Instituto Elos

Durante essa fase de fechamento da Escola de Transformação, comecei a atuar em outros projetos de desenvolvimento comunitário (um deles com atuação em três cidades do Vale do Ribeira, interior de São Paulo) e iniciei as primeiras disciplinas do mestrado. Foi uma fase de adaptação, de equilibrar o tempo dedicado ao trabalho e aos estudos de forma a responder de forma satisfatória às responsabilidades em ambas esferas. A interação com as moradoras do Jardim Bassoli foi diminuindo e o processo de saída dos territórios do projeto Escola de Transformação consolidou-se. A elaboração conjunta do plano, acontecida nos meses de abril e maio, foi uma contribuição fundamental do projeto para as moradoras, pois as apoiava na tomada de decisão estratégica dos próximos passos a serem trilhados coletivamente com o objetivo de dar continuidade ao desenvolvimento da comunidade a partir dos sonhos e necessidades definidos por elas mesmas.

DE TUDO O QUE VIVEMOS JUNTAS: O QUE FICOU?

Esta é uma pergunta importante da pesquisa e que permitiu um aprofundamento da investigação sobre os processos ligados ao desenraizamento e enraizamento. Quais serão os impactos das experiências de participação comunitária na relação das moradoras entre si e com o residencial? Quais foram os momentos mais marcantes? O que foi transformado na trajetória delas enquanto moradoras e/ou lideranças comunitárias? Quais as motivações das moradoras para participar de ações coletivas e permanecerem envolvidas em projetos e atividades comunitárias ao longo do tempo? A partir dos relatos que ouvia, ficava nítido que o desenraizamento estava presente no processo de saída da antiga moradia e chegada no residencial: sensação de ser arrancada da antiga moradia e ser jogada no bairro novo, o fato de que nas escolas próximas ao residencial não tinham vagas para as crianças, o desconhecimento sobre quem são as pessoas que moram ao lado, por exemplo. Porém, o que não estava explícito, e essa dissertação busca apresentar, é como experiências de participação em uma coletividade podem contribuir para minimizar os impactos desse desenraizamento e promover o fortalecimento de vínculos comunitários.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender melhor as experiências ligadas à saída de seus bairros de origem, à chegada no residencial e às formas de lidar com as experiências de desenraizamento e segregação socioespacial presentes nessa trajetória. Realizei entrevistas de longa duração com moradoras que tive contato ao longo das atividades descritas nesse capítulo e agora foram convidadas a se lembrar das experiências de deslocamento pela cidade e as formas de habitar e enraizar-se em um novo local.

PARTE II - DESENRAIZAMENTO

CAPÍTULO 4: “EU VIM DE LÁ, EU VIM DE LÁ PEQUENININHO. (...) ALGUÉM ME AVISOU PRA PISAR NESSE CHÃO DEVAGARINHO.”⁵⁰

A SAÍDA DA ANTIGA MORADIA E A CHEGADA NO JARDIM BASSOLI

É preciso pisar com cuidado em um chão que não é seu. É assim que as moradoras chegam ao Jardim Bassoli: aos poucos, pé ante pé. A construção do sentimento de pertencimento à nova moradia não começa do dia para a noite, nem com a entrega da chave do apartamento. Inclusive porque a notícia de que serão removidas para um programa de habitação popular não vem exatamente de forma motivadora: nos relatos, o susto com a chegada da COHAB e o aviso de que serão levadas para outro bairro, em uma região distante de onde vivem, é um elemento marcante. Antes de irem morar no residencial já escutam de familiares e amigos que na nova residência não terão visitas. Afinal, “quem irá se deslocar por horas para ir até um lugar violento e perigoso como o Bassoli?”, como foi trazido em alguns depoimentos. A chegada no condomínio também é marcada por episódios desenraizantes: a ausência e/ou escassez de equipamentos públicos de saúde, educação e assistência social é responsável por diversas situações nas quais as moradoras se sentem excluídas e desprezadas.

Marcelo fala sobre como o bairro se constituiu:

“o Bassoli foi criado, né?! Jogou pessoas de diferentes comunidades aqui pra dentro, colocou pessoas de diferentes comunidades e sempre rolou conflito entre essas pessoas e nem todas têm a mesma visão e sempre rola esses conflitos. (...) Eu acredito que a gente não teve estrutura, eu tô dizendo a gente, mas eu não tô aqui desde o começo, desde que criou, mas acho que não teve estrutura para receber a quantidade de pessoas que mora no Bassoli. Pelo menos uma assistência social, tem uma assistência social que é o PROGEN, mas acredito que eles não dão conta de todos os moradores, um trabalho contínuo, com um processo. Agora está sendo construído o postinho, aí tem a creche, eu acho que precisaria de mais um CPAT⁵¹ para atender a população daqui que é muito grande.” (Marcelo)

⁵⁰ Trecho da canção “Alguém me avisou” da sambista Dona Ivone Lara, lançada em 1982 no álbum Sorriso Negro.

⁵¹ O CPAT, Centro Público de Apoio ao Trabalhador, está vinculado à Secretaria Municipal de Trabalho e Renda (SMTR) e tem por objetivo a operacionalização das funções e ações do Sistema Público de Emprego, Trabalho e Renda através do desenvolvimento de ações de intermediação de mão de obra, seguro-desemprego, qualificação social e profissional e informações sobre mercado de trabalho, garantindo um espaço destinado ao atendimento da trabalhadora tendo em vista a sua inserção no mercado de trabalho.

Nesse trecho do depoimento de Marcelo, é possível identificar diversos elementos que contribuem para o desenraizamento. A começar pelos termos que ele utiliza ao se referir à forma como o residencial foi criado: “jogou” e “colocou pessoas de diferentes comunidades”, que remetem à uma situação de descuido, desleixo e podem contribuir para o sentimento de não pertencimento vivido no desenraizamento. Ele segue comentando a ausência de estrutura para acolher as 2380 famílias que residem no local: a construção do postinho, um único espaço da assistência social que não dá conta de atender todo o contingente populacional. A insuficiência de equipamentos públicos para atendimento de direitos básicos como saúde e educação fazem com que as moradoras permaneçam vinculadas à escola e posto de saúde do território onde moravam anteriormente⁵², prejudicando o enraizamento no novo bairro. Marcelo segue seu relato comentando alguns aspectos que observa no bairro em que morava e no Jardim Bassoli:

“Onde eu morava [Jardim Santo Antônio, região do Ouro Verde] não era asfaltado na época que eu estava lá, hoje é. Quando não era asfaltado, é até engraçado, as pessoas ficavam sentadas na rua, conversando e hoje, que é asfaltado, ninguém fica mais, cada um no seu quadradinho, não conversa com ninguém. E aqui no Bassoli a gente senta ali fora, conversa, tem bastante pessoa que conversa com a gente, a gente fica na casa de um, na casa de outro, a gente troca ideia, troca uma prosa.” (Marcelo)

O impacto do asfalto, do cimento frio, nas relações é observado por Marcelo. É curioso que o morador não fala em seu depoimento, mas o Jardim Bassoli também é asfaltado e mesmo assim as pessoas seguem conversando umas com as outras, seja no espaço externo (“a gente senta ali fora”) ou nos espaços privados (“fica na casa de um, na casa de outro”). Esse é um ponto que Marcelo destaca como positivo de viver no residencial, essa possibilidade de trocar uma prosa com a vizinhança. Nesse sentido, o asfalto que pode ser visto como um elemento desenraizante é contornado pela vontade e disposição de se relacionar das moradoras.

Outro fator desenraizante percebido nos depoimentos é relativo à abordagem realizada pela equipe de trabalho social da COHAB. As moradoras relataram que se sentiram assustadas com a chegada das assistentes sociais e o aviso de que seriam removidas para outro bairro. Madalena comenta que a surpresa negativa se transformou quando percebeu que as condições materiais na nova moradia seriam melhores do que na residência antiga. Ela conta:

⁵²Como é o caso de Fabiana que será relatado mais adiante neste capítulo.

“Eu morava no Jardim Lisa, foi quando a COHAB também apareceu lá dizendo que ia tirar muita gente daquele lugar, que era uma área de risco. No começo eu fiquei muito assustada, mas ao mesmo tempo feliz porque o lugar que eu morava era muito ruim, quando chovia a gente não podia sair de casa, era muito buraco, mas eu gostava lá daquele lugar. E quando eu vim aqui para o Bassoli, no começo tudo foi muito difícil porque eu morava em casa, era sossegado, tranquilo, aí vim para um apartamento onde mora várias famílias, várias pessoas diferentes, é muito complicado. Foi muito difícil no começo da gente se acostumar, mas agora já vai fazer sete anos que a gente tá aqui.” (Madalena)

Importante destacar na fala de Madalena as dificuldades de convivência na nova configuração de moradia: “vim para um apartamento, onde moram várias famílias, várias pessoas diferentes, é muito complicado” (Madalena). Mais adiante na entrevista, Renata comenta sobre a vizinhança (ela e Madalena moram no mesmo condomínio, na mesma torre) e diz: “a Madalena mesmo tem um problema com um vizinho dela que fura o apartamento já há sete anos, a gente não sabe como é que tá o apartamento por dentro. [risos].” Os acordos de convivência no condomínio são diferentes dos que eram estabelecidos no antigo bairro e lidar com as pessoas que não os cumprem, como diz Madalena: “é muito complicado”.

A saída da antiga moradia é difícil e a chegada no residencial também não é fácil. Fabiana relata:

“Aí eu vim pro Bassoli dia 13 de janeiro de 2013. (...) No dia da mudança a gente chegou e só podia entrar no apartamento depois que você tivesse com o caminhão lá na frente. Isso eu já achei um desaforo porque era chão de cimento, tudo sujo e empoeirado. Tipo assim, às pressas para você não ter que desistir e ir embora para sua casa de volta né?! Acho que fizeram uma coisa assim da gente.” (Fabiana)

Importante destacar que no caso de Fabiana tiveram duas situações bastante difíceis:

A saída da moradia

A princípio, Fabiana havia se recusado a sair de sua moradia, ela conta:

“eu morava em área de risco lá [no Jardim São Marcos, na região dos Amarais, próximo ao CEASA], era a beirada do córrego que passa lá. A SEHAB fazia a seleção das casas: vai sair, vai sair, não vai sair... e a COHAB passou fazendo a marcação dos moradores. No dia que ela passou, bateu na minha casa, eu estava lá ‘ah, então, eu sou da COHAB, sua casa vai ter que sair daqui’ na minha casa nada, porque eu morava num barraco lá, mas era linda minha casa, eu adorava lá. mas por que vou ter que sair?, perguntei ‘porque você mora em área de risco, aqui é uma área verde e vai ser implantada uma praça’, que nunca foi até hoje, a prefeitura deixou lá sem nada construído. Eu me assustei na hora: ‘mas para onde eu vou ter que ir?’, ‘ah, você vai ter que mudar lá no Bassoli.’, ‘Onde que fica?’, ‘Na região do Campo Grande’. Nem sabia, nunca ouvi falar, já ouvi falar, mas nunca estive na região do Campo Grande.

Ah, não vou. Assinei lá ‘não vou’. Depois de algumas semanas que vários outros moradores comentaram: “ah, eles vão te tirar, vão passar com trator dentro da sua casa e com tudo dentro”, começaram a me apavorar, né?! que é essa a intenção deles, né?!

‘Se você se recusar na hora que as máquinas chegarem a gente vai passar a máquina em cima da sua casa.’ ‘Tudo bem, pode passar, eu não vou sair’. Daí eu comecei a pensar mais sobre o caso depois de algum tempo. Por que? Porque morar num barraco é aquela coisa, você nunca tem a chance de ver a sua casa um pouco melhor. Porque no barraco as madeiras destroem, dá uma tempestade você não dorme direito. Dá um alagamento você não dorme direito. Embora que minha casa nunca tenha alagado. Enchente teve, mas nunca entrou água na minha casa. Eu e meu ex-marido construímos o barraco mais alto. Aí eu fiquei assim acho que é melhor a gente ir porque daí vai ser uma coisa diferente, algo diferente num lugar diferente né?! Conversei com meu ex-marido sobre isso. A gente achou melhor ir.’ (Fabiana)

Sob ameaças de que teria sua casa destruída e a reflexão de que a nova moradia poderia representar um recomeço em local mais seguro, Fabiana e o ex-marido decidem aceitar a mudança. No relato da moradora, é possível perceber o susto e pavor que a situação gerou, não somente por conta da ação, propriamente dita, da COHAB, mas a forma como essa ação – o comunicado sobre a remoção - foi realizada. E, de certa maneira a forma coercitiva e até mesmo violenta, como esse diálogo aconteceu e reverberou na relação com a vizinhança.

O direito à moradia para a mãe

O terreno em que construiu sua antiga casa era dividido com a mãe, que morava em outra casa. Quando a COHAB passou informando sobre a remoção e coletando o número de famílias e pessoas que viviam no terreno, houve um mal-entendido e as moradoras tiveram que lutar por seu direito à moradia. Nas palavras de Fabiana:

‘[...] no dia antes da COHAB passar e falar comigo, [a assistente social] passou e falou com a minha mãe sobre quantas famílias moravam no barraco. A minha mãe falou ‘aqui mora só uma família’, mas eram duas. Aí tudo bem, fui na COHAB: ‘tá eu aceito, mudar de região, eu aceito sair de lá’, daí eles falaram ‘ah, é uma família só’, e eu falei ‘não, é duas’. Aí começou o problema: ‘não, mas a pessoa que foi lá falou que era uma só’, eles diziam. Que a pessoa que tinha assinado disse que era uma só e quando eu vi era minha mãe que tinha assinado. Falei ‘Bom, são duas famílias. Eu saio, mas a minha mãe vai ficar, vocês assumem isso?’, disse a eles. Eles falaram: ‘você assume esse risco?’. ‘Assumo’, respondi.

Minha mãe tinha um primo que era secretário de esportes de Vinhedo, ele ajudou ela a entrar com uma ação contra a COHAB porque onde eu iria morar não cabia cinco pessoas. Tinha muita família que foi com todo mundo que tinha, que não tinha o que fazer, não sabia a lógica do sistema, o que fazer para poder mudar aquilo porque é um apartamento minúsculo que não cabe quase ninguém. Aí eu vim pro Bassoli dia 13 de janeiro de 2013. (...) depois de acho que uns oito meses o processo da minha mãe lá na COHAB deu certo, eles iam dar uma habitação para ela também. Viram que tinha lógica o que a gente tava falando porque no espaço quando minha mãe foi morar com a gente a gente separou as casas para a gente ter nossa privacidade lá no barraco e ela também. A moça não entrou para ver, então o problema é dela. Tinha duas famílias. E minha mãe se equivocou porque não sabia o que falar na hora. Aí consegui. E no fim das contas minha mãe conseguiu morar na área dos Amarais mesmo, que era o caso que deveria acontecer comigo se eu tivesse me recusado a

sair. Todo mundo que se recusou a sair mudou para a mesma região, no Residencial Takanos, foi um dos últimos empreendimentos que a Caixa Econômica entregou.” (Fabiana)

Fabiana descreve os diálogos que teve com a COHAB e conta que aceitou ir para o Jardim Bassoli correndo o risco de sua mãe ter a casa levada pelos tratores e não ter direito à moradia assegurado. Fabiana conta, implicitamente, que, por saber “a lógica do sistema”, ela e sua mãe entraram com uma ação contra à COHAB e garantiram o direito à habitação para a mãe. Ela se refere à “lógica do sistema” para dizer como as coisas acontecem e são executadas pelo poder público, fala também da importância de conhecer essa lógica para poder mudá-la. Pergunto à Fabiana sobre como foi a mudança da mãe, ela relata:

“Eu mudei pra cá em 2013, Breno nasceu em 2014, minha mãe mudou pro Takanos em novembro ou dezembro de 2014, um pouquinho depois que a gente mudou. E isso deixou a gente completamente irado por que fez todo aquele carnaval, toda aquela força né para a gente sair de lá? Não tinha lógica.” (Fabiana)

Fabiana relata um sentimento de ira despertado pela ação da COHAB. Pouco mais de um ano depois de coagir centenas de pessoas a deixarem suas residências para irem viver em uma região distante, conduziu moradoras que haviam se negado a sair para um residencial próximo de onde viviam. Mais uma vez, Fabiana usa o termo lógica; dessa vez, classificando como ilógica a maneira de agir da COHAB: “por que fez toda aquela força?”, ela questiona. Essa ação, aparentemente ilógica, perpetrada pela COHAB é uma das práticas que sustentam o discurso da falta de planejamento no poder público, especificamente aqui, em relação à questão habitacional. Dessa forma, essa ação pode aparentar ser falha ou mal planejada. No entanto, esta forma de perceber a situação ignora a intencionalidade de desmobilizar a população que é alvo da política pública. Outro aspecto importante é a influência de vereadores e outras pessoas em cargos públicos que abusam do poder para escolher quais famílias serão removidas e para onde serão levadas, cuidando de interesses próprios para construir ou fortalecer determinados domínios eleitorais⁵³.

Ainda sobre os impactos da chegada no novo bairro, Fabiana comenta sobre a dificuldade de acessar o direito à educação para seus filhos: “Tive que tirar meu filho da escola, meu filho mais velho tinha que sair comigo todo dia de madrugada, quatro e meia da

⁵³ Denúncias de tráfico de influência na COHAB Campinas são recorrentes. O último caso noticiado é de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.campinas.sp.leg.br/comunicacao/noticias/2020/fevereiro/nelson-hossri-quer-cpi-para-apurar-suposto-esquema-de-trafico-de-influencia-na-cohab> Acesso em: 08 de jun. 2021.

manhã, porque estudava lá, não tinha escola aqui, não tinha vaga. Mexeu muito com a gente.” Segundo o Plano Diretor de Campinas (2016, p. 175 e 176):

“os maiores déficits de demanda não atendida na educação infantil (agrupamentos I e II), estão nas regiões noroeste (2.418 crianças), sul (2.390 crianças) e sudoeste (1.939 crianças). (...) Pode-se observar que as regiões que concentram bairros de maior vulnerabilidade são as que possuem o maior déficit. Este cenário é agravado com a concentração destes contingentes populacionais nas áreas periféricas, seja em moradias em áreas de risco ou mesmo quando da implantação de grandes conjuntos habitacionais, no esteio do Programa Minha Casa Minha Vida do Governo Federal (como exemplos podemos citar o Jardim Bassoli, o Jd. Abaeté e o Sírius).”

Outro ponto que dificulta a chegada no residencial tem a ver com a perda de vínculos de afeto com familiares e amizades que permanecem no antigo local de moradia. Sobre isso, Renata comenta:

“Uma pessoa disse pra mim assim: ‘depois que você mudar pro Bassoli ninguém mais vai vir te ver’, porque é um lugar muito longe, muito distante, ninguém quer entrar no Bassoli, então a gente se sente assim, meio que excluído, sabe? Da família e da sociedade. Mas eu gosto tanto do Bassoli, eu me apeguei tanto ao Bassoli que hoje é uma coisa assim, até uma briga, né!? Meu marido fala assim: ‘se eu tiver muito dinheiro eu compro uma casa e sumo daqui’. Eu falo assim: ‘não, se eu tiver muito dinheiro eu construo um projeto e fico aqui, na comunidade.’ Entendeu?”(Renata)

“Então a gente se sente assim, meio que excluído, sabe?”. Essa frase de Renata poderia ser utilizada para se referir ao sentimento de exclusão de forma mais ampla: a falta de visita da família é um dos aspectos que alimenta esse sentimento. Em seguida, nas falas de Lindineide, Marcelo e Fabiana será possível perceber que a distância física e a dificuldade de conseguir emprego por causa disso também nutrem a exclusão.

Renata segue o relato contando que ao sair da antiga moradia tinha a intenção de viver sua vida, com pouco contato com a vizinhança, porém as vivências no Jardim Bassoli transformaram suas intenções. Nas palavras da moradora:

“Uma coisa assim quando eu vim mudar pra cá, no dia do sorteio eu tava lá, esperando me chamar, aí eu disse pro Gabriel: ‘Gabriel, eu vou pedir uma coisa pra Deus, eu quero que a gente more no quarto andar.’ Daí ele falou: ‘por que, mãe?’ Eu falei: ‘porque eu não vou conseguir viver em comunidade. Não vou conseguir viver com meus vizinhos. Vai ser muito estressante viver isso’. Porque a rua que eu morava era muito calma, e aí eu pensei comigo: ‘Senhor e se possível na última porta.’ Eu, na minha cabeça. Aí fui lá, sortiei, mas eu não sabia que era a última porta. E quando eu entrei dentro do apartamento eu agradei muito que era o último andar e a última porta. E eu pensei em ficar só isolada lá dentro, isolada mesmo. Trabalhar pra mim, fechar minha porta e mal falar bom dia pro vizinho mesmo. Bom dia, boa tarde, eu até ia falar, mas sem contato físico com ninguém. E aí depois as

coisas se reverteram, né? Então, aí eu aprendi que viver em comunidade não é tão ruim assim.” (Renata)

O que se reverteu na experiência de Renata foi o fato de ela ter virado síndica, atuando lado a lado com Madalena (subsíndica) e a expectativa de ficar de porta fechada para a vizinhança não aconteceu, pelo contrário. Em seguida, teve início o projeto DIST I e ela participou de oficinas de artesanato, envolveu-se em reuniões para debater melhorias para os condomínios do residencial etc. Renata conta:

“Chegando aqui, depois de um ano, teve reunião, na qual eu e a Madalena fomos e resolvemos ser síndicas. Foi quando a gente começou a andar e participar de reuniões, e aí a gente conheceu a Isabel, a Márcia, o doutor Leonardo, veio a Cris e a Angélica, que fazem parte da Casa de Oficinas; a gente começou a fazer algumas peças dentro do Salão de Festas, só que aí não deu muito elas ficaram sem carro para vir, ficou aquele... daí a máquina ficou na casa da Madalena, a Madalena continuou fazendo consertos e eu segui trabalhando como diarista. Depois conhecemos a Lúcia, aí através da Lúcia e da Eleusina, acabou que você foi lá em casa pra gente conversar. Quando eu olhei pra você já senti uma confiança muito grande do sonho renascendo aqui dentro de mim de novo. Então, eu fiquei muito feliz aquele dia. A partir daquele momento eu falei “nossa, acho que agora vai sair alguma coisa aqui nesse lugar, né?!”. A gente sabe que por muitos problemas físicos no Bassoli, a gente não conseguia caminhar em nada, a briga era muito por problemas físicos, as rachaduras, essas coisas assim.” (Renata)

As consequências da participação nessas atividades serão discutidas no capítulo “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio”. Nesse momento, é importante destacar no depoimento de Renata as observações sobre problemas físicos do residencial, os quais já haviam sido identificados no diagnóstico realizado durante o DIST I:

“Muitos moradores alegam que há problemas construtivos nos edifícios, identificados pelo aparecimento de rachaduras nas escadas, ou então, pela infiltração de água de chuva nas esquadrias das janelas. O acabamento é de má qualidade, com superfícies irregulares nas paredes e pisos, algumas paredes fora do prumo. Os enquadramentos de algumas portas apresentam problemas: alguns batentes não encaixam no vão da parede, evidenciando problemas de execução da obra.

(...)

As infiltrações nas janelas poderiam ser facilmente resolvidas na própria forma de alumínio utilizada, deixando o parapeito da janela com uma leve caída para o exterior, evitando a entrada de água direta pelas esquadrias. O piso de entrada de alguns blocos possui desnível para dentro do prédio, ocasionando o escoamento de água de chuva para dentro dos edifícios.” (DEMACAMP; INSTITUTO PÓLIS, 2014, p. 158 e 159)

No mesmo diagnóstico, está presente o relato transcrito abaixo:

“Independente de morar numa área de risco, a gente tinha uma vida. Aqui não, aqui a gente tem que lutar para sobreviver e você não sabe com quem está. Sabe que a casa que te botaram é pior do que a que você estava. Eu morava numa casa que não

tinha goteira, não entrava água e hoje se chove lá fora, chove aqui dentro. Se fosse umacoisa assim de pôr cada favela num bloco, num condomínio, então viriam pessoas que já se conhecem e se organizavam e viveriam melhor. Mas não, separou muito as pessoas, não há uma infraestrutura que deveria ter por se tratar do projeto Minha Casa, Minha Vida (...) o Bassoli é o mais errado de todos. Muito grande, é um espaço bem grande e sem infraestrutura, onde as pessoas foram jogadas como os presos. Nós aqui, a sensação é que estamos cumprindo pena. Tudo materiais de terceira, que quebram, uma construtora de quinta categoria...” (Ibid., p. 144)

Mais uma vez, a sensação de ser jogada como os presos, depoimento semelhante ao de Marcelo. A ausência de infraestrutura e a má qualidade dos materiais utilizados na construção dos prédios também são citados pela moradora. Corroborando os apontamentos das pessoas que vivem no local sobre os problemas construtivos, em 2016 o salão de festas do condomínio E desabou. Segundo matérias jornalísticas publicadas à época "tanto engenheiros da Prefeitura como aqueles que auxiliam a associação de moradores já constataram falhas estruturais graves, como falta de projeto de drenagem e fundações com risco de recalque nos prédios de quatro andares".⁵⁴ Na reportagem, algumas moradoras comentam sobre a sensação de que estão afundando. Uma delas relata:

“Hoje foi um salão, mas e amanhã? Estamos deitados à noite para dormir e escutamos as paredes rangerem. Na sala, de repente o tapete levanta porque o piso se solta. Antes eu conversava com a minha vizinha no quarto andar, hoje vejo o apartamento do terceiro da minha janela. Estamos afundando”

A partir de revisão bibliográfica sobre o PMCMV, destaco três obras que investigam o programa a partir da perspectiva territorial, econômica e social e apontam situações semelhantes às observadas no residencial Jardim Bassoli. São estudos realizados pelo grupo de pesquisa Habitação e Cidade e pela rede de pesquisa Cidade e Moradia, vinculadas ao Observatório das Metrópoles. A primeira obra é: “O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais” (2013), a segunda é “Minha Casa... e a Cidade? Avaliação do PMCMV em seis estados brasileiros” (2015), e a terceira é “22 anos de política habitacional no Brasil: da euforia à crise”, (2017). Um dos eixos investigados é “Desenho, projeto e produção” que busca analisar a padronização das tipologias habitacionais (verticalizadas, em sua maioria) e identificou

“inadequações à diversidade de composições familiares e os problemas de mobilidade presentes na produção na ‘forma condomínio’ (...) como a racionalidade industrial, articulada ao processo de financeirização, acabou por estruturar um

⁵⁴ Disponível em:

<https://correio.rac.com.br/conteudo/2016/01/campinas_e_rmc/409402-minha-casa-vira-pesadelo-no-jardim-bassoli.html>. Acesso em: 03 de jun 2021.

campo intensivo e extensivo de promoção habitacional que agravou disparidades socioespaciais decorrentes da localização dos empreendimentos.” (AMORE, 2015, p. 24)

Mais detalhadamente, esses estudos mostram que:

“foram observadas patologias construtivas bastante precoces e erros de execução, possivelmente provocados pela pressão excessiva de redução de custos de produção e aceleração do tempo de construção.

Com a racionalidade imposta pelo Programa, avança-se no sentido de uma concepção privada de cidade, com processos de verticalização das periferias das grandes cidades, consagrando o condomínio (e sua gestão privada) como única forma de organização dos empreendimentos.” (RUFINO, 2015, p. 64 e 65)

A construção dos conjuntos habitacionais populares faz uso de técnicas que priorizam a rapidez no processo de construção e tentam aumentar a taxa de lucro para as empreiteiras: matéria-prima de baixo custo e, na maioria das vezes, baixa qualidade; implantação dos empreendimentos em regiões distantes das centralidades (em áreas com pouca ou nenhuma oferta de serviços públicos básicos de saúde, educação e transporte), onde o preço da terra é mais barato; e realização de projetos arquitetônicos que priorizam a verticalização são alguns elementos dessa racionalização percebida nos projetos de habitação social. Simone Weil aborda a racionalização a partir de sua experiência na fábrica, discutindo os impactos deste método de organização industrial no cotidiano das operárias nas indústrias: a produção em larga escala estimula a competição e a individualização do trabalho, onde cada uma é incumbida de uma etapa específica do processo produtivo e não importa qual o produto final, a que ele serve, contanto que a responsabilidade de cada pessoa seja cumprida. O trabalho extenuante e sem sentido (ser parte de um todo, sem ter ideia de que todo é esse) exige o não pensar, demanda que a mente seja deixada de lado. Nas palavras de Simone Weil (1979, p. 120): “a racionalização foi antes, essencialmente, um método para se fazer trabalhar mais do que um método para se trabalhar melhor”. A autora continua:

“Esse sistema também reduziu os operários, por assim dizer, ao estado de moléculas, fazendo deles uma espécie de estrutura atômica das fábricas. (...) é preciso dirigir-se ao operário individualmente; considerar nele o indivíduo. O que ele quer dizer é que é preciso destruir a solidariedade operária por meio das gratificações e da concorrência. É isto que produz esta solidão, talvez o caráter mais marcante das fábricas organizadas dentro do atual sistema.” (Ibid., p. 124)

A racionalização presente no processo construtivo gera impactos psicossociais no cotidiano das moradoras. O fato de que as pessoas viviam em moradias horizontais, com uma relação lateral com a vizinhança, e passam a morar umas em cima das outras, numa relação

verticalizada, parece ser desconsiderado por quem projeta e constrói esses espaços. Quem mora em cima acha que está em desvantagem em relação a quem está embaixo, pois precisa subir as escadas e não tem a possibilidade de plantar, ter jardim (como é o caso de quem mora no térreo, por exemplo). Quem está embaixo, especialmente no andar térreo, se vê em prejuízo, pois tem sua privacidade abalada pelo fato das janelas darem direto para a área externa do condomínio, além do fato de ter o barulho de crianças e jovens correndo pela volta e, é claro, ter que conviver com o barulho da vizinhança que mora no andar de cima. Na fala de Madalena apresentada anteriormente, é possível perceber algumas dessas dificuldades em lidar com a vizinhança no contexto de condomínio vertical. A dinâmica da vida em condomínio com muros, na lógica de prédios e apartamentos, estimula a solidão apresentada por Simone Weil na experiência da fábrica. Existe um clima de confronto entre moradoras que conseguem pagar o valor do condomínio e as que não conseguem. A solidariedade não é estimulada, afinal cada pessoa fica dentro do seu quadradinho, como diz Marcelo em seu depoimento, e não sabe o que se passa com a vizinha.

Outro aspecto referente a essa racionalização que traz consequências negativas para as moradoras diz respeito ao local onde foi construído o residencial Jardim Bassoli. Por serem mais baratos os terrenos distantes das centralidades, estes costumam ser os escolhidos pelas construtoras:

“A ocorrência da instalação desses projetos habitacionais formais, intermediados pelo mercado, em um contexto de expansão periférica da mancha urbana, decorre do processo de urbanização periférica, iniciada em etapas anteriores, na conhecida parceria entre terra barata e ausência de infraestrutura.” (SOBRINHA et al., 2015, p. 328)

Em artigo desenvolvido pelo Laboratório Direito à Cidade e Espaço Público da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (LabCidade–FAU/USP) analisa aspectos socioespaciais e segregação em residenciais do PMCMV nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas faz o seguinte apontamento sobre a escolha dos terrenos, realizada pelas empresas, para a construção dos residenciais:

“A escolha dos terrenos pelas empresas, fator determinante para a taxa de retorno do empreendimento, segue uma equação complicada, sendo condicionada por variáveis como o custo do metro quadrado e as exigências estabelecidas na legislação quanto ao acesso a redes de infraestrutura, equipamentos e serviços. Devem ser periféricos o bastante para minimizar a porcentagem do investimento gasta com o terreno, mas não distantes a ponto de não atenderem às exigências mínimas para a aprovação de uma operação, ou demandarem custos adicionais com a expansão de redes de infraestrutura básica. Essa equação pode ser influenciada pela ação das prefeituras e governos estaduais que, além de doar terras públicas para a produção de

empreendimentos de Faixa 1, podem complementar os subsídios disponibilizados pelo FAR por meio de contrapartidas financeiras, viabilizando a compra de terrenos mais caros e em tese melhor localizados, ou também custear a expansão de redes de infraestrutura, equipamentos e serviços, viabilizando a promoção de empreendimentos em áreas que a princípio não atenderiam às exigências mínimas do programa.” (ROLNIK et al, 2015, p. 132)

Nesse sentido, é importante destacar o papel imprescindível da esfera pública municipal na efetivação do PMCMV e, especificamente, na mudança de zoneamento de determinados territórios permitindo que conjuntos habitacionais populares sejam construídos nas bordas da cidade, em regiões sem infraestrutura. Segundo o projeto de lei complementar nº 57/2017⁵⁵ sancionado em 29 de setembro de 2017, que dispõe sobre o Plano Diretor Estratégico do município de Campinas, as responsabilidades da Prefeitura no que tange os programas de habitação de interesse social são as seguintes:

“Art. 60. O Município, por meio da Secretaria Municipal de Habitação e da Companhia de Habitação Popular de Campinas - COHAB Campinas, deverá controlar a distribuição da provisão habitacional de interesse social, de acordo com as proporções de faixa de renda.

Art. 61. Para a elaboração e execução dos projetos habitacionais voltados para o atendimento de famílias cuja renda se enquadre nas faixas 1 (um) e 2 (dois), conforme o Programa Minha Casa Minha Vida ou outro que vier a substituí-lo, o Município garantirá incentivos fiscais, isenção de Outorga Onerosa do Direito de Construir, prioridade e celeridade em todos os processos de análise necessários à aprovação dos empreendimentos juntos às diversas Secretarias Municipais, desde que, trinta por cento das unidades habitacionais sejam destinadas à faixa 1 (um).”

Retomando os depoimentos, apresento as falas de Marcelo e Lindineide, as quais apontam como uma das principais dificuldades na chegada ao residencial a distância entre a moradia e os demais espaços da cidade, especialmente o local de trabalho. Marcelo comenta sobre porque gostava de morar no antigo bairro, ele diz: “eu gostava de lá porque era de fácil acesso e rápido pra chegar em Campinas e eu trabalhava no Atacadão da Dom Pedro. Se lá eu gastava uma hora pra chegar no Atacadão da Dom Pedro, imagina quanto eu gastaria morando aqui?” (Marcelo). Segundo pesquisa no site *Google Maps*, para ir do Jardim Bassoli ao Atacadão da Dom Pedro por meio de transporte público é preciso pegar três ônibus diferentes e o tempo aproximado de deslocamento é de duas horas e dez minutos. Ou seja, para se deslocar da nova moradia até o antigo local de trabalho, Marcelo levaria o dobro de tempo que levava antes, quando vivia na antiga residência.

Lindineide relata a dificuldade de seu esposo para se deslocar até o local de trabalho a

⁵⁵ Disponível em: <<https://www.campinas.sp.leg.br/institucional/plano-diretor/arquivos/plano-diretor-2017>>
Acesso em: 14 de maio de 2021.

partir da mudança para o Jardim Bassoli:

“antes da mudança eu tava trabalhando numa firma lá no Taquaral [...] Eu vi muita diferença por causa da distância. Onde eu morava tinha muitos comércios, tinha facilidade de trabalhar, era mais perto, dava pra mim chegar a pé até o serviço se fosse o caso. Aqui eu vejo a dificuldade em acesso ao trabalho, até em pessoas próximas, como meu marido. Quando ele tava lá na Moscou, no São Quirino, ele ia com o patrão dele, que era nosso vizinho, eles iam de carro. Essa é a dificuldade que eu vejo aqui, de ele ter que sair às 5 horas da manhã pra chegar até o serviço. Ele pega entre dois e três ônibus dependendo de onde é, como ele faz bico não tem um lugar certo, cada dia ele tá num lugar.” (Lindineide)

Ainda em relação à distância, Renata complementa:

“as pessoas às vezes ficam tristes mesmo com essa distância que a Lindi fala, por exemplo. Tão construindo o BRT, que tem duas, três horas pra chegar no centro da cidade, dá tédio de chegar no centro da cidade. Pela distância eu não sinto muito, porque eu morava aqui perto, mas assim ó, cinco minutos de carro e pra ir de ônibus eu gasto três ônibus, pra ir onde eu morava. A Madalena tem que gastar dois. É bem perto, só que se torna tão longe.” (Renata)

Além da questão do tempo de deslocamento, que obriga as pessoas a acordarem cedo para conseguirem chegar pontualmente ao trabalho, existem pelo menos mais dois elementos que influenciam nesta impressão de “bem perto, só que se torna tão longe”. Um deles é a condição na qual as pessoas deslocam-se no transporte público, ônibus lotados sem assentos vagos, nos quais as pessoas ficam mais de uma hora em pé, algumas vezes. O outro está relacionado com os custos de deslocamento. O número de terminais para o transporte urbano em Campinas não é suficiente para permitir a integração entre as diferentes linhas de ônibus (considerando que não há metrô na cidade e o BRT ainda não está em operação⁵⁶), as pessoas precisam arcar com o custo de duas ou três passagens para conseguirem chegar ao destino.

Segundo o Plano Diretor Estratégico de Campinas (2016, p. 83):

“O sistema viário estruturador da região sudoeste é composto, basicamente, por dois grandes eixos de penetração, as avenidas John Boyd Dunlop, que dá acesso à região do Campo Grande e Amoreiras/Ruy Rodrigues, que interliga a área central à região do Ouro Verde, e possuem características essencialmente radiais, conduzindo grande contingente populacional da região à área mais central. A insuficiência de equipamentos públicos, bem como a baixa oferta de empregos, comparativamente à população da região, aumenta os deslocamentos para o centro e outras regiões da cidade, sobrecarregando um sistema viário que não tem capacidade adequada.”

⁵⁶ Disponível em: <<https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/cidades/NOT.0.0.1603513.brt-sofre-novo-atraso-e-so-ficara-pronto-em-2022.aspx>> Acesso em: 15 de jun. de 2021.

No mapa a seguir (Figura 33), é possível observar o local de origem das pessoas entrevistadas e a distância que percorrem para chegar ao Jardim Bassoli.⁵⁷ Além disso, é indicado no mapa a região central de Campinas para que se possa ter uma noção de o quanto as antigas moradias eram mais próximas da centralidade em comparação com a residência atual.

Figura 33 – Mapa com local de origem das moradoras entrevistadas



Fonte: Elaborado pela urbanista Caio Fiuza a partir de dados fornecidos pela autora.

No próximo capítulo, a questão da localização do Jardim Bassoli seguirá em discussão com o objetivo de relacionar os episódios de humilhação social descritos pelas depoentes com o contexto econômico, social e político que impacta as populações periféricas, como se caracterizam as moradoras do Bassoli.

⁵⁷O mapa é utilizado à título de ilustração, sem detalhar o deslocamento real entre a antiga moradia e o residencial Jardim Bassoli.

CAPÍTULO 5 - “A SENZALA MODERNA É O QUARTINHO DA EMPREGADA.”⁵⁸

EXPERIÊNCIAS DE HUMILHAÇÃO SOCIAL VIVENCIADAS POR MORADORAS DO JARDIM BASSOLI

Todas as situações de humilhação social narradas pelas moradoras durante as entrevistas aconteceram pelo fato de elas residirem no Jardim Bassoli. A maneira como determinados espaços da cidade são vistos como violentos têm íntima relação com o imaginário social construído sobre as periferias e também com as políticas de Estado executadas nesses territórios.

Neste capítulo, serão apresentados brevemente o PMCMV e suas especificidades na região metropolitana de Campinas e na cidade de Campinas e o conceito de direito à moradia relacionando-o com os termos *habitar* e *habitat*, propostos por Henry Lefebvre. Essa explanação inicial apoia o entendimento do porquê as moradoras do Jardim Bassoli sofrem com a segregação socioespacial e vivenciam os episódios de humilhação social relatados nas entrevistas.

PMCMV E O DIREITO À MORADIA

Para compreender o contexto no qual se insere o residencial Jardim Bassoli, enquanto um conjunto habitacional integrante PMCMV, fiz uma viagem no tempo e espaço. Voltei ao século XIX, na Inglaterra, quando Friedrich Engels defendia que para o capitalismo a escassez de moradia “é um produto necessário da forma burguesa da sociedade; [...] sem escassez de moradia não há como subsistir uma sociedade na qual a grande massa trabalhadora depende exclusivamente do salário.” (2015, p.71)

O autor, escrevendo em 1872, parece estar fazendo um retrato do que seria a política habitacional brasileira e, mais especificamente, do PMCMV:

“O resultado é que os trabalhadores são empurrados do centro das cidades para a periferia, as moradias dos trabalhadores e, de modo geral, as moradias menores se tornam raras e caras e muitas vezes nem podem ser adquiridas, porque nessas condições a indústria da construção civil, para a qual as moradias mais caras representam um campo de especulação muito mais atrativo, apenas excepcionalmente construirá moradias para trabalhadores.” (Ibid., p. 40)

⁵⁸ Subtítulo do livro “Eu, empregada doméstica” de Preta Rara, no qual a rapper e professora de história narra experiências (de humilhação, em sua maioria) vividas por ela e por outras mulheres como empregadas domésticas.

Outro ponto trazido por Engels que dialoga com o tempo presente é a falácia de que oferecendo à classe trabalhadora a posse de sua residência, “uma casinha para chamar de sua”, a questão da moradia estaria resolvida. O autor defende que o fim da escassez de moradia será alcançado através de um único meio: “eliminar totalmente a espoliação e a opressão da classe trabalhadora pela classe dominante” (Ibid., p. 38)

Reconhecendo que a questão da moradia está intrinsecamente relacionada com a organização social, o modo de produção e reprodução vigente, o avanço da sociedade industrial culminou na formação de grandes metrópoles constituídas por pessoas espoliadas de suas terras que não tinham outra opção a não ser vender a sua força de trabalho para conseguir arcar com os altos custos de vida, inclusive de moradia. Assim, avanço um século, cruza o Atlântico e chego ao Brasil da década de 30, no início do seu processo de industrialização, período marcado pelas migrações internas que trouxeram milhares de nordestinas para tentar a vida na promissora São Paulo, incentivadas por subsídios oferecidos pelo Estado:

“o então governador do Estado de São Paulo, Armando Salles de Oliveira, por meio da Secretaria de Agricultura, reeditou, em 1935, uma política de estímulo à migração de trabalhadores nacionais, baianos e mineiros em sua maioria, em direção às lavouras do interior do Estado. Os deslocamentos desses trabalhadores eram realizados com subvenção oficial por meio de um sistema de contrato com empresas particulares de imigração e colonização em que ficava a cargo do Estado o pagamento das passagens e do transporte de bagagens do migrante. Ao chegar à cidade de São Paulo esses trabalhadores ficavam alojados na Hospedaria do Imigrante localizada no bairro do Brás e dali eram alocados para as fazendas do interior do Estado.” (DA SILVA, 2008, p. 21)

Por volta desse mesmo período, Campinas, cidade onde se localiza o residencial Jardim Bassoli, a cerca de 90km da capital São Paulo, passava por um intenso processo de urbanização e industrialização associado à queda da economia cafeeira. Proliferavam indústrias manufatureiras, economia que atraiu mais população em busca de trabalho, fazendo crescer a demanda habitacional e, com ela, a importância dos negócios imobiliários. Nas décadas de 20, 30 e 40 foram aprovados 24, 42 e 81 loteamentos, respectivamente, e a população atingiu 129.940 habitantes em 1940, um crescimento significativo considerando que a população em 1900 era de 67.694 habitantes. Segundo o Plano Diretor Estratégico (PDE): “A partir de 1948, com a inauguração da Rodovia Anhangüera, Campinas experimentou seu período de maior crescimento urbano, populacional e industrial, que

ocorreu durante toda a chamada 2ª industrialização (1948-1980), vinculando seu desenvolvimento à logística rodoviária.” (2016, p. 61)

“Nas décadas de 50 e 60, cresceu o processo de abertura de loteamentos habitacionais populares nas regiões citadas [Campo Grande e Ouro Verde], promovidos pelo município e realizados por iniciativas públicas e privadas, acompanhado da implantação de conjuntos habitacionais para famílias com baixa renda, viabilizadas e empreendidas principalmente pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e pela Companhia de Habitação de Campinas (COHAB Campinas).” (ALVES, 2018, p. 50 e 51)

A partir da década de 70, Campinas se consolidou como “agente principal do processo de Interiorização do Desenvolvimento Econômico do Estado de São Paulo” (PDE, 2016, p. 63). A construção das rodovias Dom Pedro I (1972) e Bandeirantes (1978) associada à criação do Distrito Industrial de Campinas (DIC) em 1974 impulsionam nesse período o maior crescimento populacional e industrial da cidade. “Neste momento, consolidou-se também o vetor sudoeste da urbanização, ao longo da Av. John Boyd Dunlop, com a implantação de vários loteamentos para baixa renda, configurando a região do Campo Grande.” (idem, p. 64)

Conforme Ana Fanni Carlos (2016, p. 64) “a generalização da produção do espaço sob a determinação do mundo da mercadoria” se estende para todos os espaços da cidade, inclusive o ambiente privado da habitação. Para Luciana Royer (2014, p. 38) “O direito à moradia não dialoga com a mercadorização da habitação, ainda que essa tenha cada vez mais características de mercadoria no capitalismo contemporâneo.” Os novos modelos de financiamento da habitação, articulando Estado, grandes incorporadoras com capital aberto na Bolsa de Valores, como ocorreu no caso do Programa Minha Casa Minha Vida, “reduzem o direito à moradia ao acesso privado a uma mercadoria livremente negociada no mercado” (idem, p. 29) além de transformar a cidadã beneficiária de um direito em “um cliente do sistema bancário, incluído ou excluído das modalidades de financiamento”. (Ibid.)

O PMCMV foi lançado em março de 2009 com o objetivo principal de “criar um ambiente econômico confiável que estimule o crescimento do mercado formal de habitação e crédito, bem como a geração de emprego.” (BRASIL, 2010, p. 192). É preciso ressaltar o contexto econômico no qual o programa foi criado, uma grave crise econômica que

teve início nos Estados Unidos a partir dos problemas sistêmicos financeiros provocados pela crise dos mercados secundários de títulos lastreados em hipotecas, envolvendo os chamados *subprimes*. A crise do *subprime* contaminou todo o mercado financeiro provocando um ‘efeito cascata’, afetando todo o setor financeiro

globalizado e também, por decorrência, toda a economia capitalista, dependente das finanças globais. (CARDOSO; ARAGÃO, 2015, p. 35)

É preciso analisar o PMCMV articulado com as estruturas sociais, políticas e econômicas que interferem na produção das cidades, pois a partir de Henry Lefebvre entendo cidade como produto do trabalho das pessoas que nela habitam.

“A cidade é obra, a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material. Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história, ela é obra de uma história, isto é, de pessoas e grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições histórias.” (LEFEBVRE, 2016, p. 56)

Habitar é viver plenamente os espaços da cidade, o lazer, o trabalho, não somente a moradia. David Harvey (2014, p. 21) afirma:

“somente quando se entender que os que constroem e mantêm a vida urbana têm uma exigência fundamental sobre o que eles produziram, e que uma delas é o direito inalienável de criar uma cidade mais em conformidade com seus verdadeiros desejos, chegaremos a uma política do urbano que venha fazer sentido.”

O Plano Nacional de Habitação (PlanHab), apresentado um ano após o lançamento do PMCMV, propunha “uma estratégia de longo prazo para equacionar as necessidades habitacionais do país” (BRASIL, 2010, p. 9). A política habitacional está estruturada em quatro eixos: modelo de financiamento e subsídio; política urbana e fundiária; arranjos institucionais e cadeia produtiva da construção civil. A política urbana defendida no PlanHab traz “como princípio a implementação dos instrumentos de reforma urbana que possibilitam melhor ordenamento e maior controle do uso do solo, de forma a combater a retenção especulativa e garantir acesso à terra urbanizada” (idem, p. 12). Não são apresentados, nem defendidos, instrumentos de participação das populações beneficiadas pelos programas habitacionais. Não existe no PlanHab a garantia de que as futuras moradoras dos residenciais poderão participar da escolha do local onde irão morar, da planta do apartamento, da construção da moradia, do acompanhamento das obras etc. O sentido de conquista de um direito fica, em certa medida, amortecido e esvaziado.

Nesta pesquisa, a noção de moradia é entendida como um direito individual e coletivo a ser alcançado pela universalização do acesso a uma habitação com padrão digno, de modo que sejam garantidas condições de habitabilidade em áreas com infraestrutura, saneamento ambiental, mobilidade, transporte coletivo, equipamentos, serviços urbanos e sociais. O que

se vê, na prática, nos residenciais do PMCMV são marcas de continuidade da lógica segregacionista que caracterizam o processo de urbanização brasileiro. Maria Beatriz Cruz Rufino identifica dois principais padrões de inserção dos empreendimentos nos espaços da cidade: em periferias consolidadas e em áreas não urbanizadas. Quanto aos residenciais, a autora destaca:

“O predomínio da forma condomínio, a precariedade dos espaços coletivos e a ausência de espaços públicos que estimulem a integração e sociabilidade nos empreendimentos e com a vizinhança reforçam ainda mais uma urbanização privatizada que tende a exacerbar a segregação e guetificação dos mais pobres na cidade.” (RUFINO, 2015, p. 69)

Em publicação do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (CRPSP), o direito à moradia foi apresentado como:

“uma questão a ser tratada como direito inalienável (jurídico), mas antes como valor imensurável (social e humano). Sem moradia, o próprio processo de humanização está comprometido. Sem moradia, autonomia e dignidade humana estão comprometidas.” (EUZEBIOS, 2019, p. 38)

Henri LeFebvre diferencia o habitar do *habitat*. O primeiro tem a ver com “participar de uma vida social, de uma comunidade, aldeia ou cidade” (2016, p. 25) e inclui defender que a cidade precisa realizar “seu potencial de garantir uma democracia efetiva, com qualidade de vida em termos de acesso a bens e serviços, participação ativa de todos e todas nas decisões coletivas”, como determina Ermínia Maricato (2019, p. 59). O segundo trata, especificamente, da habitação, do apartamento, no caso do residencial Jardim Bassoli. Um não existe sem o outro e não existe uma ordem de importância entre ambos, não deveria ser possível garantir moradia em local sem infraestrutura urbana e vice-versa.

A QUESTÃO HABITACIONAL HOJE EM CAMPINAS

Considero relevante contextualizar o cenário de Habitação de Interesse Social em Campinas. A Região Metropolitana de Campinas (RMC), formada por 20 municípios, foi criada em 2000 e conta atualmente com mais de três milhões de habitantes⁵⁹. É reconhecida por ser um centro tecnológico e de pesquisa e desenvolvimento em diversas áreas, com grandes universidades, hospitais e importantes rodovias que servem de conexão com a região noroeste do estado de São Paulo.

⁵⁹Disponível em: <https://www.pdui.sp.gov.br/rmc/?page_id=56> Acesso em: 14 de jun. de 2021.

O PMCMV na RMC apresenta um dos resultados quantitativos mais expressivos do Brasil. Em estudo sobre os aspectos socioespaciais e de segregação (ROLNIK, 2015) foi apontada a predominância de empreendimentos de grande porte produzidos em terrenos privados localizados na divisa entre área urbana e área rural. A autora destaca a diferença existente entre os conjuntos construídos na região nordeste de Campinas - de porte menor (até 300 unidades habitacionais) e destinados a famílias com faixa de renda mais alta – e os empreendimentos localizados na região do Campo Grande (sudoeste), onde estão localizados os megaempreendimentos (com mais de 1500 unidades habitacionais) voltados para famílias da Faixa 1 (com renda mensal de até R\$1.600).

Em 2018, foi realizada a revisão e atualização do Plano Diretor (PD) de Campinas que aprovou a expansão do perímetro urbano com a criação de uma Macrozona de Desenvolvimento Ordenado caracterizada integralmente como zona rural destinada ao uso rural e urbano. Desde 2006, o PD de Campinas vem dando passos para a concentração de populações de baixa renda em áreas limítrofes à zona rural, quando permitiu a construção de empreendimentos habitacionais de interesse social somente na região do Campo Grande e dos Amarais, territórios já bastante densos demograficamente e com altos índices de precariedade e vulnerabilidade social.

EPISÓDIOS HUMILHANTES

As páginas anteriores servem de contextualização, apoiam o entendimento de porque determinados espaços da cidade são vistos de forma pejorativa pela sociedade e tratados pelo poder público como depósito da classe trabalhadora. A preocupação é, minimamente, garantir a moradia, os demais direitos básicos parecem ser desconsiderados. A seguir, serão apresentadas situações narradas pelas moradoras nas quais vivenciaram o preconceito por residirem no Jardim Bassoli.

“VOCÊ NÃO TEM O DIREITO DE FALAR, PORQUE NÃO MORA LÁ.”

FABIANA RIBEIRO

Durante nossa conversa, Fabiana contou sobre experiências que a despertaram para a necessidade de defender a imagem do residencial perante pessoas que expressavam xingamentos sobre o local e as pessoas que lá vivem. Ela conta:

“Essa parte de ver muita gente, que não mora aqui dentro, não é daqui, e olha para o bairro com indiferença. Nessas partes eu comecei a ver as coisas de um modo diferente: ‘Poxa, por que ele vai ficar falando de onde eu moro se ele não sabe, se

ele nunca entrou lá dentro?’, então eu comecei a ter um olhar diferente para cá. ‘Você não tem o direito de falar, porque você não mora lá.’” (Fabiana)

Mais adiante, ela relata uma situação vivenciada na linha 359, ônibus que passa pela região da Lagoa do Taquaral onde, naquela ocasião, Fabiana trabalhava como diarista em uma residência. Nas palavras dela:

“Eu entrei, sentei e daqui a pouco tô vendo umas duas senhoras lá falando alto para caramba: ‘Nossa, um dos piores bairros é o Bassoli. Onde fica esse lugar?’, uma falava e a outra: ‘ah, fica lá pra longe, no Campo Grande. Ô lugarzinho ruim, é ruim demais, só tem ladrão, só tem bandido, é o pior lugar do mundo’. Ah, aquilo começou a me encher, me encher, me encher, me levantei dentro do ônibus: ‘o que vocês tão falando? Você mora lá? Deixa eu te perguntar, você mora lá?’ ‘Ah, não, eu não moro.’ E você, você mora lá?’ ‘Não, não moro.’ ‘Você já foi lá?’ ‘Ah, eu nunca fui.’ ‘Então, não fala de onde você não sabe, de onde você não conhece. Lá tem gente ruim como qualquer outro lugar, só que também tem muita gente boa, tem muito trabalhador, tem gente que gosta de onde mora. Não tem porque vocês ficarem falando do que não sabem’. Aí acabou, elas pararam de falar, ficaram meio sem graça. Depois eu fiquei pensando ‘Nossa por que que eu fui me meter no assunto!?’ , mas aquilo me doía, ouvir falando daquele jeito. Você sabe quando uma pessoa tá falando o que ela conhece e quando a pessoa tá falando e ela nem sabe o que ela tá falando, que ela nunca esteve naquele lugar. A gente sabe as duas situações.” (Fabiana)

Fiquei intrigada com a afirmação de Fabiana “a gente sabe as duas situações” e perguntei a ela como saber a diferença entre quem fala sem saber e quem conhece o bairro. Ela responde:

“Ah, lá no Bassoli então, me falaram que tem gente que nossa não dorme de noite, é tiro, é polícia correndo atrás de não sei o que’. Você vê que a pessoa não sabe o que tá falando. Fala porque ficou sabendo: ‘ah eu vi uma postagem’. Não sabe do que está falando. Quem mora aqui sabe. Às vezes eu não sei o que acontece lá embaixo, mas eu moro aqui e eu entendo o que acontece lá embaixo, diferente dela que tá falando e nem sabe o que tá falando. Tem gente que eu converso e não sabe que o Bassoli é um bairro inteiro de prédio, não sabe que o Bassoli tem 19 condomínios, acha que o Bassoli é pequenininho tipo Santa Clara. Então tem gente que tem curiosidade de vir aqui, mas tem medo.” (Fabiana)

“Às pessoas que ‘tem curiosidade de vir aqui, mas têm medo’, o que você falaria?”, questionei Fabiana. Ela respondeu:

“Eu falo: ‘Nossa, olha se eu fosse você eu ia lá passear, pega o ônibus, o ônibus dá a volta, você nem paga a passagem. Você vai ver que é super legal lá, o ônibus vai dar a volta no bairro inteiro, é tudo de prédio, tem praças que a gente fez mutirão para poder revitalizar porque a prefeitura não faz merda nenhuma lá. Tem gente que fala que para você que no Bassoli não tem asfalto? O Bassoli é inteiro asfaltado. Está arborizando agora, a gente tá fazendo mutirão para fazer plantio de árvores. Eu gosto de lá, vai lá dar uma passeada que você vai ver, você vai olhar com outro olhar o bairro.’ Eu falo assim, meio na zoeira mas assim para pegar as pessoas. Depois que você fizer isso, você vai ter o que falar.” (Fabiana)

A questão das condições estruturais está presente na fala da moradora: “é tudo prédio” e “é inteiro asfaltado”. Ela comenta também sobre os mutirões para revitalização das praças e plantio de árvores. Contar o que o bairro tem de bom, na visão de Fabiana, é uma estratégia para fazer o restante da população ver o Jardim Bassoli com outros olhos e diminuir o preconceito. Além de despertarem o desejo de transformar a visão das pessoas sobre o bairro, essas experiências de humilhação provocaram em Fabiana a vontade de participar das ações coletivas realizadas no residencial, as quais serão apresentadas no capítulo seguinte.

“VOCÊS TÃO TUDO NA PERIFA.” MARCELO SIQUEIRA

Na entrevista de Marcelo, conversávamos sobre a relação dele com pessoas de outros bairros da cidade quando ele comentou:

“Eu acho que a maioria dos meus amigos são aqui do Bassoli, do bairro onde minha mãe mora e também em Hortolândia e Sumaré, que eu sempre tenho os amigos distante assim. Mas eu acredito que os bairros vizinhos, eu acho que tanto daqui do Bassoli já tem um preconceito contra o próprio bairro. Tem gente que não quer morar aqui. Mas os bairros vizinhos também, tanto é que não é difícil, [pensativo - pausa antes de continuar a frase] muita gente consegue emprego falando que mora no Bassoli, mas tem muita gente que é recusada também. Ainda existe um preconceito grande na comunidade em questão de empregabilidade. Mesmo fazendo curso, estudando, mas aí coloca lá no currículo que cê tá morando no Bassoli, se for arrumar empregos que não gosta do Bassoli, já não contrata. Agora não sei se é por conta da distância ou só porque o Bassoli já foi muito mau falado, né, então...” (Marcelo)

A situação vivida por Fabiana na linha de ônibus 359 é um exemplo do que Marcelo comenta: “o Bassoli já foi muito mal falado”. Comecei a elaborar a pergunta: “Você já viveu alguma situação assim, de tipo tu falar ‘eu moro no Bassoli’, e sei lá alguém”, ele me interrompeu antes que eu terminasse de falar e contou:

“Já vivi um constrangimento, mas não fiquei tão constrangido porque o professor entrou no meio. Eu tava fazendo cursinho e ele falou pra todo mundo apresentar o bairro onde mora, daí quando eu falei o nome do bairro a galera começou a dar risada. Aí o professor perguntou à turma e o restante dos alunos também eram da região do Campo Grande. Então ele falou: ‘vocês percebem que cês tão tudo no mesmo barco? Vocês tão tudo na perifa [ênfatisa a palavra perifa]. Todo mundo vem da perifa. Ninguém é melhor que ninguém. Ninguém que tá aqui é do Cambuí ou de outro lugar’. Pelo menos ele deu uma quebrada de gelo na galera. Porque eu acho que não tem diferença em comunidade assim tanto onde a minha mãe vive, quanto aqui ou no Floresta, Hortolândia... são bairros violentos, mas que também não tem tanta, tanta [reflexivo] publicidade quanto o Bassoli. Se o Bassoli acontece qualquer coisinha já sai na notícia, agora se acontece algo no São Bento [bairro vizinho], alguma morte, já culpa o Bassoli [fala dando risada], já fala que ‘é no Bassoli!’, mas na verdade aconteceu no São Bento. Então, ainda tem uma má fama. Que é um processo de desconstrução também que a gente tenta fazer, né, com o pessoal, tanto da comunidade quanto fora da comunidade.” (Marcelo)

Fiquei surpreendida com o fato de Marcelo ter a resposta pronta, como se estivesse esperando pela pergunta, ou ansioso por compartilhar esse acontecimento. Ele reforça a importância da atitude do professor de “entrar no meio” e lembrar a turma de que todas as pessoas ali eram moradoras da periferia, independentemente do bairro onde residem, e relata o preconceito em relação ao Bassoli reforçado pelas reportagens e matérias veiculadas na mídia.

O bairro citado pelo professor de Marcelo, Cambuí, é um bairro localizado na região central de Campinas. No século XIX era ocupado, principalmente, por prostitutas e escravizadas, que viviam em cortiços. A partir de 1870, com a construção das estradas de ferro, o bairro passou a ser ocupado pela elite, que comprava terrenos e os transformavam em chácaras. Aos poucos foram surgindo grandes mansões. No período de 1930 até os dias atuais, esse processo de expulsão da população marginalizada de uma área central para dar lugar às classes dominantes no bairro Cambuí foi traduzido como “o primeiro fenômeno de segregação socioespacial no processo de urbanização de Campinas”, segundo o PDE de Campinas (2016, p. 59).

Para não me alongar na apresentação do bairro Cambuí, mas conseguir trazer à concretude a diferença entre quem mora no Jardim Bassoli e quem reside no Cambuí, apresento a diferença entre o valor do metro quadrado em cada um desses bairros. No trecho da avenida Norte-Sul que corta o Cambuí, o valor do metro quadrado custa, em média, R\$2.485,0503. No Jardim Bassoli, o custo médio do metro quadrado é R\$132,5301.⁶⁰ Esses dados permitem a confirmação de quem vale mais aos olhos do mercado imobiliário e do Estado: as pessoas capazes de arcar com os custos de vida no Cambuí.

Após narrar o episódio acontecido durante a aula, Marcelo faz a reflexão sobre as diferenças entre alguns bairros e comenta sobre a “publicidade” negativa que se tem a respeito do Jardim Bassoli na mídia: “se acontece algo no São Bento [bairro vizinho], alguma morte, já culpa o Bassoli [fala dando risada], já fala que ‘é no Bassoli!’, mas, na verdade, aconteceu no São Bento.” (Marcelo) Ele comenta que essas situações acontecem devido à má fama do residencial, que já foi notícia muitas vezes na mídia devido a perseguições envolvendo policiais e pessoas suspeitas, apreensões de drogas, homicídios etc. O próximo relato de humilhação social é sobre esse tema.

⁶⁰ Dados obtidos no Diário Oficial do Município de Campinas, publicado em 11 de outubro de 2017. Disponível em: <http://www.fiscosoft.com.br/objetos/SP_LEI_15.499_Campinas_2017_ANEXO.pdf> Acesso em: 26 de jun. de 2021.

“QUAL FOI O CRIME QUE ACONTECEU LÁ DENTRO?” RENATA NASCIMENTO

Infelizmente, o Jardim Bassoli compartilha com as demais favelas e periferias brasileiras a má fama de ser um local violento. Lucas de Souza pesquisou as matérias veiculadas nos telejornais “Jornal Hoje” e “Jornal Nacional” da TV Globo no ano de 2016. O autor buscou matérias que tinham em seu título as palavras “periferia” e “favela” e ao longo de um ano inteiro e encontrou 11 reportagens:

O Jornal Nacional e o Jornal Hoje exibem juntos uma média de 9.504 (nove mil, quinhentos e quatro) reportagens por ano, ou seja, no ano de 2016, 9.493 matérias não-relacionadas à periferia foram televisionadas. Isso significa que em 9.493 vezes, o lugar social da favela foi silenciado. Importante destacar que duas, das 11 matérias em que a periferia foi destaque, referem-se ao assassinato de um turista italiano. (SOUZA, 2017, p. 20)

No trecho acima, o autor faz menção ao silenciamento direcionado à população periférica. Primeiramente, pelo pouco número de matérias falando sobre periferia e, secundamente, porque em quase 20% das notícias veiculadas, a personagem principal não era uma pessoa periférica, mas sim alguém de fora que havia sido vítima em situação de violência acontecida na periferia. Das 11 matérias, oito abordam temas relacionados à morte ou risco de morte. A questão da violência foi observada pelo autor:

A imagem da favela que se emerge nas notícias é destrutiva e danosa, na medida em que, através da reafirmação, os telejornais, e parte do jornalismo da grande mídia brasileira materializam em diferentes formas, o imaginário social de que o sujeito periférico é incivil e violento. (idem, p. 19)

Fiz uma pesquisa⁶¹ simples no *site* G1 do canal Rede Globo. Utilizando a ferramenta de busca do *site*, digitei as palavras “Jardim Bassoli” e “Campinas”. Foram encontradas 13 matérias veiculadas entre os anos de 2013 e 2019 nos telejornais da EPTV (filiada da Rede Globo que transmite para as regiões de Campinas e Piracicaba) e no site da emissora. Seguem abaixo os títulos das 13 matérias:

- 08/01/2013 (Jornal da EPTV 1ª Edição - Campinas/Piracicaba): **Moradores do Jardim Bassoli reclamam de apartamentos entregues em Campinas.**

⁶¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/busca/?q=jardim+bassoli+campinas>>. Acesso em: 02 de jul. de 2021.

- 23/01/2014 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Polícia encontra refinaria de drogas em apartamento no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 04/02/2016 (Site): **Incêndio destrói apartamento no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 27/10/2016 (Jornal da EPTV 1ª Edição - Campinas/Piracicaba): **Bueiro destampado preocupa moradores do Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 31/01/2017 (Site): **Apartamento pega fogo no Jardim Bassoli em Campinas, SP.**
- 20/10/2017 (Site): **Polícia Militar apreende metralhadora e outras 2 armas de fogo no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 27/03/2018 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Jovem de 21 anos é preso com drogas no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 29/12/2018 (Jornal da EPTV 2ª Edição - Campinas/Piracicaba): **Polícia Militar prende homem que matou a ex-mulher no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 31/12/2018 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Polícia Militar prende homem suspeito de matar a ex-mulher no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 17/03/2018 (Site): **Incêndio atinge apartamento no Jardim Bassoli em Campinas.**
- 26/01/2019 (Jornal da EPTV 1ª Edição - Campinas/Piracicaba): **'Até Quando' volta a calçada com problema de entulho e lixo no Jardim Bassoli, em Campinas.**
- 23/03/2019 (Jornal da EPTV 1ª Edição - Campinas/Piracicaba): **Costureiras do Jardim Bassoli em Campinas criaram projeto social para ajudar o bairro.**
- 02/04/2019 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Avião bimotor faz pouso forçado no Jardim Bassoli, em Campinas.**

Foram encontradas ainda mais duas matérias que possuem Jardim Bassoli no parágrafo de apresentação. São descritas a seguir:

- 31/07/2013 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Homem é preso com porções de maconha, cocaína e crack no Ouro Verde, em Campinas.** Segundo o suspeito, os entorpecentes seriam levados para outra pessoa no Jardim Bassoli.
- 15/08/2013 (Bom Dia Cidade - Campinas/Piracicaba): **Menores roubam carro e capotam veículo perto de supermercado em Campinas.** Dois menores roubaram um carro na noite de quarta-feira (14) e capotaram o veículo perto de um supermercado no Jardim Bassoli, em Campinas (SP). A Polícia foi chamada e os adolescentes detidos.

Das 13 matérias veiculadas, quatro têm o termo polícia no título. Outras quatro relatam incêndios acontecidos em prédios. Três matérias abordam demandas de moradores em relação à estrutura do residencial. Uma matéria aborda a apreensão de drogas ilícitas. Outra matéria relata a queda de um avião próximo ao bairro. As duas notícias que têm “Jardim

Bassoli” na descrição (não no título) referem-se a atividades criminosas: apreensão de drogas ilícitas e roubo.

A única matéria com teor positivo sobre o bairro é “Costureiras do Jardim Bassoli em Campinas criaram projeto social para ajudar o bairro.”⁶² Veiculada em março de 2019, três meses antes da roda de conversa com Lindineide, Madalena e Renata, a matéria conta sobre o grupo Artes Bassoli e a marca Reciclista. Durante nossa conversa em junho de 2019, Renata comentou a respeito do dia de gravação dessa matéria:

“Quando chegou a reportagem da EPTV aqui na frente o pessoal falou lá fora: ‘qual foi o crime que aconteceu lá dentro?’ e a gente falou pro repórter: ‘a gente sabe que aqui dentro não tá acontecendo nenhum crime, são coisas boas que a gente vai contar, que estão acontecendo no Bassoli’”. (Renata)

A curiosidade da vizinhança para saber qual crime havia acontecido no local se sustenta no discurso da mídia que reforça o estigma de que o bairro é um local onde são cometidos delitos (perseguições policiais, prisões etc.) e as pessoas são acometidas por tragédias (incêndios nos apartamentos, queda do avião etc.). O preconceito em relação ao Jardim Bassoli e às pessoas que lá habitam possui bases concretas e uma dessas bases é a mídia.

Sobre a questão da violência policial no Jardim Bassoli, Renata contou:

“A gente viu muitas brigas, muitas coisas ruins, muitas coisas marcantes aqui no bairro, por exemplo a polícia perseguindo alguém e a comunidade atacar a polícia, aí a polícia foi pra cima de todo mundo, não queria saber quem era bandido, quem não era e foi pra cima de todo mundo. Foi bomba pra tudo quanto é lado. Então a comunidade ficou muito assustada, fora os problemas que a gente já tinha, né? Mas depois as coisas foram se acalmando, eu acho que já tá assim, bem mais calmo. Hoje quando a gente foi sair no portão uma mulher disse assim: ‘toma cuidado que a perseguição da polícia tá por aí, perseguindo alguém’.” (Renata)

“Então a comunidade ficou muito assustada”, contou Renata, referindo-se aos episódios de perseguição policial. Quando a polícia militar, enquanto instituição - o braço armado do Estado, vai pra cima de todo mundo, faz uso de bomba e coloca em risco a vida de pessoas inocentes, está sujeitando essa população a uma situação de humilhação social. E, ainda, reforça a hostilidade entre a vizinhança, que fica em busca de culpadas pela situação entre elas mesmas: “estavam atrás de quem dessa vez?”, as vizinhas perguntam umas às outras.

⁶²Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7480160/>> Acesso em: 05 de jul. de 2021.

Neste capítulo, busquei apresentar as situações relatadas pelas moradoras durante as entrevistas nas quais se sentiram estigmatizadas por morarem no Jardim Bassoli. A partir da contextualização sobre o Programa Minha Casa Minha Vida e o desenvolvimento urbano de grandes metrópoles como Campinas, foi possível exprimir os impactos do processo de urbanização e segregação socioespacial na população de baixa renda. A construção de residenciais para habitação social nas franjas da cidade, em áreas com pouca ou nenhuma infraestrutura urbana trouxe como consequência, além das dificuldades relatadas no capítulo quatro, experiências de humilhação social para as moradoras do Jardim Bassoli, descritas aqui.

PARTE III - ENRAIZAMENTO

CAPÍTULO 6 - “NÓIS É PONTE E ATRAVESSA QUALQUER RIO”⁶³

RELATOS DAS MORADORAS SOBRE AS EXPERIÊNCIAS DE PARTICIPAÇÃO COMUNITÁRIA

Neste capítulo serão apresentados os depoimentos das moradoras sobre as experiências de participação comunitária vivenciadas no residencial Jardim Bassoli. A partir da chegada no bairro, enfrentando os desafios relatados nos capítulos anteriores, são desenvolvidas estratégias pelas moradoras para adaptarem-se ao novo local. Seja engajando-se em papéis formais de representatividade (sindica e subsindica), participando de oficinas organizadas pela instituição que executa o SCFV no bairro ou envolvendo-se nas atividades desenvolvidas pelo projeto Escola de Transformação.

Marcelo contou sobre o dia em que ficou sabendo a respeito do projeto Escola de Transformação:

“Eu tava fazendo atividade de jardinagem com a Zeila. E aí veio um monte de gente diferente na comunidade fazendo atividade lá na quadra. Você passou convidando para colar lá e talz. (sic) A Zeila ficou curiosa pra saber quem era o grupo e eu também, aí fui lá ver. Eu só falava [risos] que ‘eu vou indo, mas vim pra ajudar da forma que posso’ e eu acho que acabei entrando de cara. Ajudando e ainda construindo junto, né?! Aqui na comunidade.” (Marcelo)

A atividade de jardinagem a que Marcelo se refere fazia parte da programação de oficinas do PROGEN e era uma das oportunidades de ação coletiva na qual Marcelo estava engajado quando o projeto Escola de Transformação iniciou as ações no bairro. Ele conta que, aos poucos, começou a participar das atividades propostas pelo projeto e acabou entrando “de cara”. Destaco as frases que Marcelo usou para falar sobre sua participação: “Ajudando e ainda construindo junto, né?! Aqui na comunidade.”. De “ajudar da forma que posso”, ele passou a construir junto. Marcelo segue o relato contando sobre outras participações em atividades da Escola de Transformação:

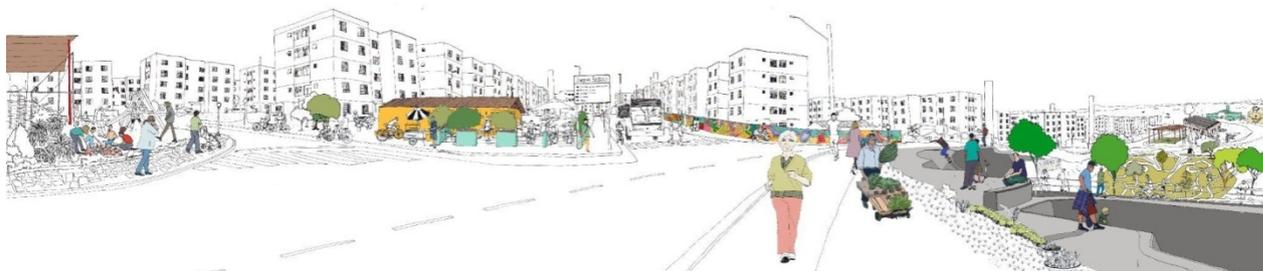
“Teve as outras vivências, que foi nas rodas de conversa, que a Escola de Transformação trouxe. Eu participei só de algumas, acho que foi só de uma, de

⁶³Trecho da poesia “Nóis é...” do livro homônimo “Nóis é ponte e atravessa qualquer rio” (2013) de Marco Pezão, poeta e cofundador do Sarau Cooperifa, realizado no “Zé Batidão”, um bar situado na Zona Sul de São Paulo, desde 2003, reunindo artistas das periferias.

comunicação não-violenta, da criação do projeto também e de como que a gente imagina o Bassoli daqui 5, 10 anos, mais ou menos, tinha uma árvore lá e a gente colocava nela sonho de como que a gente gostaria que fosse o Bassoli ou o que que a gente queria trazer para a comunidade e poder melhorar as praças públicas. Essa parte foi legal também, porque depois de sentar, desenhar e colocar lá no papel, colocar na árvore e ver acontecendo, ainda mais a comunidade fazendo foi legal porque eu acho que hoje eles dão mais, eles têm mais consciência para o uso da quadra, para o uso das outras praças de lazer.” (Marcelo)

A atividade da árvore citada por Marcelo foi realizada um mês após a conclusão da Vivência Oasis (apresentada no capítulo três). Trata-se de um encontro comunitário no qual as pessoas presentes foram convidadas a sonhar o residencial Jardim Bassoli para os próximos 10 anos. *Post-it's* eram oferecidos às moradoras para que elas escrevessem seus sonhos e prendessem o *post it* em um *banner* com o desenho de uma árvore, construindo assim a *Árvore dos Sonhos*. A partir desse material, foi elaborada uma ilustração (figura 34) que servia para balizar e validar as próximas atividades propostas, tanto pela equipe do projeto Escola de Transformação, quanto pelas próprias moradoras, partindo da provocação: a ação planejada apoia a comunidade a se aproximar dos sonhos que estão nessa imagem?

Figura 34 – Ilustração da imagem de futuro projetada pelas moradoras



Fonte: Juliana Russo/Instituto Elos

Marcelo seguiu seu relato:

“Eu acredito que antes do projeto eu não era tão conhecido quanto eu sou hoje. E a influência assim é que tem muitas coisas que eu faço e digo e as pessoas me escutam. Sabe? Não faz isso, e ela não faz. Converso com uma criança, falo que é errado, ela xingar, bater, essas coisas e ela entende. Tem muita coisa que dá pra mim influenciar na comunidade para trabalhar a questão da educação, da cultura e do esporte com os moradores. Não que eu seja um profissional, mas tipo o pouco do que eu sei eu procuro passar pra eles.” (Marcelo)

Perguntei a Marcelo o que havia acontecido para que ele se tornasse alguém reconhecido na comunidade. Ele respondeu:

“Eu não sei [sorrindo], na real. Talvez por estar me expondo mais, tô passando bastante conhecimento ou me comunicando bem mais com as pessoas hoje. Talvez não porque hoje em dia eu não tô muito comunicativo, eu não tô saindo muito no bairro. Mas era uma previsão que chegaria um tempo que eu não sairia pra comunidade porque eu tenho outros trabalhos agora, com outros coletivos. Hoje a gente é uma rede entre [pensativo]... posso citar os nomes dos outros coletivos?” (Marcelo)

Antes de iniciarmos a entrevista, Marcelo estava me contando sobre as atividades do coletivo Bassoli dos Nossos Sonhos e havia comentado sobre essa rede que estava se constituindo a partir da união de diversos coletivos. Ele continuou:

“É uma rede, que a gente ainda não definiu o nome, que a gente tá marcando a reunião uma vez por mês, é a Maloca, a Flor de Maio, a Dona Maria e o Bassoli. E essa rede, entre os coletivos a gente se ajuda, tanto se precisar de alguma coisa lá pro Dona Maria a gente vai pra lá, a gente dá uma força, se a gente precisar de ajuda aqui, eles vem pra cá e assim vice-versa com os outros coletivos. Então, Maloca doou as prateleiras e livros para a contação de histórias, para a biblioteca. E a gente tá ajudando conforme a gente pode, a gente vai nas atividades lá no Dona Maria também, para abrir o cinema, para conversar com a galera também. Antes disso eu já tinha ido para outras comunidades tipo o Campo Belo, o Menino Chorão, eu tinha feito uma sessão lá de cinema. Mas não deu pra ir com bastante frequência porque não tem carro pra poder levar, mas sempre que rola alguma comunidade que o pessoal quer o cinema, por exemplo, a gente vai e leva. A gente foi pro Dona Maria, eles estão com um projeto de cinema, a Maloca tá com mais de 23 cursos, o Flor de Maio eu não tenho tanto conhecimento, porque pra mim o Flor de Maio é um projeto novo de Hortolândia, não tinha conhecimento.” (Marcelo)

Voltando à pergunta de quais acontecimentos o tornaram mais seguro para se colocar diante da comunidade, Marcelo contou:

“Poder escrever o projeto [do coletivo Bassoli dos Nossos Sonhos] é uma das ações que eu lembro que me deu mais incentivo para falar. Mas foi uma das revitalizações da praça, que a gente tinha que ir com ofício no comércio local para arrecadar alimentação, quando eu tive que falar mais com o público, que eu mais precisei usar a voz. E a outra ação, que eu tive que falar mais com a comunidade, foi no primeiro cinema.” (Marcelo)

No trecho acima, Marcelo relata três situações em que se sentiu incentivado a usar a voz. Estimular moradoras a falarem é elemento essencial em qualquer projeto que se proponha a estimular a participação social. Reconhecer-se capaz de falar também foi importante para Renata. Ela contou:

“Eu lembro que quando vocês tavam naquela primeira praça falaram: ‘Renata, vamos dar uma entrevista?’ Aí eu falei: [ela sacode a cabeça negativamente], mas é por acanhamento, mesmo, né?! Mas hoje eu já consigo falar um pouco da gente, do nosso projeto, tá só começando, né, mas os nossos sonhos estão sendo realizados.” (Renata)

“Naquela primeira praça” foi a primeira ação prática realizada pelo projeto Escola de Transformação. Sobre sua participação nessa atividade, Renata comentou:

“E foi muito bom estar na chuva, no frio, no calor, fazendo aquele monte de comida que a gente nem tinha experiência de fazer aquele monte de comida. Isso tudo hoje encoraja a gente a fazer comida para os moradores de rua. E tudo que vocês deixaram aqui pode até passar alguma coisa despercebida, mas jamais vai sair de dentro da gente, jamais. Pelo menos dentro de mim não vai sair. Dentro de mim ficou muito marcado. Ficou muito marcado dentro de mim como que a gente pode transformar o nosso próximo, às vezes com um abraço, ou ensinando ele a costurar um pouquinho, ou apenas recebendo ele aqui pra ele tomar um chá, um café assistindo um filme, sabe?” (Renata)

No capítulo quatro, quando apresentei a fala de Renata sobre a chegada no Jardim Bassoli, reproduzi um trecho do seu depoimento no qual ela fala sobre as atividades nas quais se engajou nesse período. Vou trazê-lo novamente para refletir sobre alguns pontos:

“Chegando aqui, depois de um ano, teve reunião, na qual eu e a Madalena fomos e resolvemos ser síndicas. Foi quando a gente começou a andar e participar de reuniões, e aí a gente conheceu a Isabel, a Márcia, o doutor Leonardo, veio a Cris e a Angélica, que fazem parte da Casa de Oficinas; a gente começou a fazer algumas peças dentro do Salão de Festas, só que aí não deu muito elas ficaram sem carro para vir, ficou aquele... daí a máquina ficou na casa da Madalena, a Madalena continuou fazendo consertos e eu segui trabalhando como diarista. Depois conhecemos a Lúcia, aí através da Lúcia e da Eleusina, acabou que você foi lá em casa pra gente conversar. Quando eu olhei pra você já senti uma confiança muito grande do sonho renascendo aqui dentro de mim de novo. Então, eu fiquei muito feliz aquele dia. A partir daquele momento eu falei “nossa, acho que agora vai sair alguma coisa aqui nesse lugar, né?!” (Renata)

Todas as experiências de participação trouxeram desafios e aprendizados. Renata e Madalena relataram as dificuldades de lidar com as condôminas quando ocuparam a posição de síndica e subsíndica, respectivamente. Foi necessária muita paciência para aprender a ouvir tantas reclamações e definir como encaminhar soluções. Sobre isso, Madalena contou:

“Num lado foi muito bom, em um lado a gente enfrentou muitos problemas. Isso foi uma história muito marcante na minha vida e eu aprendi a ter mais paciência, porque eu não tinha paciência, não. E ali, nesses quatro anos dentro do condomínio eu aprendi a ter um pouquinho mais de paciência com a Renata, que é um poço [ênfaticamente a palavra] de paciência.” (Madalena)

Perguntei à Madalena se ela já havia participado de associação de moradores ou alguma outra organização representativa e ela disse que não, que a experiência de subsíndica havia sido a primeira vez. E, embora tenha sido muito marcante, ela não deseja repetir:

“Agora, é o projeto, né?! Não tem tempo mais pra lidar com condomínio, não.” (Madalena), disse Madalena referindo-se ao projeto “Artes Bassoli” que realiza junto à Renata e Lindineide.

Sobre as atividades propostas pelo projeto Escola de Transformação, Madalena comentou que participou de poucas:

“Eu pouco participei dos mutirões. Foi a época que eu já não tava muito bem, mas eu participei em fazer comida, participei em fazer as pipocas, os bolos, umas bacionas... Foi muito bom. Mas, assim, dos mutirões mesmo pra ajudar a trabalhar eu não ajudei muito, não. Mas eu estive em algum lugar olhando o pessoal trabalhar. Foi muito bom. Pra mim foi muito ótimo, ter ajudado na comida, fazer pipoca pras crianças, fazer bolo.” (Madalena)

Ao ouvir a fala de Madalena, Lindineide retruca: “Participou, não deixa de participar, né?!” e Madalena responde: “É, participei dessa forma.” Após a transcrição da roda de conversa com Lindineide, Madalena e Renata, percebi que não investiguei com mais profundidade o que era participação para as moradoras. Visto que havia ficado esse debate sobre a forma de participar de uma e outra pessoa, resolvi tentar abordar o tema novamente. Em nova conversa com elas, na data em que levei a transcrição da primeira entrevista impressa para elas lerem e sinalizarem se poderia seguir com o conteúdo na íntegra ou queriam alguma alteração, conversei novamente com Madalena e questionei o que era participação comunitária para ela. A resposta foi: “Quando a Escola de Transformação esteve aqui, reformando as quadras e as praças, vi a participação comunitária e fiquei muito feliz, vendo as pessoas ajudarem e descobrirem os seus talentos.” (Madalena)

Das diversas atividades realizadas durante a Escola de Transformação, os mutirões nas áreas de lazer são as mais citadas pelas moradoras. Fabiana comentou:

“Nossa, depois que o mutirão da praça aconteceu aquilo me motivou a fazer muito mais. Não é só ali que precisa, tem outros lugares, tem outras coisas para se fazer. Então a gente pensa assim: ‘nossa, aquele lugar está tão abandonado’ se a gente ficar esperando pelo pelo órgão público, a prefeitura vir fazer, só que eles vão fazer de qualquer jeito, então é melhor a gente ir lá fazer. Ai vai, publica lá no grupo, vê quem tá disponível para poder ajudar e tal, sempre tem alguém disponível. ‘Então, vamos fazer?’, ‘Vamos fazer!’” É legal isso, né?! Essa parte de que não tem só você que olha daquele jeito, tem muito mais gente que vê do mesmo jeito que você. E gosta do lugar que mora e quer ver diferente.” (Fabiana)

Um ponto importante de destacar nessa fala de Fabiana é a confirmação de que ela não está sozinha: “tem muito mais gente que vê do mesmo jeito que você. E gosta do lugar que mora e quer ver diferente”, ela diz. A experiência de participar do mutirão permite às

moradoras se reconhecerem como parte de um coletivo de pessoas que desejam agir para melhorar o bairro. Questionei Fabiana sobre o que ficou dos mutirões, quais as memórias que ela tem daqueles momentos. Ela respondeu:

“Nossa, aquele dia foi muito gostoso. Ver quanta gente que juntou para ajudar, quanta gente que apareceu com doação para ajudar de qualquer maneira. A amizade que ficou daquele dia, tem muita gente que eu conheci naquele dia. Depois daquele dia que eu comecei a participar mais das coisas aqui no bairro. Depois desse dia também que eu comecei a ver que as pessoas da região, Valença e Jardim Maracanã, começaram a ver as publicações do que foi feito aqui no Bassoli e começaram fazer nas regiões deles também. Lugares que eram completamente abandonados se juntavam, ah uma pessoa tem a máquina de cortar outra pessoa tem rastelo, martelo, tem não sei o quê, vamos arrumar pneu e começaram a fazer. O Marcão fez lá no Rossin o bosque dos pneus. Foi a partir desse mutirão aqui que começaram a ter intenção de fazer melhorias lá, não esperar pela prefeitura. Aqui foi o Instituto Elos, uma união entre os moradores, comerciantes e tal com a intenção de melhorar o lugar que a gente morava. Lá não foi uma ação de instituto nem nada, foi uma coisa deles mesmo. Eu achei isso super legal, foi a partir daqui. Lá no Maracanã foi e no Bosque do Rossin também foi.” (Fabiana)

Fica marcada na fala de Fabiana a importância “daquele dia”, do final de semana de mutirão no qual moradoras se reuniram para transformar a praça: limpar, pintar, plantar etc. A ação na área de lazer do Jardim Bassoli inspirou pessoas de outros bairros a agirem nos seus locais, segundo Fabiana. É fundamental destacar o reconhecimento de Fabiana sobre a ação dos outros bairros ser uma iniciativa das próprias moradoras: “lá não foi uma ação de instituto, nem nada”, ela ressalta.

A ação no Jardim Bassoli foi uma inspiração para outros bairros e vice-versa. Segundo Renata, as visitas de inspiração, apresentadas no capítulo três, permitiam encontros e trocas entre moradoras de diferentes comunidades que estimulavam a participação, pois salientavam a importância de persistir e seguir agindo coletivamente na busca por transformações para o bairro. A moradora contou: “Todos os lugares que vocês levaram a gente, a gente viu que nenhum foi fácil, todos tiveram suas lutas, tiveram suas batalhas, até hoje tem os seus desafios.”

A importância de se colocar em ação, mesmo diante das adversidades, e o quanto a atitude de uma moradora estimula a outra também foi comentado por Renata:

“Por mais que a gente veja uma pessoa totalmente perdida, algum valor ela tem. Que nem aquela pessoa, por exemplo, ela só sabia beber, na hora que viu o pessoal mexendo na massa, ela foi lá fazer o quê? Mexer na massa, também. Ela foi ajudar a fazer alguma coisa. O Magrão mesmo eu olho pra ele assim e até hoje ele ajuda a cuidar de uma plantinha, ele ajuda a limpar a praça. Tem aquela nossa amiga ali, que sai varrendo, sai catando os lixos...” (Renata)

Renata não se recorda o nome da vizinha e eu pergunto se é Ivonete, ela confirma que sim e comenta: “Aí, sabe [suspirando]. Então a gente vê essas pessoas querendo lutar pelo bairro, sabe?”. Ainda sobre os mutirões, Lindineide disse:

“Então, os mutirões foram interessantes. Eu tava em casa fazendo almoço e de repente bateu na minha porta uma senhorinha de cabelo curtinho, não lembro o nome dela, uma senhorinha de cabelo grisalho que tava com uma outra mocinha: ‘oi, a gente é do Instituto Elos’, eu: ‘ahm?’, tipo [encena uma careta de dúvida e dá risada], eu: ‘quem é Instituto Elos?’, elas começaram a explicar a história: ‘a gente veio aqui bater na sua porta, convidar você para participar dos mutirões que vai ter aí’. Até então eu não sabia o que era mutirão, a palavra mutirão, aí eu falei: ‘mas mutirão e vai fazer o que?’. ‘a gente tá chamando os moradores aqui da comunidade para participar, pra gente fazer uma melhoria no bairro, né, na comunidade.’ Aí eu falei: ‘ô, se é melhoria tá comigo! Pode deixar que vou acabar de almoçar e descer pra participar’. Aí eu descí. Aí começou. Foi muito importante esses mutirões, porque a quadra era só uma quadra, simplesmente uma quadra, ao redor cheio de mato e sujeira, só via isso. Aí agora, depois dos mutirões mudou bastante. Você vê: tem planta plantada. Claro que não tá igual a quando fez, não vai ficar mesmo, porque aqui tem esse monte de criança. Tem que ter uma pessoa pra conversar com essas crianças e fazer com que as coisas fiquem. Tinha crianças participando, ajudando nesse mutirão, foi muito bom. E elas viram, viram a mudança, a diferença, né?!” (Lindineide)

A moradora relata desde o convite para participar do mutirão até o impacto que a ação deixou no local. Ela recorda que estava preparando o almoço e se diverte ao contar sua animação em fazer parte de algo que é para a melhoria do bairro. Lindineide reforça a importância da participação das crianças no mutirão: “elas viram a mudança”, disse a moradora. Ela reforçou que os mutirões são como sementinhas plantadas para que as crianças cuidem do que foi construído, segue dizendo:

“Seria muito legal se tivesse esses mutirões com mais frequência. Porque é uma sementinha que a gente vai plantando nas crianças, que elas vão vendo porque nasce criança todo dia, né?! Então, eu acredito que esses mutirões sejam o que, a gente tá plantando a sementinha pra eles cuidarem. Dar valor ao bairro onde você mora. Não é bonito ver as árvores plantadas, a praça limpa? Então, eu acho que foi muito importante pra mim esses mutirões. Essa praça aqui [referindo-se à praça da entrada do bairro] era o maior lixão, só tinha lixo. Graças a Deus que vieram pra cá esses mutirão e fez essas mudanças que agora ó a diferença! A gente vê tudo quanto é criança, adolescentes, brincando, inclusive até o próprio PROGEN traz as crianças pra aqui, pra ficar no parque, que a gente não tinha.” (Lindineide)

Lindineide contou que sempre foi bastante participativa nas atividades que aconteciam no bairro. Ela disse:

“Eu participava de várias coisas aqui dentro, quando acontecia. A zumba no dia de sábado. Várias vezes eu já participei dessas aulas. Já participei do cinema na quadra que o Marcelo fazia. Participava da ginástica que tinha no ginásio aqui perto, um grupo que se chama Viva Feliz. Aqui ainda é muito carente de coisas para os

moradores participarem. Eu sinto falta de ter mais atividades. Eu participava do PROGEN, também, fazendo artesanatos. Mas eles estão muito sobrecarregados, acho que deviam ter mais espaços para a gente participar. Para os adultos e para as crianças juntos.” (Lindineide)

Em 27 de abril de 2017, foi realizada uma reunião comunitária⁶⁴ com lideranças e síndicas dos condomínios do Jardim Bassoli para apresentar o projeto Escola de Transformação. Sobre esse dia, Renata comentou:

“O que me marcou muito foi que você disse pra gente assim: ‘ninguém é rico que não pode doar, precisar de alguma coisa, e também não é tão pobre que não possa receber, doar alguma coisa’⁶⁵. Isso ficou muito forte. Eu tinha muita vergonha de dançar, então você fez a gente dançar, a dança da alma, né?! Aquela música ficou marcada na nossa cabeça por muito tempo. Os abraços, a celebração, que a gente sempre fazia quando terminava algo ali. Não pude participar de tudo porque eu trabalhava muito, mas agora a gente passou esse tempo. A gente conseguiu escrever o edital com vocês, que a gente sabe que sem a ajuda de vocês a gente não conseguiria. Aí uniu essa força, conheci a Lindi naquele projeto que vocês trouxeram lá do Caiçara [Crique Caiçara]. Daí eu conheci a Lindi e a Maria, a gente começou a pegar afinidade naquele lugar também. A gente participou daquela oficina e criou mais um vínculo ali dentro.” (Renata)

Renata utiliza “pegar afinidade” como sinônimo de “criar vínculo”, o que foi possível graças à participação dela e das demais mulheres do grupo Artes Bassoli na oficina de artesanato realizada em parceria com o coletivo Crique Caiçara em agosto de 2017.

Uma fala que é comum no depoimento de todas as moradoras é “eu gosto daqui”. Mesmo com as dificuldades de viver no bairro, elas afirmam que gostam de morar no local. Abaixo, o depoimento de Lindineide sobre isso:

“Eu vejo muitas pessoas contar histórias: uns gostam daqui, outros não: ‘Ah, deixei minha casa, onde eu tinha galinha’, ‘eu tive que deixar minha casa, porque eu criava galinha, eu criava animais, tinha meu cachorro, minha casa era grande, tinha três, quatro... quartos, cômodos, era espaçoso’. Então, a gente vê essas histórias, as pessoas estão muito tristes de ter vindo pra cá. ‘Não foi aqui que eu escolhi pra vir, mas eu tive que vir. Eu não gosto daqui.’ Tem muita gente que fala que não gosta. Eu gosto daqui. Tem realmente essas dificuldades da distância que eu vejo que realmente é bem puxado pelo horário que tem que sair daqui pra chegar até o serviço. Mas eu gosto daqui. Tem coisas que acontecem, igual acontece em qualquer outro bairro, mas eu gosto daqui, eu gostei de ter conhecido as pessoas, eu gosto de me comunicar com as pessoas daqui, eu gosto de conversar, eu convido eles, as mulheres principalmente, pra vir conhecer nosso projeto aqui que é muito interessante pra comunidade, a gente quer que as pessoas venham aqui, conversem com a gente, pra sair um pouco desse apartamento, principalmente essas pessoas que

⁶⁴Esta reunião está descrita com detalhes no capítulo três.

⁶⁵A frase que disse foi: “ninguém é tão rico que não possa receber, nem tão pobre que não possa doar”. Fizemos um círculo de mãos dadas no qual reconhecemos as potencialidades de cada uma das pessoas presentes e a força do coletivo, da união dessas pessoas.

não gostam, porque eu sei que não é fácil pra eles ter que deixar o espaço que eles tinham pra vir pra cá, pra essa distância, deixaram parentes lá do outro lado.”
(Lindineide)

Fabiana relatou situações em que debateu com pessoas que não residem no bairro e falam mal e concluiu com a seguinte frase: “Tem coisas para se melhorar [no Jardim Bassoli], que a gente mesmo pode melhorar. Enfim, comecei a gostar daqui e me apaixonar pelo lugar”.
(Fabiana).

Perguntei a Renata se aconteceram e quais foram as mudanças que aconteceram no bairro que a fizeram gostar de morar no residencial, ela respondeu:

“Primeiro: a chegada da Escola de Transformação. Segundo: a visita aos outros projetos, sabendo que a gente pode mudar, transformar as coisas e junto com a comunidade a gente pode transformar muito mais. Isso foi muito forte o que vocês deixaram aqui: ‘vamos sonhar e juntos realizar’”

Neste capítulo foram apresentados os depoimentos das moradoras sobre as atividades coletivas que realizam no bairro. A oportunidade de participar da maneira que é possível para cada uma delas, seja preparando comida, plantando, pintando etc, aliada à concretude de perceber que não estão sozinhas nessa jornada, que outras vizinhas se somaram às ações, são elementos fundamentais para a continuidade das ações comunitárias. É possível notar ainda que conhecer outras comunidades que também estão em processo de desenvolvimento, realizando ações e projetos, foi um estímulo para permanecer sonhando e realizando, como diz Renata, no Jardim Bassoli.

CAPÍTULO 7 - “UM OUTRO LUGAR QUE A GENTE PODE HABITAR ALÉM DESSA TERRA DURA: O LUGAR DO SONHO.”⁶⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O primeiro ponto a ser discutido neste capítulo final diz respeito às ponderações que precisam ser feitas em relação ao PMCMV, considerando os impactos psicossociais apresentados nesse texto e, ao mesmo tempo, o fato de que o programa foi a estratégia habitacional implantada a nível federal que mais garantiu acesso à moradia à classe trabalhadora de baixa renda. Não quero que esse trabalho corra o risco de ser utilizado por aquelas pessoas que criticam a política pública de habitação e defendem a completa privatização dos programas destinados à moradia, efetivando, de fato, a moradia como mercadoria, e não direito.

Na modalidade Entidades do PMCMV, movimentos de moradia assumem o papel de executores, realizando todo o processo de planejamento junto às famílias, acompanhamento da construção etc. O PMCMV Entidades é voltado

exclusivamente à Faixa 1 (para famílias com renda de até 1.600 reais), procura se diferenciar da produção empresarial apoiando-se na tradição da produção habitacional autogestionária empreendida, particularmente no fim dos anos de 1980 e ao longo dos 90, por organizações comunitárias e movimentos populares em alguns lugares do país, e que preconiza a participação dos futuros moradores em todo o processo de conquista e construção da moradia: os contratos são feitos com entidades populares (associações, cooperativas, sindicatos), que organizam e indicam integralmente as famílias beneficiárias e podem administrar as obras diretamente, em regime de produção com autogestão, com trabalho em mutirão ou não, ou contratar construtoras para executá-las por ‘empreitada global’. (AMORE et al, 2014, p. 295)

Isso é participação no âmbito da luta pelo direito à moradia, desde o sonho da casa própria até sua realização. Este tipo de experiência, também oportunizada pelo PMCMV, torna explícito que, apesar da série de erros que o programa cometeu, o próprio PMCMV ofereceu caminhos para atuar na contramão desses equívocos. Valorizar e dar destaque a esse aspecto é muito importante. Outro aspecto fundamental é que a gestão do programa é descentralizada e envolve a participação decisiva do nível municipal, e foi, neste âmbito, muitas vezes, que as decisões mais equivocadas foram tomadas, como priorizar o potencial lucro para empresas e políticos envolvidos com a construção e questões urbanas. Não vou me

⁶⁶Trecho do livro “Ideias para adiar o fim do mundo” (2019) de Ailton Krenak. O autor é indígena do povo Krenak, que habita a região do vale do rio Doce (MG). Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, recebeu o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2016.

estender nesta discussão - a bibliografia apresentada ao longo dos capítulos quatro e cinco sobre o PMCMV esmiúça detalhadamente diversos aspectos e oferece referências sobre o tema. Aqui, pretendo deixar nítido que não compactuo de forma alguma com a extinção de uma política pública de habitação a nível federal, sob gestão do Estado. Infelizmente, o governo federal instituiu através da Medida Provisória (MP) 996/2020⁶⁷, em agosto de 2020, o Programa Habitacional Casa Verde e Amarela. Dentre as principais críticas ao novo programa apontadas por urbanistas e profissionais que atuam com direito à moradia e direito à cidade⁶⁸, está a ausência de menção ao que era o PMCMV Entidades. Ainda que esta modalidade não tenha sido oficialmente descontinuada, não há previsão de novas contratações até 2024.

Este trabalho não se dedicou à dimensão da participação no PMCMV Entidades, pois estava atrelado a minha experiência pessoal/profissional em um residencial do programa que não foi construído através desta modalidade, conforme explicitado no capítulo dois. A participação apresentada nos capítulos anteriores se deu no âmbito de atividades coletivas nas áreas de lazer do residencial, após a chegada das moradoras ao local. A partir das experiências de participação coletiva, foram destacados alguns aprendizados pelas moradoras. Os ensinamentos vivenciados na ação comunitária, que parecem contribuir para o enraizamento, serão discutidos a seguir destacando as atividades que contribuíram para o desenvolvimento destes saberes.

SÍNDICA E SUBSÍNDICA

As atividades decorrentes desses papéis, tais como participação em reuniões com parcerias (órgãos públicos e privados), escuta das moradoras, ações de limpeza e embelezamento dos condomínios etc. permitiram às pessoas exercendo essas funções aprenderem a importância do diálogo, da paciência e da persistência. Oportunizaram ainda a certeza de não estarem sozinhas, a experiência de terem um grupo de apoio. Fabiana lembra dos pedidos para que ela assumisse o cargo de síndica, que foi aceito sob uma condição: que as pessoas que fizeram esse pedido garantissem apoio a ela, "dessem sua palavra" em relação a isso. Ser síndica e subsíndica foi uma oportunidade de vivenciar situações concretas em que

⁶⁷Disponível em: <<https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/144365>> Acesso em: 26 de jul. de 2021.

⁶⁸ O Observatório das Metrópoles elencou uma série de problemas do novo programa habitacional proposto pela presidência. Disponível em: <<https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/casa-verde-e-amarela-pontos-criticos-do-novo-programa-habitacional-do-governo-federal/>>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

era fundamental priorizar o interesse da coletividade em detrimento do individual, zelar pelo patrimônio coletivo, como por exemplo as áreas de lazer do condomínio e do residencial.

Essas experiências dialogam com o sentido de comunidade como espaço de convívio, abarcando conflitos e interesses distintos que são colocados em jogo nas relações de vizinhança, reguladas por combinados implícitos e explícitos, definidos pelas pessoas que convivem no condomínio e estão dispostas a contribuir para a elaboração e cumprimentos das regras de convivência. Dessa forma, a participação oportunizada pelo desempenho de papéis como o de síndica e subsíndica, por exemplo, estimula o enraizamento, pois pressupõe o engajamento ativo em uma coletividade.

ESCOLA DE TRANSFORMAÇÃO

As principais atividades realizadas pelo projeto Escola de Transformação destacadas pelas moradoras foram os mutirões nas áreas de lazer, as visitas de inspiração, as oficinas de elaboração de projetos e os encontros de sonhos para o futuro do residencial. Esses momentos oportunizaram o reconhecimento das potencialidades do território a partir dos encontros comunitários e incentivaram conversas significativas entre as moradoras. Um dos principais objetivos dos encontros era estimular a fala e a escuta entre as próprias moradoras para que uma reconhecesse na outra a sua própria história, para que pudessem perceber o que têm em comum, valorizar suas trajetórias individuais e reconhecer a importância da contribuição de cada uma para o coletivo.

Uma característica marcante das atividades propostas pela Escola de Transformação é o convite para a ação. Além dos momentos de diálogo, proporcionando espaços de fala e escuta, houveram diversas oportunidades de atuação prática. Os mutirões, por exemplo, pressupõem um agir coletivo: a pintura dos muros, o plantio de árvores e folhagens, a fixação de bancos e outros mobiliários na praça, a pintura do chão da quadra de esportes etc. Esses e tantos outros fazeres partilhados pelas moradoras durante os mutirões permitiram a construção e fortalecimento de laços de solidariedade. Reconhecer o esforço da vizinha em regar as plantas diariamente, valorizar a dedicação de quem, por não poder fazer esforço físico, contribuiu com o preparo do almoço comunitário ou com o oferecimento de água fresca para quem estava no trabalho pesado são elementos fundamentais para que vínculos solidários se estabeleçam. Reconhecer e valorizar a importância do que é coletivo, em detrimento de interesses individuais. Essas ações parecem encorajar o enraizamento, pois faz sentido lutar por um bairro no qual vivem outras pessoas que também sonham e estão dispostas a se colocar em ação para fazê-lo um lugar melhor, dizem as moradoras.

O apoio a projetos e iniciativas das próprias moradoras estimulou a partilha de conhecimentos, habilidades e talentos entre as pessoas que vivem no residencial. As atividades com pessoas externas ao território buscavam fortalecer o que era intrínseco ao Jardim Bassoli, valorizando os saberes e fazeres locais. Essa prática não tem a ver com estimular uma separação ou ruptura com o resto da cidade, mas objetiva transgredir a visão de que periferia não tem talento, de que na comunidade só tem bandido e problema. Valorizar todas as belezas e potenciais do residencial Jardim Bassoli é subverter o paradigma de escassez através do qual a periferia é (in)compreendida, tratada e representada. Construir um novo olhar para o bairro, como reforça Fabiana em diversos momentos no seu relato, contribui para o enraizamento, uma vez que, segundo os depoimentos das entrevistadas, elas passam a gostar mais do bairro com o tempo e a partir das vivências coletivas que as permitem agir para a melhoria da comunidade. Nesse sentido, ainda, a mesma moradora destaca que foi a partir dos mutirões realizados no Jardim Bassoli que residentes de bairros vizinhos passaram a se mobilizar para realizarem mutirões nos espaços públicos de suas regiões. A ação coletiva realizada no Jardim Bassoli não só motivou as moradoras do próprio residencial, como também inspirou ações coletivas em outros locais.

Outro ponto trazido pelas moradoras foram as visitas de inspiração, momentos de conhecer e trocar experiências com outras comunidades que estão em processo de desenvolvimento, compreendendo comunidades em desenvolvimento como bairros onde existem grupos organizados de moradoras planejando e realizando ações coletivas para melhoria do local. A oportunidade de conhecer essas histórias, reconhecer no desafio vivenciado em outro território as dificuldades enfrentadas no cotidiano do residencial permitiram às moradoras do Jardim Bassoli perceber que, apesar de difícil, é possível transformar a comunidade, e que ampliar os laços de solidariedade para além dos muros dos condomínios é uma estratégia importante. A rede de coletivos citada por Marcelo é um exemplo da importância de conhecer e se relacionar com outras comunidades, no sentido de fortalecer a resistência e ampliar o alcance das vozes que clamam por direitos.

Através da participação nas diversas atividades propostas durante a Escola de Transformação, as moradoras relataram se sentirem parte da mudança do bairro. Disseram ainda que as reverberações de participarem das ações mudaram a forma como elas são vistas e reconhecidas na comunidade, pois percebem que suas vozes são consideradas. Elas se sentem ouvidas. Outro ponto trazido pelas moradoras em relação à participação nas atividades está relacionado com a possibilidade de poder fazer parte das ações considerando suas habilidades e limitações - cada pessoa oferece o que pode e toda contribuição espontânea é bem-vinda.

EPISÓDIOS DE HUMILHAÇÃO SOCIAL

A perspectiva de comunidade enquanto espaço para elaboração de sofrimentos políticos é fundamental para compreender a relação entre os episódios de humilhação social vivenciados pelas moradoras e o engajamento delas na luta por melhorias para o residencial. Ao ouvirem pessoas, estranhas ou familiares, falando mal da comunidade, chamando o residencial de lugar de gente ruim, as moradoras direcionam sua indignação frente a esse preconceito para a transformação do bairro, de forma que as pessoas que criticam o local possam reconhecer os aspectos positivos que existem ali.

A forma como o residencial é representado na mídia, a partir de notícias nas páginas policiais, em sua grande maioria, também é uma forma de rebaixamento para as moradoras, pois reforça o preconceito contra o Jardim Bassoli, enfatizando apreensões de armas e drogas, por exemplo, realizadas no residencial. A violência policial presenciada pelas moradoras também é uma forma de humilhação social. É a expressão enfática do abuso de poder e da exibição de força. A ação truculenta de “ir pra cima de todo mundo”, como Renata relatou que a polícia fez em determinada ocasião, é uma estratégia de coerção que intimida, oprime e poderia causar nas moradoras o desejo de deixar o local, de morar em um bairro com menos violência. Porém, a partir das diversas atividades nas quais as moradoras se engajam, percebem a oportunidade de melhorar o bairro e transformar o local para que a visão das pessoas de fora do bairro e, talvez, da própria polícia, sobre o residencial seja transformada e elas possam ver no Jardim Bassoli todas as belezas, potencialidades e sonhos que as moradoras enxergam.

É importante destacar que nas experiências de humilhação social relatadas pelas moradoras existe uma figura opressora, embora as depoentes não nomeiem dessa forma. No episódio relatado por Marcelo, as colegas de cursinho que riem quando ele fala que mora no Jardim Bassoli operam a opressão. No relato de Fabiana sobre o momento em que estava no ônibus e ouviu desconhecidas falando mal do residencial, essas mulheres agem de forma opressiva. No relato de Renata, é possível apreender tanto a polícia como a mídia local como figuras de opressão. Reconhecer as relações opressoras é um passo importante para o desenvolvimento de estratégias coletivas de enfrentamento a essas violências. Fabiana deixa explícito em seu depoimento que foram situações como a vivenciada no ônibus que a fizeram perceber que “isso de falar mal do residencial sem conhecê-lo não ‘tava’ certo”, que era necessário fazer algo para transformar a visão negativa que as pessoas têm do Jardim Bassoli(e de quem vive no local). A partir disso, ela se engaja nos mutirões e nas ações coletivas.

Ainda a título de conclusão, quero trazer alguns elementos desenraizantes e enraizantes observados por Simone Weil em sua experiência na fábrica que podem ser compreendidos na perspectiva das moradoras do Jardim Bassoli a partir das suas experiências de serem removidas de suas antigas moradias, levadas ao Jardim Bassoli e terem de recomeçar suas jornadas de vida. Três sentimentos presentes no cotidiano das operárias nas fábricas são cansaço, sujeição e medo e estão relacionados com o desenraizamento.

CANSAÇO

Uma das principais dificuldades trazidas pelas moradoras para adaptarem-se à nova moradia está relacionada com a distância entre o residencial e os demais espaços da cidade, especialmente os locais de trabalho e a antiga moradia onde ainda estão laços de vizinhança e familiares. Na sua experiência na fábrica, Simone Weil vivenciou a dificuldade de ter que voltar para casa no transporte público lotado depois de um dia exaustivo no trabalho, ela diz:

“Homens vigorosos, na força da idade, adormecem de cansaço no banco do metrô. Não depois de um dia de trabalho ‘quente’, mas depois de um dia de trabalho normal. Um dia como virá outro no dia seguinte, e outro, sempre. Descendo a rampa do metrô, ao sair da fábrica, vem uma angústia assaltar o pensamento: será que vou encontrar um lugar sentado? Seria muito duro ter de ficar de pé. Mas é comum viajar de pé.” (WEIL, 1979, p. 103)

O cansaço de ter que viajar em pé no metrô, ou ônibus no caso das moradoras do Jardim Bassoli, depois de uma jornada extenuante de trabalho é um elemento desenraizante, um fator que pode causar o desejo de ir embora do residencial, mudar-se para um lugar mais próximo do trabalho, por exemplo. E, de fato, pelos depoimentos que ouvi durante o período em que estive atuando no Jardim Bassoli, e em outros residenciais do PMCMV, é alto o número de famílias que, após poucos anos da entrega do apartamento, voltam a morar na antiga residência e alugam o apartamento para outra pessoa. A antiga moradia ficava mais próxima do trabalho e o acesso a serviços públicos era menos difícil. É preferível morar em um local de fácil acesso, muitas vezes em condições precárias, do que morar em um apartamento razoavelmente bem construído, mas que demanda deslocamento cotidiano exaustivo para que atividades básicas do dia-a-dia, como o trabalho, possam acontecer.

SUJEIÇÃO

O relato das moradoras sobre a chegada da COHAB e o aviso de que iriam ser removidas para outra região, o Jardim Bassoli, é marcado pelo susto, pela surpresa negativa

de que teriam que deixar suas moradias. Segundo as depoentes, o anúncio de que serão contempladas com um apartamento através de uma política pública federal de habitação não é dado de forma amistosa. É um aviso que se converte em ordem, pois a outra opção, caso elas decidam não sair, é assistir os tratores destruindo suas casas, como relata Fabiana.

O ditado popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo” exemplifica a percepção de Simone Weil sobre o impacto de somente receber ordens e ter o dever de executá-las sem a mínima possibilidade de questionar ou participar da tomada de decisões. Nas palavras da filósofa: “Nunca fazer nada, por menos que seja, que se constitua numa iniciativa. Cada gesto é, simplesmente, a execução de uma ordem.” (Ibid., p. 104)

Não é possível questionar a ordem da COHAB de saírem da moradia, assim como o operariado não pode questionar quem manda na fábrica. O sentimento de estar sujeita às ordens que vem de cima, que são alheias à sua própria vontade, é compartilhado pelas operárias e pelas moradoras do Jardim Bassoli.

MEDO

Quem são as 2380 famílias que foram removidas de seus locais de origem para o Jardim Bassoli? Quem se interessa por suas histórias, por suas vidas? Considerando que o projeto inicial do residencial contemplaria 790 famílias, mas foi alterado para mais do que o dobro desse número, é possível inferir que atingir a meta de construção de moradias para diminuir o déficit habitacional foi mais importante do que garantir qualidade de vida para as pessoas que viriam habitar o residencial. Manifesta-se um exemplo de reificação: a transformação de dramas humanos em números.

Em seu relato, Simone Weil fala sobre os diversos medos presentes no cotidiano na fábrica: não produzir na velocidade necessária, estragar peças ou quebrar ferramentas, fazer algo errado e ouvir bronca do patrão, fazer alguma queixa e arriscar-se à demissão etc. Ela faz uma metáfora entre uma pessoa que nada até a morte sem que apareça qualquer barca que a recolha e a operária na fábrica produzindo, produzindo, produzindo. Ela conta:

“São raros os momentos do dia em que o coração não está um pouco comprimido por alguma angústia. De manhã, a angústia do dia a se viver. [...] Se a gente se afunda lentamente, se soçobra, ninguém no mundo dará por isso. O que é que a gente é? Uma unidade na força de trabalho. A gente não conta. Mal existe.” (Ibid., p. 103 e 104)

As moradoras vivenciam o medo de chegarem atrasadas nos seus trabalhos e levarem bronca, dificuldade ocasionada pelo local onde foi construído o residencial, distante 23 km do

centro da cidade, e pela insuficiência de transporte público. Experienciam o medo de retornar ao residencial, após mais um dia de trabalho, tarde da noite, sem a luz do dia e sem iluminação pública, tornando o trajeto entre o ponto de ônibus e a moradia um caminho onde se sentem vulneráveis. Medo de perder o emprego e não conseguir pagar as prestações da moradia, medo de não ter vaga na creche, não ter com quem deixar as crianças e precisar parar de fazer as faxinas semanais que garantiam um pouco de tranquilidade financeira para a família. Os exemplos que trago aqui, ilustrando o elemento medo, não foram relatados pelas entrevistadas, mas por diversas moradoras com quem tive contato ao longo do projeto Escola de Transformação.

ALEGRIA

Assim como Simone Weil descreveu cenas de medo, sujeição e cansaço, a autora também experienciou um momento muito especial em sua vivência como operária. Ela narra sua visita à fábrica ocupada durante uma greve:

“Alegria de viver entre estas máquinas mudas no ritmo da vida humana - o ritmo que corresponde à respiração, às batidas do coração, aos movimentos naturais - e não na cadência imposta pelo cronometrista. É claro que esta vida dura vai recomeçar em alguns dias. Mas ninguém pensa nisso, como os soldados de licença durante a guerra. Além do que, aconteça o que acontecer depois, sempre houve isto, agora. Finalmente, pela primeira vez, e para sempre, haverá em torno destas máquinas pesadas outras lembranças flutuando, e não só as do silêncio, da opressão, da submissão. Lembranças que põem um pouco de orgulho no coração, que deixarão um pouco de calor humano em cima de todo esse metal.” (Ibid., p. 106)

A alegria de conviver, de partilhar momentos prazerosos, fica marcada na memória. Mesmo que seja uma experiência curta, nada é capaz de apagar essas lembranças. Por mais difícil que seja o futuro, a recordação desse momento de prazer coletivo vivenciado pelas operárias guiará suas ações e nutrirá suas esperanças. Alegria semelhante foi vivenciada pelas moradoras do Jardim Bassoli durante os mutirões e outras atividades coletivas. Elas puderam se reconhecer enquanto potência, valorizar suas habilidades. Elas descobriram no Jardim Bassoli um solo fértil para a realização de sonhos. Elas perceberam que nessa terra, muito árida à princípio, existe muito chão para a semeadura e para os frutos.

O bordão repetido insistentemente em diversos encontros comunitários “a união faz a força” não é só fala, é ação, e é coletiva. A transformação do residencial Jardim Bassoli em uma comunidade enquanto condição ética de convivência, espaço para elaboração de sofrimentos políticos e horizonte utópico de transformação social (mesmo que a partir de diversos graus de consciência política) se deu a partir da participação das moradoras nas ações

coletivas, quando elas decidiram enraizar-se nesse local e lutar por fazer dele o melhor lugar para se viver, não somente para elas, mas para todas pessoas que vivem lá.

SOZINHA ANDO BEM, MAS COM VOCÊ ANDO MELHOR

Buscar o horizonte é uma das práticas que nos trouxe até aqui enquanto humanidade, pois foi assim que expandimos nossos territórios, nossas formas de alimentação, aprendemos novas técnicas construtivas. Para além da sobrevivência, o horizonte nos oferta possibilidades. É nele, como dizia Eduardo Galeano, que está a utopia: “Ela está no horizonte. [...] Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.” (GALEANO, 2001, p. 230, tradução livre)

A expansão de horizonte das mulheres do Jardim Bassoli nutre a elas mesmas e muitas pessoas mais. Nutre e fortalece a transformação em pessoas que podem nem chegar a conhecê-las, mas que podem mudar seus rumos ao serem inspiradas pelo seu exemplo e suas ações.

Chegando ao final desta dissertação, reconheço que muito caminhei. Posso não estar mais perto da utopia, mas sei que estou melhor acompanhada. Um hino feminista muito conhecido e cantado em manifestações Brasil afora diz “companheira, me ajude, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor”. Hoje sei que ando melhor junto às mulheres do Bassoli, e elas umas com as outras. São relações como essa que alimentam a vida e a sede de transformação social, e também nos transformam individualmente.

Das muitas alegrias que esse período de intensa convivência me trouxe, há o reencontro com o bordado e a possibilidade de usar essa paixão também como ferramenta de conexão (comigo e com outras pessoas) e de luta. Este projeto de pesquisa teve outros frutos materiais além da dissertação. Produzi três bordados a partir de imagens do Jardim Bassoli, fotografias de atividades realizadas no residencial, durante o projeto Escola de Transformação e pelo Coletivo Bassoli dos Nossos Sonhos. Junto às imagens, inseri trechos de depoimentos coletados durante as entrevistas. As três obras foram inscritas no Concurso Cultural Nascente⁶⁹, sob o título “Bordar Afetos”. Os bordados podem ser conferidos no Apêndice 4.

Que sigamos bordando afetos e caminhando juntas rumo ao horizonte.

⁶⁹ Criado em 1990, o Nascente USP é uma relevante iniciativa de fomento à cultura desenvolvida pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP. Tradicionalmente, o concurso tem se destinado a estimular, identificar e distinguir o fazer artístico no âmbito da Universidade por meio de um concurso aberto aos estudantes da USP. Disponível em: <<https://prceu.usp.br/nascente/>> Acesso em: 21 de ago. 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Alexandre Fernandes Alessio. **Diálogos entre saber técnico e vivência territorial – investigando práticas colaborativas para formação de comunidades**. 2018. 216p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Urbanismo) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2018.
- AMORE, Caio Santo. “Minha Casa Minha Vida” para iniciantes. *In*: AMORE, Caio Santo; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz. (org). **Minha casa e a cidade?: avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BRASIL, **Plano Nacional de Habitação**. Versão para debates Brasília: Ministério das Cidades/ Secretaria Nacional de Habitação, Primeira impressão: Maio de 2010, 212 p.
- CAMPINAS, **Plano Diretor Estratégico**, Campinas: Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo, 2017.
- CARDOSO, Adauto Lúcio& ARAGÃO, Thêmis Amorim. Do fim do BNH ao Programa Minha Casa Minha Vida: 25 anos da política habitacional no Brasil *In*: CARDOSO, Adauto Lúcio. (org). **O programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.
- CARDOSO, Adauto Lúcio; ARAGÃO, Thêmis Amorim; JAENISCH & Samuel Thomas (org). **Vinte e dois anos de política habitacional no Brasil: da euforia à crise**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrópoles, 2017.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2016.
- CERQUEIRA, Daniel. & COELHO, Danilo Santa Cruz. **Democracia racial e homicídio de jovens negros na cidade partida**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2017.
- DA SILVA, Uvanderson Vitor. **Velhos Caminhos, Novos Destinos: Migrante nordestino na região metropolitana de São Paulo**. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- DEMACAMP& INSTITUTO PÓLIS, **Relatório I - Projeto DIST | Jardim Bassoli**, 2014.
- ENGELS, Friedrich. **Sobre a questão da moradia**. São Paulo: Boitempo, 2015.
- EUZÉBIOS, Antonio. O valor imensurável do direito à moradia. *In*: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia e Moradia: múltiplos olhares sobre a questão habitacional**. [online] CRP: São Paulo, 2019.

FEDERICI, Silvia. **Re-enchanting the World: Feminism and the Politics of the Commons**. Oakland: PM Press, 2019.

FERNANDÉZ, María Ángeles Calero. **Sexismo lingüístico: Analisis y propuestas ante la discriminación sexual en el lenguaje**. Madrid: Narcea, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREITAS, Maria de Fátima Quintal. Desafios éticos na prática em comunidade: (des)encontros entre a pesquisa e a intervenção. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del Rei, v.10, n.2, p. 242-253, 2015.

_____. Intervenção psicossocial e compromisso: desafios às políticas públicas. *In*: JACÓ-VILELA, Ana Maria, SATO, Leny (org), **Diálogos em psicologia social** (online). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.

_____. Psicologia Social Comunitária como politização da vida cotidiana: desafios à prática em comunidade. *In*: STELLA, Cláudia (org.) **Psicologia Comunitária: Contribuições teóricas, encontros e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2014.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Buenos Aires: Catálogos, 2001.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Humilhação Social – Um problema político em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v.9, n.2, p.11-67, 1998.

_____. Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante. *In*: BOCK, Ana Mercês Bahia. (Org.), **Psicologia e compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, Mariana Alves, & PORTUGAL, Francisco Teixeira. Análise histórica da psicologia social comunitária no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, v.28, n.3, p. 562-571, 2016.

GUARESCHI, Pedrinho. Relações comunitárias – Relações de dominação. *In*: CAMPOS, Regina Helena de Freitas Campos (org). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação - Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Cristina C. Oliveira. Itapevi: Nebli, 2016.

MARICATO, Ermínia; COLOSSO, Paolo. O duplo desafio para reverter as regressões no direito à cidade. *In*: **Relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos**. (Org.). Direitos Humanos no Brasil, São Paulo: Outras Expressões, 2019.

MARTIN-BARÓ, Ignácio. **Crítica e Libertação na Psicologia: Estudos Psicossociais**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MASSOLA, Gustavo Martineli; SVARTMAN, Bernardo Parodi. Enraizamento. In: Cavalcante, Sylvia. e Elali, Gleice. A. (org) **Psicologia Ambiental: Conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente**. São Paulo: Vozes, 2018.

_____. Enraizamento, tempo e participação na Psicologia Ambiental. **Estudos de Psicologia**. Natal. v.23, n.3, p. 293-305, 2018.

ROLNIK, Raquel. et al. O Programa Minha Casa Minha Vida nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas: aspectos socioespaciais e segregação. **Cadernos Metropolitanos**. São Paulo, v.17, n.33, p. 127-154, 2015.

ROYER, Luciana Oliveira. **Financeirização da Política Habitacional: Limites e Perspectivas**. São Paulo: Annablume, 2014.

RUFINO, Maria Beatriz Cruz. Um olhar sobre a produção do PMCMV a partir de eixos analíticos. In: AMORE, Caio Santo; SHIMBO, Lúcia Zanin; RUFINO, Maria Beatriz Cruz. (org). **Minha casa e a cidade?: avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: A apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas Campos (org). **Psicologia Social Comunitária: Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOBRINHA, Maria Dulce Bentes. et al. Minha Casa, Minha Vida na Região Metropolitana de Natal: inserção urbana, qualidade do projeto e seus efeitos na segregação socioespacial. In: AMORE, Caio Santo; SHIMBO, Lúcia Zanin & RUFINO, Maria Beatriz Cruz. (org). **Minha casa e a cidade?: avaliação do programa minha casa minha vida em seis estados brasileiros**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2015.

SVARTMAN, Bernardo Parodi. & GALEÃO-SILVA, Luís Guilherme. Comunidade e resistência à humilhação social: desafios para a psicologia social comunitária. **Revista Colombiana de Psicologia**. Bogotá. v.25, n.2, p. 331-349, 2016.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely, CASTRO, Mary Garcia, & MOUTINHO, Laura. (org). **Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero** [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 249-270.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

_____. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

WHITAKER, João Sette. O “problema” da falta de moradia no Brasil: estigma da pobreza e luta por dignidade. In: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia e Moradia: múltiplos olhares sobre a questão habitacional**. [online] CRP: São Paulo, 2019.

APÊNDICE 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA - JUNHO DE 2019

Apresentação

Você pode se apresentar? Conte-me sobre você, de onde você vem, a sua história até chegar aqui e agora.

A chegada

Como foi a chegada no residencial? Como era o dia-a-dia? Como você se sentia em relação a esse espaço? Como era sua relação com os vizinhos? Quais são os momentos mais marcantes para você?

Espaços / momentos de participação / construção do comum

(Laços de solidariedade, cooperação, coletividade / Uso e ocupação dos espaços públicos)

Quais foram as experiências coletivas que você viveu aqui no residencial? Como foram as atividades que você realizou junto com outros moradores? Quais são as memórias que você guarda desses momentos?

Como eram os espaços antes e depois dos mutirões? Como você vê a sua relação com esses espaços depois do mutirão? Como é a sua relação como residencial depois dos mutirões? Como você avalia os mutirões?

Residencial e segregação sócio-espacial

Como é a sua relação com as pessoas dos bairros vizinhos?

Quando você fala que mora no Jardim Bassoli como as pessoas reagem? Quais as diferenças e semelhanças entre o bairro que você vivia e o residencial?

ROTEIRO DE ENTREVISTA - OUTUBRO DE 2020

Apresentação

Você pode se apresentar? Conte-me sobre você, de onde você vem, a sua trajetória de vida até chegar aqui e agora.

A chegada

Você pode me contar sobre os primeiros momentos no residencial? Quais são suas memórias marcantes desse período?

Espaços / momentos de participação / Comunidade

Quais foram as experiências coletivas que você viveu aqui no residencial? Como foram as atividades que você realizou junto com outros moradores? Quais são as memórias que você guarda desses momentos?

Como eram os espaços antes e depois dos mutirões? Como você vê a sua relação com esses espaços depois do mutirão? Como é a sua relação como residencial depois dos mutirões? Como você avalia os mutirões? O que é comunidade para você?

Residencial e segregação sócio-espacial

Como é a sua relação com as pessoas dos bairros vizinhos?

Quando você fala que mora no Jardim Bassoli como as pessoas reagem? Quais as diferenças e semelhanças entre o bairro que você vivia e o residencial? Se pudesse apresentar o bairro a alguém que não o conheça, o que você diria?

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos a/o Sra./Sr. a participar da pesquisa “Enraizamento em Programa Minha Casa Minha Vida: A construção do Comum como resistência à segregação socioespacial”, desenvolvida pela mestrandia Clarissa Borges Müller e orientada pelo Prof. Dr. Bernardo ParodiSvartman no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP). O objetivo da pesquisa é investigar se as práticas coletivas de apropriação dos espaços coletivos (como mutirões, por exemplo) apóiam na construção do comum e geram o sentimento de pertencimento (enraizamento) ao território.

A sua participação consiste em responder a uma entrevista que será gravada e conduzida pela pesquisadora em local definido pela/pelo Sra./Sr. A sua identidade será preservada em todas as etapas da pesquisa, garantido o anonimato e a privacidade, caso assim desejar, e a/o Sra./Sr. poderá declinar ou retirar o seu consentimento a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo ou penalização, bem como não responder as questões que julgar improcedentes. Sobre o anonimato, iniciaremos a entrevista com essa definição, ficando a pesquisadora responsável pelo respeito à opção emitida pela/o entrevistada/o.

O tempo despendido para entrevista poderá se estender, se isso gerar algum desconforto, bem como algumas questões, estou à disposição para que alteremos a data e horários da conversa. A pesquisa não possui benefícios diretos para a/o Sra./Sr., mas a sua participação poderá contribuir com a produção de conhecimento sobre os impactos da política pública de habitação no âmbito do Programa Minha Casa Minha Vida e as práticas adotadas pelas/pelos moradoras/moradores para lidar com os desafios cotidianos.

Informo que a/o Sra./Sr. não receberá nenhuma compensação financeira pela participação neste estudo e não terá nenhum prejuízo financeiro. Será assegurado o direito à indenização, caso haja comprovação de algum dano relacionado à participação no estudo.

Esclareço que uma via desse termo assinado em duas vias pela pesquisadora, será entregue a/ao Sra./Sr. Esta pesquisa atende a todas as especificações da Resolução 466, de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

Em qualquer etapa do estudo, a/o Sra./Sr. poderá ter acesso à pesquisadora responsável pela investigação para quaisquer esclarecimentos, por e-mail clarissabm@usp.br, ou celular (13) 99682-7946, ou com o orientador Dr. Bernardo ParodiSvartman no e-mail:

bernardo@usp.br.

Se a/o Sra./Sr., estiver esclarecida/o sobre o estudo e concordar em participar, solicito que assine as duas vias deste termo.

() Desejo que meu nome SEJA mantido em sigilo em quaisquer materiais e publicações oriundos da(s) entrevista(s) concedida(s).

() Desejo que meu nome NÃO SEJA mantido em sigilo em quaisquer materiais e publicações oriundos da(s) entrevista(s) concedida(s).

São Paulo, 30 de março de 2019.

Assinatura da(o) participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE 3

DIÁRIO DE CAMPO – 17 DE JUNHO DE 2019

Escrevo daqui da casa do Marcelo. Na chegada algumas crianças me reconheceram: “a tia da Escola de Transformação”. O Rafa de óculos! Nossa! Como foi bom vê-lo bem, abraçá-lo. Aquela coisa de tia: “como vocês cresceram”.

A caminhada do Artes Bassoli até aqui, passando peça praça onde fizemos o último mutirão, cruzando as ruas por onde já andei tantas vezes... foi nostálgica. Um filme passando diante dos meus olhos. Quem eu era há dois anos? Quem sou agora? O quanto aprendi e ensinei com essas pessoas?

À tarde com as mulheres do Artes Bassoli foi um mix bem extenso de sentimentos. Essa sensação de o quanto nos transformamos no caminho foi uma das mais fortes. Não consigo olhar para alguns pontos e pensar “é isso mesmo”, tem um lado meu que sente vontade de falar, questionar, intervir. Por exemplo, a marca de produtos que está sendo desenvolvida pelo grupo é para ciclistas. Quem são e onde estão as ciclistas que comprarão esses produtos? Definitivamente, não estão no bairro porque as pessoas que moram no bairro não conseguem se deslocar de bicicleta, é tudo tão longe. Pensei de explorar esse tema com elas amanhã.

Uma questão que me deixou dividida foram as perguntas sobre mim: como estão meus pais, onde estou morando. Por que eu não disse que minha relação com meus pais está difícil e os motivos disso? Por que não contei a boa notícia de que estou indo morar com minha namorada? Porque essa não é a Clarissa que elas conhecem, percebo um medo de não ser aceita e isso gerar um impacto negativo na minha relação com elas, o que pode ser negativo para a pesquisa.

Percebi um movimento de reconhecer e valorizar a Escola de Transformação. A importância do projeto para elas estarem juntas hoje, para os aprendizados, etc.

Quando a Renata falou que se não fosse o projeto seria faxineira até hoje e apontou para mim e disse do dia que fui até a casa dela... brinquei “que resposta!” - mas entendi nas palavras dela a importância de alguém lembrar você da sua capacidade de sonhar e realizar seus sonhos.

Depois que Renata Mendes foi embora, a designer que apóia o grupo e havia estado lá colhendo informações para uma matéria que será feita sobre a Reciclista, fiquei com Lindinede, Madalena e Renata, elas crochutando e eu bordando. Esse foi o momento das

perguntas sobre mim. Começamos a falar sobre machismo e direitos das mulheres sem usarmos necessariamente esses termos. Comentamos sobre esposos, filhos, irmãos e pais que não auxiliam no trabalho doméstico e reclamam quando a mulher não faz. Elas contaram de algumas situações e de como têm tentado “ensinar” aos homens da casa que precisam aprender a se virar. Inclusive compartilhamos histórias de familiares que aprenderam na marra. Lembrei muito de Silvia Federici, do que ela fala sobre reprodução da vida e toda a responsabilidade que recai sobre as mulheres.

Fui buscar a Désia na escola com a Lindineide. Foi tão gostoso fazer esse trajeto novamente. Sem precisar me preocupar com materiais a serem comprados pro mutirão “precisa de Nota Fiscal!”, o restaurante onde almoçávamos, o açaí de lanche da tarde... continuam aqui.

Na porta da escola, mães, pais e responsáveis são em sua maioria negras. A escola é pública, o bairro periférico: a cor da pele das pessoas poderia/deveria ser outra?

Na volta ao Artes Bassoli, me preparando para vir ao Marcelo, tentando combinar a entrevista com a Renata, percebi que elas prefeririam falar todas juntas para aproveitar o tempo - não tenho certeza se o delas ou o meu. Fique na dúvida sobre como reagir e topei fazermos juntas.

Dormir no Marcelo foi bem mais tranquilo do que eu imaginava. Estava ansiosa e com medo de misturar as coisas. Pensei que nem conseguiria dormir direito, mas foi de boa, até sonhei - coisas que não me lembro.

No caminho para o Artes Bassoli eu vi crianças na rua, pessoas aparentemente indo trabalhar, com o andar apressado de quem tem horário para cumprir, e três motos da polícia circulando enquanto crianças gritavam: “tchau, polícia!”.

Passei pelo condomínio D e vi Magrão do lado de fora da portaria, acho que ele lembrou de mim, mas a primeira coisa que perguntou foi: “E o Alê?” Perguntei da Ivonete, falamos da praça e então segui o caminho até o espaço do Artes Bassoli.

Havíamos combinado no dia anterior que faríamos um café da manhã especial, elas ficaram curiosas para provar o tal guacamole. Elas ficaram responsáveis por trazer o pão, tomate, cebola e sal. Eu levei o abacate e fiz o preparo. Primeiro nos alimentamos, depois partimos para a “conversa séria”.

DIÁRIO DE CAMPO - OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE - 14 DE SETEMBRO DE 2019.

Me desloquei de ônibus de Santos até Campinas e ao chegar na rodoviária de Campinas pela primeira vez usei o transporte público como meio de locomoção. Fiquei um pouco perdida, pois não sabia que era preciso comprar um cartão, os motoristas (não há cobradores nos ônibus) não aceitam pagamento em dinheiro. Assim que descobri onde comprar o cartão transporte e efetuar a compra me dirigi ao ponto de ônibus que um guarda de trânsito me indicou. Eu deveria seguir até o Terminal do Campo Grande e de lá pegar outro ônibus para o Jardim Bassoli. Para minha surpresa ao entrar no ônibus o cartão não quis passar de jeito nenhum, expliquei ao motorista que havia acabado de comprar, que eu não era da cidade. Vendo essa cena uma mulher que estava no ônibus, acompanhada de um homem e duas crianças, e já havia passado a catraca se aproximou e passou o cartão dela, liberando minha passagem. Agradei, ofereci de pagar em dinheiro, ela não aceitou e então seguimos viagem.

Digo viagem porque realmente é distante, o trajeto cumprido desde o ponto de partida (próximo ao Terminal Rodoviário de Campinas) durou cerca de 50 minutos. Chegando ao Terminal Campo Grande aguardei a linha 215 que vai até o Jardim Bassoli.

Mais 15 minutos de deslocamento e assim, desde que saí da minha casa em Santos, até chegar ao Jardim Bassoli levei cerca de quatro horas. Ufa!

Chegando lá Marcelo me apresentou para integrantes de outros coletivos de Campinas, que constituem junto ao Bassoli dos Nossos Sonhos a Romper - Rede de Organização Militante Periférica, que estavam apoiando na organização do Sarau.

Uma das pessoas que estava no apoio eu já conhecia do período em que a Escola de Transformação estava em ação, pois era uma das responsáveis pela Ocupação Maloca Arte e Cultura, espaço cultural voltado para a população da Vila União, também localizada na região do Campo Grande em Campinas, que a equipe havia visitado em 2017.

Fui com Marcelo e mais uma pessoa que estava dirigindo passar nos comércios do entorno para buscar as doações de alimentos que haviam sido solicitados através de ofícios nas semanas anteriores. A maioria dos comércios oferecia alguma coisa, mesmo que pouco. Porém, as principais apoiadoras eram comerciantes localizados no próprio Bassoli. Em uma delas fomos eu e Marcelo uma vez e o comerciante deu dois pacotes de macarrão. Chegando na casa de Marcelo, onde seria preparado o almoço para as atrações do Sarau, fizemos a contagem da quantidade de alimento e percebemos que faltaria molho de tomate. Me ofereci para voltar ao comércio que havia doado os pacotes de macarrão e checar se poderiam doar os molhos. Chegando lá o proprietário ao me ver perguntou: “é pro pessoal ali da quadra?”, respondi que sim e ele deu dois pacotes de molho de tomate.

Fiquei refletindo sobre o quanto aquele comerciante sabe quem são “o pessoal ali da quadra” ou o que e por que fazem o que fazem. Independente do quanto ele tinha interesse em se envolver e participar dessas atividades, de alguma forma já estava envolvido: o alimento que ele ofereceu completou o almoço.

Voltando à casa do Marcelo fiquei apoiando na preparação do almoço. Primeiramente com uma jovem, moradora do Jardim Bassoli, depois quando ela foi até à quadra organizar o espaço, os equipamentos, ficamos eu e o integrante da Maloca, que já conhecia, finalizando o almoço. Conversamos sobre política, partidos e movimentos sociais, ele foi contando sua percepção sobre a importância das atividades realizadas por coletivos e grupos como o Bassoli dos Nossos Sonhos como estratégia de resistência e enfrentamento às desigualdades e vulnerabilidades.

Depois fui com Marcelo apoiar na fixação das fotos na quadra para a exposição fotográfica, eram cenas do cotidiano no residencial Jardim Bassoli captadas por alguns moradores. Enquanto isso, D. e N., um casal que morava no residencial no período que a Escola de Transformação estava atuando no bairro, estavam jogando carta, conversando e bebendo com um grupo de jovens. Eu havia conversado com ela por whatsapp nas semanas anteriores e contado que estaria no bairro por causa do Sarau e ela falou que iria até lá para nos vermos. Foi muito legal o reencontro, D. apoiou na construção da calçada durante o mutirão na quadra do H em maio de 2017. N. participou da atividade destacada por Renata em sua entrevista, a oficina com o grupo Crique Caiçara, quando aprenderam uma técnica de artesanato com madeira. Além disso, ela havia me enviado nas semanas que antecederam a ida ao Bassoli algumas fotos da participação dela na Marcha das Margaridas, ela estava bastante feliz de ter participado.

Após finalizar a fixação das fotografias, sentei um pouco na quadra para observar a movimentação que se formava. Algumas crianças estavam próximas a equipe que estava preparando a parede e as tintas para fazer a grafiteagem no muro do condomínio G.

Algumas pessoas finalizavam os testes com os equipamentos de som. Em determinado momento emprestei meu celular para que ficasse tocando música enquanto conseguiam um outro aparelho com música para substituir.

Depois da primeira atração do Sarau, eu percebi que já era 16h e precisava me organizar para voltar, queria sair da comunidade antes de escurecer. Já havia estado ali em muitos encontros comunitários à noite, mas dessa vez eu estava sozinha e de transporte público. Já havia combinado com N. e D. que me dariam uma carona até o Terminal Itajaí para que de lá eu pudesse pegar o ônibus até a rodoviária. Após me despedir de Marcelo e das

demais integrantes dos coletivos entrei no carro com N. e D. e percebi que ele estava dirigindo um pouco embriagado, fiquei insegura, mas achei que não conseguiria dar uma desculpa convincente para negar a carona. Fomos conversando até o Terminal, ele reclamando que “o povo não cuida da praça”, ela dizendo “que gostava do Bassoli, mas estava feliz na casa nova”. Na hora de descer eu machuquei a cabeça em uma ferragem da porta do carro, achei que tivesse sido uma batida leve, porém após nos despedirmos percebi que estava sangrando. Foi um corte raso, chegando na rodoviária passei na farmácia e comprei uma pomada cicatrizante. Porém, aquele dia que eu voltava pela segunda vez ao Bassoli, às vésperas (uma semana antes) do exame de qualificação, saí ferida. Não consegui fazer o relato dessa ida à campo no mesmo dia, nem na semana seguinte e então o tempo passou.

Estou aqui, mais de um ano depois, tentando relembrar essa experiência.

Todas as orientações sobre como fazer um diário de campo foram ignoradas, não intencionalmente. Com certeza a riqueza de detalhes seria outra se tivesse sido escrito no calor do momento. Mas não foi possível.

Além disso, pude perceber o apoio que o Coletivo recebe das comerciantes locais, mesmo sem entender muito bem o que o grupo realiza, entendendo que é “para as crianças”, as atividades já ganham um caráter positivo perante o comércio.

DIÁRIO DE CAMPO – 21 DE JUNHO DE 2020.

Hoje faz quase um ano que estive no Bassoli para fazer as primeiras entrevistas. Lembro da ansiedade, da saudade, da alegria e da frustração: foi realmente um misto diverso e intenso de sentimentos.

Revi pelo Instagram a foto do café da manhã com as mulheres do Artes Bassoli e me dei conta que já se passou um ano desse momento e três anos do primeiro mutirão.

Reflico sobre como o tempo é relativo: muito? Pouco? Em relação a que?

Ontem voltei ao Bassoli por motivo de trabalho, bom, mais do que isso, porque estamos vivendo uma crise sanitária, econômica, política e social, ou, melhor dizendo, não sei se o pior que enfrentamos agora é o novo Coronavírus ou o presidente e sua corja miliciana no poder. Fui ao Bassoli com mais quatro pessoas do Instituto Elos para entregarmos kit's de higiene pessoal, materiais para limpeza comunitária e as listas impressas com os nomes das 400 famílias a serem beneficiadas mapeadas pelas lideranças. Além do Jardim Bassoli, Sírius e Vila Abaeté, os outros dois residenciais participantes da Escola de Transformação, foram contemplados com esses materiais.

Foi muito especial ir até os residenciais e testemunhar o carinho e cuidado das

moradoras e lideranças com os espaços coletivos construídos e/ou reformados a partir dos mutirões. Alguns dias antes de irmos recebemos mensagens com fotos de mutirões de limpeza e replantio nos jardins, um recado de que estavam preparando o espaço para a nossa visita. Na Vila Abaeté fomos recepcionadas com um café da manhã de pães e bolos, carinhosamente preparado pela D. Vilma. Vera, presidente da Associação de Moradores da Vila Abaeté e Região (AMAR), comentou sobre os desafios de ser uma das principais lideranças do bairro: “não quero parabéns, quero ajuda.”, ela disse ao se referir a uma situação em que reuniu um grupo de moradoras para podar e limpar os canteiros do residencial e ouviu de muitas moradoras “parabéns”, mas não teve o apoio concreto dessas pessoas.

No Síríus a questão do alcoolismo e violência ficaram escancaradas logo na chegada. Ao comentar com Suzana, uma das lideranças locais, sobre o piso novo instalado no espaço comunitário ela me conta: “uma pena que o senhor que fez essa obra para nós morreu, uma tristeza: morreu de tanto que apanhou, estava devendo.” Na sequência um rapaz e sua esposa, que participaram dos mutirões, veio cumprimentar, chegando perto para abraçar, tive que colocar o braço para frente e explicar que não podemos abraçar. Ele e ela estavam sob efeito de álcool, enquanto o filho de aproximadamente 5 anos estava pela volta brincando.

No Síríus acompanhamos a entrega de cerca de 60 cestas básicas. Apesar da tensão pelo fato de muitas moradoras estarem sem máscara e não respeitando o distanciamento foi bacana reencontrar pessoas queridas, como Maria, que junto à Suzana organiza e realiza atividades para as crianças. Maria é um exemplo de liderança afetiva. O encontro comunitário que realizamos durante a Escola de Transformação que mais reuniu moradoras no Síríus foi mobilizado por ela, que saiu pelo residencial conversando e chamando pessoas. Foi nesse encontro que conhecemos Robson e Alexandre, moradores que tinham iniciativas de esporte e música, respectivamente, e assim como Maria e Suzana foram apoiados através do fundo semente.

No Jardim Bassoli combinamos de encontrar com Marcelo na escola estadual Antonio Carlos Lehman. Lá estavam também Lucimara (mãe de Marcelo), Louise (filha de Lucimara), Hildebrando (liderança comunitária do Jardim Bassoli) e o diretor da escola. Essa é a mesma escola que visitamos no início de 2017. Hildebrando contou sobre a finalização das obras do posto de saúde e Lucimara relatou o estado de saúde de sua filha Estela que está se recuperando de algumas cirurgias.

DIÁRIO DE CAMPO – 18 DE OUTUBRO DE 2020.

A ida até Campinas foi marcada por imprevistos. Logo no começo do dia meu celular adiantou automaticamente o horário. Então, todo o processo de ida de São Paulo até Campinas se transformou em desentendimento com minha namorada, que viajaria comigo, e o aumento nos custos da viagem. Havíamos alugado um carro em Santos no dia anterior e viajado até São Paulo para que no dia seguinte a distância a ser cumprida entre minha residência e o Jardim Bassoli fosse reduzida, evitando que precisasse pegar a estrada tão cedo no dia da entrevista.

Porém, meu celular adiantou uma hora e minha namorada, que estava com carro, não atendia minhas ligações. Sem cogitar a possibilidade de que o problema estivesse no meu celular, chamei um Uber, uma hora antes do previsto e parti rumo à Campinas, duplicando os gastos com essa ida à campo e sem saber ao certo qual seria o meio de transporte para a volta. Vinte minutos depois minha namorada ligou, sem entender o que estava acontecendo e ao checar o horário com o motorista do Uber compreendi que meu celular havia sido “premiado” com a atualização automática para o horário de verão, cancelado pelo atual presidente.

Descrevo esse episódio porque foi gerador de bastante tensão e tive que me esforçar muito para respirar, manter a calma e concentrar no objetivo inicial da ida à campo: realizar as entrevistas e entregar a transcrição das entrevistas já realizadas para as moradoras.

No trajeto de São Paulo à Campinas, da casa de Carol (amiga que me acolheu nessa noite de véspera de entrevista, com os níveis de ansiedade e nervosismo bastante altos) à casa de Fabi, havia avisado Fabi que chegaria um pouco antes do horário combinado e ela achou ótimo, pois o irmão havia lhe “intimado” a apoiar na preparação de uma feijoada para celebrar o aniversário dele.

Chegando lá nos abraçamos, foi difícil evitar, fazia mais de dois anos que não nos encontrávamos pessoalmente. Ela comentou sobre a feijoada para o irmão, comentamos sobre a pandemia, ela falou sobre os filhos, o mais velho que está servindo ao quartel e o mais novo que já está com quase 7 anos. Falamos também sobre algumas cestas básicas e cartões-alimentação que foram disponibilizados pela organização que trabalho para o Jardim Bassoli. Nesse momento reforcei que eu não estava a par desse processo justamente porque ainda estava realizando os contatos e as entrevistas do mestrado e achava importante não misturar as coisas. Ela me contou sobre os desafios da vida de síndica e das atividades coletivas que têm participado em outros bairros. Entreguei a ela duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pedi a ela que lesse e assinasse se estivesse de acordo. Enquanto ela lia eu fui ao banheiro e na volta ela quis confirmar se havia assinalado corretamente a questão sobre a

confidencialidade, ela disse: “pode botar meu nome aí, não tenho nada pra esconder, não.” Testamos o microfone e o gravador e iniciamos a entrevista.

Enquanto conversávamos Carlos, seu filho mais velho saiu do quarto e foi até o banheiro, mas não tivemos nenhum contato.

Na última parte da entrevista Fabi contou sobre a ação de limpeza que está sendo realizada na praça e a convidei para ir até lá comigo e me apresentar o morador ao qual ela se refere, o Johny. No caminho até a praça Fabi foi me mostrando alguns pontos do condomínio nos quais ela implementou melhorias, especialmente os jardins, as escadas com as toras de madeira que sobraram da reforma estrutural das escadarias dos prédios e as mudas de árvores que ela plantou.

No curto caminho até a praça encontramos com Lindineide que me perguntou se eu estava indo embora. Respondi que não, estava indo até a praça e em seguida iria na casa dela, completei. Ela disse que teve de dar uma saída, mas havia deixado Antônio, seu esposo, avisado de que se eu chegasse pedisse aguardar que ela já voltava. Nos despedimos e eu e Fabi seguimos até a praça.

Chegando lá ela me mostrou as mudas de árvores que foram plantadas recentemente, as quais ela se referiu durante a entrevista. Comenta sobre o pé de flamboyant (que é o seu “queridinho” desde a intervenção que realizamos na praça e o plantamos lá, em fevereiro de 2018) e um “ataque” que ele sofreu por parte das crianças, que ao se pendurarem em um galho o quebraram. Ela se colocou como “guardiã” da praça e das árvores e destacou a importância de Ivonete (a quem ela se referiu como vizinha do D) que fica da janela do seu apartamento chamando a atenção das crianças que agem de forma descuidada com os brinquedos do parquinho e com as árvores. Achei curioso Fabi se referir à Ivonete e à atitude das crianças porque reforça a fala de Lindineide e Renata na entrevista realizada em junho de 2019, na qual comentaram sobre a atitude das crianças e a atitude de zelo com a praça desempenhada por Ivonete.

Fabi então me apresentou Johny (grafiteiro, morador do condomínio “E”) e Paulo (morador do condomínio “C”). Ambos estavam com rastelo e vassoura na mão, limpando a praça. Paramos para conversar um pouco, especialmente com Johny que comentou a quanto tempo mora no residencial, as atividades e projetos que desenvolve e detalhou o sonho de trazer grafiteiros de outras cidades do estado para fazer um evento de pintura dos muros do Bassoli. Conversamos sobre a viabilidade dessa ideia, formas de buscar apoio e recursos para transformá-la em realidade e resaltei a escrita de editais, comentei sobre algumas oportunidades, a resposta de Johny foi de que tem pouco tempo para escrever editais, pois está

sempre fazendo coisas.

Na praça me despedi de Fabi e voltei ao condomínio C para falar com Lindineide, entregar a ela a entrevista de junho de 2019 transcrita e as três perguntas adicionais.

Lindineide diferentemente de Fabi não me abraçou e manteve certa distância, comentei com ela que entendia sua postura e estava tudo bem para mim. Conversamos sobre os desafios enfrentados com a pandemia: o medo de se contaminar, a falta de trabalho, o isolamento, a necessidade de apoiar Désia com as tarefas da escola. Nesse momento eu me recordei que Antônio é não letrado e Lindineide tem dificuldade de leitura e escrita. Fiquei imaginando que Désia, assim como outras milhares de crianças brasileiras, poderá ter dificuldades para aprender e não contará com uma pessoa adulta na sua casa para apoiá-la. Ela, em algum momento, será a pessoa com mais tempo de escola que todas as demais integrantes da família.

Lindineide e Antônio mostraram os artesanatos feitos de barro (coletados em terreno baldio da vizinhança) e se divertiram contando das “artes” feitas durante o período de isolamento. Antônio contou que voltou a trabalhar, porque as obras continuaram e ele não podia abrir mão do pagamento para poder manter as contas em dia. Comentamos sobre as obras na escadaria e ele trouxe a vontade de fazer uma sacada nos apartamentos. Com seu conhecimento sobre a estrutura do prédio a partir do trabalho como mestre de obras explicou que seria possível, sim, construir uma sacada com segurança, sem comprometer a parte estrutural do edifício.

Pedi a Lindineide que lesse a transcrição da entrevista e que me enviasse as respostas das perguntas extras, ao fim do documento, por áudio pelo whatsapp.

Saindo da casa de Lindineide Maria, que seria entrevistada no período da tarde respondeu minha mensagem cancelando a entrevista. Contou que passou mal no meio da noite e teve que ir ao hospital. Ao ser liberada, depois de fazer exames e tomar medicação, foi para a casa da irmã em Hortolândia.

Dessa forma, encerraria as atividades no dia um pouco mais cedo. Avisei minha namorada que viria de São Paulo à Campinas para que voltássemos juntas para Santos. Nesse momento minha namorada avisou que estava passando mal do estômago, com enjôo e provavelmente não conseguiria vir me buscar. Fiquei tensa e nas próximas horas tive que fazer um grande esforço para estar presente e oferecer a atenção plena necessária para as próximas conversas.

Cheguei no apartamento de Renata e ela e Madalena haviam preparado o almoço, salada, macarrão, arroz, feijão e frango. Nesse momento eu já estava bastante enjoada, não

havia comido quase nada, tinha vivenciado todo o stress dos imprevistos da manhã e agora essa indefinição de como voltaria para casa.

Com Renata e Madalena também teve abraços e Gigi, filha de Renata, quis me mostrar seu quartos, as bonecas, os brinquedos e ficamos montando quebra-cabeça em um aplicativo de celular. Nesse momento pouco conversei com Renata e Madalena, elas ainda estavam finalizando o preparo do almoço. Conteí da situação pela manhã e no momento que falei “namorada” percebi que elas ergueram a sobrancelha. Na última vez que nos encontramos não falamos sobre isso, e na verdade, minha vida amorosa/afetiva nunca havia sido debatida.

Uma vizinha chegou e ficou para almoçar, aparentemente, essa visita também estava planejada. A vizinha ficou comentando da Igreja, de como estava melhor agora, se achando bonita, etc. Renata da cozinha, perguntou a mim: “você lembra, Clarissa, daquela vizinha que comentávamos que estava afundada nas drogas, é ela.” disse apontando para a vizinha. O marido de Renata saiu do quarto em determinado momento e nos cumprimentamos à distância, em seguida o filho de Madalena e o filho de Renata chegaram para almoçar. Fiz um prato com salada e sentei no sofá para comer, Madalena insistiu para que eu sentasse à mesa e eu insisti que ela sentasse. No final, ficamos nós duas sentadas no sofá e o esposo de Renata, o filho de Madalena e a vizinha sentados à mesa.

Eu seguia um tanto enjoada, mas o prato de salada consegui comer tranquilamente. Porém, na hora que tentei comer a “mistura”, não teve jeito, o enjôo só aumentava. E a vizinha me olhava com curiosidade e desprezo ao mesmo tempo, não sei explicar, mas eu estava bastante incomodada. As falas sobre a igreja, sobre o pastor, sobre “ficar bonita para ir à igreja e encontrar um namorado”, as reclamações sobre a patroa “neurótica” por limpeza e as estratégias utilizadas para lidar com os desafios dessa relação, eu me esforçava para não prestar atenção no que estava sendo dito, porque sabia que minha expressão facial ao ouvir tais assuntos, aliada ao enjôo, não deveria estar muito animadora. Tentei focar no quebra-cabeça com Gigi, até que todo mundo terminasse de almoçar e Renata e Madalena pudessem conversar comigo.

Quando os familiares e a vizinha se retiraram, Madalena e Renata finalmente sentaram no sofá para conversarmos. Mostrei a elas as páginas da entrevista de junho de 2019 transcritas, pedi a elas que lessem e me sinalizassem se tem algum trecho que preferem que eu exclua ou se tem algo que gostariam de acrescentar. Avisei que ao final haviam algumas perguntas extras, que elas poderiam responder depois via áudio de Whatsapp.

Elas seguiram contando sobre o momento atual em relação ao projeto de artesanato, Reciclista, as marmitas que cozinham para moradoras de rua e os desafios com a pandemia.

Depois que Renata já havia começado a falar me atentei que seria melhor gravar e pedi licença para ligar o gravador do celular. Ela perguntou se precisava começar novamente a contar e eu disse que não.

Após nossa conversa, chamei um Uber e fui até a rodoviária de Campinas, nesse momento o nível de frustração já estava no auge. Aluguei o carro em Santos para ir até Campinas, calculando os gastos e, também, evitando me expor a locais de grande circulação de pessoas devido a pandemia de Coronavírus, e lá estava eu, já havia gastado quase o mesmo valor da locação por dois dias do carro somente com a ida de São Paulo à Campinas e agora estava prestes a entrar em um ônibus lotado de gente, com janelas fechadas e ar condicionado ligado para uma viagem de quase duas horas.

A despedida com Renata e Madalena foi tranquila, Gigi queria que eu ficasse mais um pouco para brincar e eu disse a ela que não estava bem e precisava muito ir para minha casa descansar. Ela me olhou e disse: “mas fazia muito tempo que eu não via você, eu estou com saudade” Por alguns segundos fitei aqueles olhinhos, tomei coragem e disse: “sinto muito, querida, eu gostei muito de montar quebra-cabeça e ver suas bonecas, mas agora eu realmente preciso ir”.

Naquele momento o que eu gostaria mesmo era que existisse teletransporte e eu pudesse com a força do pensamento chegar na minha casa, na minha cama e pudesse ficar lá, deitada em posição fetal, até que a sensação de incapacidade, inadequação e impotência sumissem, num passe de mágica.

O que aconteceu foi que o motorista do Uber que me levou do Jardim Bassoli até a rodoviária era um PM afastado que ficou pedindo minha opinião sobre a corporação, “pode ser honesta”, dizia ele. Achei que pudesse rolar uma boa conversa, mas ao final ele estava dizendo que PT e Bolsonaro são dois extremos e um sustenta a existência do outro. Ainda bem que quando chegou nesse ponto do papo estávamos na esquina da rodoviária. Eu só falei que ele certamente não entende de política para falar uma coisa dessas. Agradei a viagem e desci.

A próxima partida para São Paulo seria em 30 minutos, tive um tempo para fazer algumas anotações, comer uvas (que haviam sido meu “café-da-manhã”) e começar a me distanciar do Jardim Bassoli. Agradecer as experiências vividas lá e retomar o contato comigo mesma, com o que estava sendo aquele dia. O que aquela sequência de imprevistos, enjôos, estavam tentando me dizer?

Em um trecho do percurso ainda na área urbana de Campinas o ônibus parou para o embarque de uma passageira adulta e uma criança. No ponto de embarque ficavam uma adulta

e uma criança acenando para as que embarcaram. A criança que ficou chorava e olhava a que partia com uma expressão triste. Acenava, acenava... chorei assistindo a cena e choro relembrando. Como é difícil ver alguém que você ama partir! Será que essas criança eram amigas? Primas? Haviam passado o final de semana juntas e agora se despediam? Diversas perguntas passavam pela minha cabeça e eu ia imaginando e construindo possíveis histórias de amizade e carinho entre essas crianças. Minhas reflexões giravam em torno do impacto do isolamento social para a vivência dos afetos e desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Não dormi em momento algum da viagem. Cheguei ao Tietê e em seguida minha namorada chegou. Não nos encostamos, minha sensação era de que eu precisava tomar um banho longo, muito longo, para tirar toda aquela camada de frustração e todas as possibilidades que aquele dia imprevisível havia me trazido de estar contaminada pelo coronavírus.

Assumi a direção e seguimos na estrada, para nosso azar a Imigrantes estava fechada, então tivemos que descer a serra compartilhando a rodovia com caminhões e ônibus. Quando terminamos o trecho de serra foi quando minha voz começou a voltar. Até então eu parecia emudecida, o que para quem me conhece sabe que é raridade.

Tudo que vivi nesse 18 de outubro me levou para um lugar muito escuro e solitário, um ponto da minha história na qual não me sentia segura em momento algum, com pessoa alguma, momento em que me sentia ameaçada e não me permitia confiar em ninguém, momento em que eu achava que era a única e maior culpada pelas coisas ruins que me aconteciam.

Cheguei em casa e tomei um longo banho com as lágrimas escorrendo junto com a água e me permiti seguir chorando, chorando, chorando

Dezoito de outubro não foi somente uma ida à campo, foi uma epifania, uma oportunidade de encarar traumas, que já tinham sido abordados nos mais de sete anos de terapia, de forma muito intensa. Consegui escrever esse relato somente no dia 5 de novembro me sentindo grata por ter vivido cada momento daquele dia, com aquelas pessoas, com os enjôos e imprevistos e ter redescoberto a ser humana potente que posso ser. Sorrio ao perceber o quanto essa escrita parece as baboseiras de auto-ajuda as quais abomino, mas fico muito feliz de saber que essa experiência de mestrado, desde o início um processo de superação, esteja sendo o que ela tinha que ser: uma possibilidade de confrontar saberes e vivências e transformar isso tudo em algo maior do que eu ou qualquer pessoa envolvida nessa história pudesse prever.

APÊNDICE 4

